

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

OLIVEIRA LIMA da Academia Brasileira	A Revolução pernambucana. 115
ALBERTO DE OLIVEIRA da Academia Brasileira	Galatéia. 133
VICTOR GODINHO	O problema da alimentação 139
F. BADARO'	Cães e veados 147
FRANCISCA JULIA	Sonetos 151
HUMBERTO DE CAMPOS	Os Aturés 153
MEDEIROS E ALBUQUERQUE da Academia Brasileira	Livros... 158
ALBERTO SEABRA	Os versos aureos de Pythagoras. 172
FIRMINO COSTA	Vocabulario analogico . 184
LABIENO	Machado de Assis . . . 195
COLLABORADORES	Resenha do mez 202

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 14 - ANNO II

VOL. IV

FEVEREIRO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Lafayette Rodrigues Pereira - Fins da educação sob o ponto de vista brasileiro (*Carlos da Silveira*) — Movimento literario — Fagundes Varella (*Alberto de Oliveira*) — O problema militar (*P. P.*) — Os fumadores de maconha no Brasil (*Rodrigues Doria*) — Na penitenciaria de Buenos-Aires (*Celso Vieira*) — O serviço sanitario nos Estados Unidos — Anthero de Quental nos Estados Unidos — A escola rural nos Estados Unidos — Jogos floreaes luso-brasileiros — A questão do latim — A hygiene do trabalho intellectual — Religião e Sport — Como se nasce — Publicações recebidas — As caricaturas de mez — **ILLUSTRAÇÕES**; Retratos de Lafayette Rodrigues Pereira e Alberto de Oliveira — Um autographo do Imperador D. Pedro I.

As assignaturas começam em qualquer tempo

e terminam em Junho ou Dezembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos indit os

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA

REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

ALFREDO PUJOL

SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 - TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

LAMPADAS

SOCKETS SWITCHES

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . . £ 2.000.000

„ realizado. . . . £ 1.000.000

Fundo de reserva . . . £ 1.000.000

Succursaes em : BAHIA,

RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,

ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Traversa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angelica, 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Cons.: R. Quintino Bocayuva n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel., 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças** — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Corretores officiaes — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

CORRETOR OFFICIAL — JAYME PINTO NOVAES — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738 — Compra e venda de apolices do Estado, Accções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA—Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emilio Rocco — Novidades em case-mira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

ALFAIATARIA—Donato Plastino — Emprega só fazendas estrangeiras — Rua do Thesouro, 3 (1.º andar) — S. Paulo.

INDUSTRIAS E IMPORTADORES:

C. MANDERBACH & COMP. — Papelaria, typographia, encadernação—Telephone 792—Caixa 545 — Rua S. Bento, 31. — S. Paulo.

A INTERNACIONAL — Grande Fabrica de Malas e Canastras Officina para concertos. — Domingos Macigrande. — Rua São João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caute-las de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo — A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

Loteria de S. Paulo

Em 16 de Março

100:000\$000

Em 2 grandes premios de 50:000\$000

INTEIRO 4\$000 = MEIO 2\$000

Os bilhetes estão á venda em toda parte

BEBAM

WHISKY DEWAR
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escóssia produz

— e —

AGUA MINERAL

Perrier

O
INIMIGO DO
ACIDO URICO



A
CHAMPAGNE DAS
AGUAS DE MESA

“WHITE LABEL” and “PERRIER”
AN IDEAL COMBINATION

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

ROBES & MANTEAUX

Lingerie de Luxe, Blouses, Troussesaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fornitures pour Modes

Rua 15 de Novembro, 30

São Paulo - Paris

Casa Tolle

FABRICA DE BONBONS
FINOS, CHOCOLATES E
LICORES

A UNICA FABRICA QUE EX-
PORTA CHOCOLATE PARA A
EUROPA.

Rua Piratininga, 27
Caixa do Correio, 201
S. PAULO

Casa fundada em 1895

PRAZO DEZ MEZES
JUROS MODICOS



Emilio Israel & C.

Casa de Emprestimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8
Telephone N. 1195
End. Telegr.: EMISEL
SÃO PAULO

PLACAS
ESMALTADAS
E DE METAL

*Massucci Perazzo
Nicolli*

TELEPH. 3641

GRAVURAS
CARIMBOS
DE BORACHA
FORMA PARA SABONETE



ESCRITORIO · Rua Florencio de Abreu 52
FABRICA · Rua dos Alpes 79 S. PAULO

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS:

Anno, 40\$000

Semestre, 20\$000

Para os julzes, promotores e delegados de pollicia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SÃO PAULO

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511
ESTABELECIMENTO DE 1.^a ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,
Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO



WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Telegr. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO
GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANI-
ZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; OLEO [DE LINHAÇA E
TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS;
BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA. ETC.

AGENTES

da **Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIAN-
ÇA"** de LONDRES (**Alliance Assurance Co. Ltd.**)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The
Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B.
White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd.
de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de
Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras mar-
cas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marca "CABEÇA DE CA-
CHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val
de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de
Johnson Clapham & Morris - Manchester.

REVISTA FEMININA

Directora: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

S. PAULO—Rua 15 de Novembro, 33 (sobre-loja)—Telephone, 5661

A REVISTA FEMININA é uma publicação dirigida exclusivamente por senhoras e que se dedica com especial interesse a todos os assumptos femininos.

Recommenda-se especialmente pelo criterio com que é dirigida, contendo leitura escolhidissima e de moral impecavel, pelo que é a verdadeira revista do lar, que pôde ser lida por senhoras e senhoritas. Chrysanthème, a chronista das segundas-feiras do "Paiz" do Rio de Janeiro, referindo-se á "Revista Feminina", escreveu:

"NÃO HA NENHUMA OUTRA QUE A IGUALE. — TODAS AS SENHORAS BRASILEIRAS DEVEM LEL-A E DAL-A A LER A'S SUAS FILHAS"

SECÇÕES de modas, bordados, trabalhos de agulha, artes applicadas, metaloplastia, pyrogravura, estanho repoussé e outros.

SECÇÕES de educação social, de educação privada.

SECÇÕES de hygiene domestica, hygiene alimentar, hygiene do vestuario.

SECÇÕES de ornamentações, estylo e decoração.

AMOSTRAS de trabalhos, figurinos e modelos.

RECEITAS originaes de fogão e forno.

SERVIÇO completo e perfeito de remessa para o Interior e artigos para trabalhos.

A assignatura custa apenas 7\$000

Um numero specimen remetteremos a todas as pessoas que nos enviem este coupon da "Revista do Brasil" e 600 réis em sellos do correio.

Dirijam suas cartas á Directora
VIRGILINA DE SOUZA SALLES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 (sobre-loja) — S. PAULO

Vicente Lattuchella
Alfaiate

RUA BÔA VISTA, 56

S. PAULO

CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA



LOUÇAS, VIDROS,
FERRAGENS DE COSINHA

VENDAS A VAREJO

E POR ATACADO

CASA FRANCEZA

DE

L. GRUMBACH & C.^{IA}

RUA S. BENTO, 89-91 S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS DO

O ESTADO DE S. PAULO

EXECUTA-SE QUALQUER
TRABALHO TYPOGRAPHICO

RUA 25 DE MARÇO, 145

TELEPHONE 725 S. PAULO



A REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA

Como se sabe, o eminente historiador dr. Oliveira Lima está preparando uma edição da Historia da Revolução de 1817 do Padre Muniz Tavares acompanhando o texto de notas. Do valor excepcional dessas notas poderão os leitores ter uma idéa pela publicação de algumas que hoje fazemos. São as que se seguem:

V

A população da capitania de Pernambuco, abrangendo politicamente a de Itamaracá e administrativamente a do Rio Grande do Norte — o Ceará fôra desannexado no começo do seculo XIX — devia orçar por 600.000 habitantes disseminados sobre uma superficie de mais de 10.000 leguas quadradas, segundo o calculo do auctor anonymo de um curioso manuscripto sobre as *Revoluções do Brasil* de que apenas se salvaram alguns capitulos dando uma *Idéa geral de Pernambuco em 1817*, os quaes foram publicados na *Rev. do Inst. Arch.* n. 29, anno de 1884. Este auctor, ao que diz, teve em suas mãos as listas officiaes, mas reputa mui difficil formar juizo pelos mappas que os governadores exigiam todos os annos dos capitães-móres e parochos das freguezias, afim de os remetterem á Secretaria d'Estado.

As proprias familias escondiam o numero exacto de filhos pelo horror ao recrutamento para serviço militar, e os parochos e capitães-móres tambem diminuiam intencionalmente o numero dos habitantes para evitar, aquelles, a divisão das suas freguezias e portanto a redução das congruas; estes a criação de novas villas e portanto o cerceamento da area da sua auctoridade.

Para mostrar que Pernambuco era a capitania de população mais mesclada e mais pobre de gente branca, o referido autor, de sentimento muito portuguez, muito anti-patriota, e que não poupa o ardor da sua maledicencia avaliava o numero dos negros captivos em 260.000, dos negros livres em 60.000 e dos mulatos em 160.000, contra 50.000 brancos e 40.000 indios. A população escrava crescia sobretudo pelo trafico e constituia todo o elemento de trabalho, rural e domestico.

Nos campos a população livre era representada, na zona das mattas, pelos senhores de engenho, pelos lavradores meieiros na producção e pelos moradores, foreiros ou não. Tollenare (*ob. cit.*) tantos elogios tem para os segundos, cuja diligencia e dignidade lhe pareceram communs e dizia apreciar, como desprezo pelos terceiros, que achava no geral preguiçosos e servis, e que os não impedia de serem occasionalmente vingativos, precavendo-se contra elles os donos das terras expostos a tal perigo. Os lavradores personificavam uma tendencia para a burguezia; os moradores formavam o povo. O chamado sentimento aristocratico não podia ser espalhado nem genuino n'uma sociedade onde não existiam certos privilegios, nem titulos de nobreza colonial, nem grandes riquezas accumuladas. O que assim litterariamente se chamava era antes o orgulho da primazia ou da tradição, revelando-se pelo gosto do dominio, que a instituição servil robustecia. As proprias democracias podem ser orgulhosas e dominadoras, e o Brasil era socialmente uma democracia si bem que se encaminhando para uma oligarchia politica, que o Imperio não deixou medrar com o viço a que aspirava.

Na cidade o elemento commercial era o mais importante, excedendo o burocratico. O amor ao ganho figura como seu traço capital, mas para pôr em circulação os lucros aferrolhados, contavam-se dous poderosos incentivos: o jogo e a libertinagem. Naturaes do Reino, os negociantes do Recife inclinavam-se naturalmente para o sentir portuguez em materia politica, a qual no caso em questão se não podia separar da materia economica. O antigo regimen de exclusivismo lhes era por isso sympathico, o que levava o observador francez a registrar nas suas notas semanaes: "Certo é difficil ser-se ao mesmo tempo rei de Portugal e do Brasil, e agir paternalmente para com dous povos que teem interesses tão oppostos. Um não pode viver sem o monopo-

lio; o progresso do outro exige a sua supressão". O Recife tinha então para mais de 25.000 almas; Olinda menos de 4.000.

Um outro elemento da população, e este bem nacional, era o dos sertões, representado pelos plantadores de algodão, predominantes na zona denominada agreste, e criadores de gado, cuja prosperidade tinha por inimigo as seccas.

Abrangia esta ultima classe os donos de sesmarias de 6, 8 e 10 leguas quadradas, onde 4 a 6.000 animaes por fazenda andavam soltos nas brenhas, e seus dependentes, gente toda robusta e destemida, sabendo tanger o gado e reunil-o para marcar-o, abatel-o para aproveitar-lhe os couros e seccar a carne ao sol, ou conduzil-o em boiadas para o littoral (*Tollenare ob. cit.*)

Estes sertanejos completavam o esboço da classe media pernambucana, outrosim formada pelos agricultores fixados nas terras dos grandes proprietarios, pelos caixeiros e pelos empregados publicos, numerosos e mal pagos estes ultimos, mas accusados de ajudar com os fructos do peculato e da corrupção os magros salarios que lhes andavam attribuidos. Era gente toda ella pouco apta a comprehender os motivos de ordem moral jacentes sob a erupção de um movimento autonomista, mas habilitada a apreciar as razões, verdadeiras ou tendenciosamente adduzidas, de ordem material, que o provocavam. Aos espiritos illustrados ficava reservada a convicção da justiça de semelhante movimento: outros muitos, porém, a applaudiriam por instincto, ou, como se poderia dizer mais rigorosamente e mais pretenciosamente, pela acção do sub-consciente.

XI

"Os sacerdotes formavam a classe mais instruida do paiz, e por este proprio facto se aninhava entre elles o mais vehemente amor á liberdade" — observava o annotador d'esta *Historia* na sua monographia sobre o desenvolvimento historico de Pernambuco. Uma semana depois da sua chegada a Pernambuco o francez Tollenare, indo jantar a Olinda com os carmelitas descalços do convento de Santa Thereza, já registrava nas suas notas que "não era essa a primeira vez que notava que entre os frades,

mesmo mendicantes, se encontrava mais espirito e instrucção do que nas outras classes”.

Presunha elle portanto que “não era senão n’esta superioridade de conhecimentos que se devia procurar a causa da manutenção da sua existencia em meio da opinião geral que reclamava a sua suppressão, opinião que tinha penetrado das classes elevadas ás medias e que se manifestava em todos os estados portuguezes com a maxima liberdade”.

Tollenare diz que teve por essa occasião de fazer frente ao guardião e a um outro frade, aos quaes nenhuma das circumstancias da Revolução Franceza era estranha, mostrando suas infundáveis controversias a erudição que possuíam e o desejo de instruírem-se de que se achavam animados. A politica européa era a sua mania, commenta o francez, e podemos ajuntar ser frequente o traço.

A revolução de 1817 póde quasi dizer-se que foi uma revolução de padres: pelo menos constituíram o seu melhor elemento, o que mais provas deu de sinceridade, de isenção e de devotamento, aquelle onde se recrutaram, com poucas excepções, seus dirigentes. A lista dos que participaram no movimento e soffreram pelas idéas que tinham feito suas, encontra-se reproduzida de Antonio Joaquim de Mello, no estudo do sr. Mario Mello sobre a *Maçonaria e a Revolução republicana de 1817* (*Rev. do Inst. Arch.*, n. 79, vol. XV, 1910). Abrange no seu avultado numero conegos e governadores do bispado, vigarios, coadjutores, regulares e seculares, dos quaes dous se suicidaram, quatro foram suppliciados e muitos condemnados á pena de prisão na Bahia.

O cathecismo liberal imbuira de tal modo o clero nacional que o governador do bispado, deão Manoel Vieira de Lemos Sampaio, chegaria a publicar uma pastoral em que declarava não ser a revolução contraria ao Evangelho, porquanto a posse e o direito da Casa de Bragança eram fundados n’um contracto bi-lateral, estando os povos desobrigados da lealdade jurada por ter sido a dymnastia quem faltou primeiro ás suas obrigações. Era esta, em sentido diverso, a doutrina invocada nas colonias hespanholas, nomeadamente em Buenos Aires, para justificar o grito da Independencia. A fidelidade era devida ao Rei, suzerano directo das colonias, não á metropole: o laço era

portanto pessoal e desapparecera, visto que o Rei se achava, se bem que sem culpa propria, coacto, preso e deposto.

Padres assim politicos não podiam ser sacerdotes de vida canonicamente exemplar. Amancebados muitos delles, davam o mau exemplo e o numero de ecclesiasticos desordeiros não era tão limitado quanto o exigiria a disciplina. Aliás a vida monastica, theoricamente contemplativa, já pouca seducção exercia. Koster, ao descrever o raro espectaculo a que assistiu, no convento de São Francisco de Iguarassu, da profissão de um noviço, observa que em outros tempos havia pelo menos um frade em cada familia, mas que as cousas tinham mudado, preferindo os rapazes outras occupaões. Não havia mais na capitania convento algum cheio e alguns mesmo tinham sido abandonados. O noviço, que não tinha mais de 16 annos, parecia intimidado. Recommendo-lhe o guardião que não tivesse vergonha, commentou por gracejo um dos assistentes que a pouca vergonha era de facto a regra da Ordem. (Koster, *ab. cit.*)

XXIII

As idéas republicanas no Brasil são, pode dizer-se sem risco de incorrer em inexactidão, o resultado directo das suas sociedades secretas, algumas d'ellas disfarçadas com o nome de *academias*, devendo englobar-se n'essas instituições de character revolucionario as lojas maçonicas, importadas do estrangeiro, rebentos de arvores europeas, ou meras creações originaes, americanas. As chamadas academias não eram portanto mais, como o tinham sido no seculo XVIII as bahianas, dos Esquecidos e dos Renascidos, o reflexo ou a imitação local das que tinham constituido a feição intellectual portugueza desde os fins do seculo XVII e vieram a tornar-se predominantes no seculo immediato, quando o conde da Ericeira, prototypo do erudito academico, amontoava na bibliotheca do seu solar 43 volumes escriptos do seu punho e o duque de Lafões, um lettrado cosmopolita, e o abbade Corrêa da Serra, um botanico notavel, fundavam a Academia Real das Sciencias de Lisboa.

A historia das academias recifenses é obscura e faltam dados precisos para reconstituil-a, como seria mister. Não se co-

nhece melhor a do denominado areopago de Itambé, de que teriam derivado as academias Suassuna e do Paraizo e que se julga (Mario Mello, *A maçonaria no Brasil, Prioridade de Pernambuco*, Recife, 1909) haver sido creada antes de 1800 sob a inspiração e direcção do sabio Manoel de Arruda Camara que regressára da Europa ao findar o seculo XVIII.

A cultura espiritual, fructificando n'um meio colonial que tendia a nacionalizar-se n'uma marcha agora accelerada, numa época de transformação mental como era essa, não podia deixar de conduzir as intelligencias á solução da independencia sob a forma democratica, que era a solução preconizada nas sociedades secretas do Velho e do Novo Mundo, nas quaes, a par da liberdade se ensinavam a igualdade e a fraternidade. O sr. Mario Mello recorda a este proposito a phrase do deão Bernardino Luiz Ferreira Portugal, que foi quem fez a entrega da bandeira aos revolucionarios em armas: "O nosso Pai que está nos céus creou livres todos os homens (*A Maçonaria e a Revolução republicana de 1817*, na Rev. do Inst. Arch., vol. XV, n. 79).

Nas sessões d'essas sociedades pernambucanas, que reuniam sacerdotes, elemento de illustração e mais impregnado de nativismo politico que de universalidade religiosa, medicos e outros cultores das sciencias naturaes, e capitães-móres abastados e emproados, se discutiam á luz dos novos principios de direito natural os assumptos de politica geral e as condições particulares da colonia, procurando-se congraçar suas aspirações com idéaes da epocha. Tollenare conta que na sua casa, varias vezes na semana, se congregavam á tarde alguns conhecidos, entre elles o padre João Ribeiro, José Carlos Mayrink, que o Dr. Vicente Ferrer espiritualmente chrismou de pai do "adhesismo nacional" porque serviu com todos os governos, e o director da alfandega, afim de palestrarem mais que tudo sobre a transformação das idéas na França.

"Concordavamos — registra o viajante nas suas notas — sobre o progresso das luzes entre os povos, sobre a caducidade de muitas das suas instituições, sobre o principio que faz emanar da propria nação a auctoridade de que estão revestidos os reis, sobre a impossibilidade de entravar o impulso que leva todos os povos a reverem os poderes dos seus magistrados, sobre a necessidade de dirigir este impulso para impedil-o de levar a anar-

chia". Caetano Pinto, informado d'estas conversas e das opiniões professadas pelo dono da casa, achava-as moderadas e não lhes regateava mesmo o seu applauso, segundo mandou dizer a Tollenare quando á ultima hora entrou a receiar perturbações da ordem.

O padre João Ribeiro disse n'uma d'essas reuniões que se podia por um momento adormentar a liberdade, mas que esta tinha sempre o seu despertar. Este despertar soou em Pernambuco a 6 de Março, buscando os responsaveis pelo movimento inflamar e tornar de subito consciente o povo que todos convinham até ahi ser em demasia "ignorante e inepto para comprehender outra cousa além da obediencia passiva e irreflectida" (Tollenare *ob. cit.*)

O areopago de Itambé era uma sociedade secreta politica e maçonica no seu espirito, senão no rito, que lhe teria sido talvez posterior. De accordo com Manoel de Arruda Camara trabalhavam, além dos indicados pelo Dr. M. L. Machado na *Introdução* á 2.^a edição d'esta Historia, seu irmão Francisco de Arruda Camara, igualmente medico, e os irmãos Francisco de Paula, Luiz Francisco de Paula e José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, o primeiro d'elles senhor do engenho Suassuna. Foram estes trez irmãos os principaes accusados de uma conspiração tendente a tornar Pernambuco independente debaixo da protecção do Primeiro Consul Napoleão Bonaparte.

Passou-se isto em 1801. O padre Joaquim Dias Martins na sua obra — *Os Martyres Pernambucanos* —, que é o manual por excellencia de Pernambuco revolucionario, conta que Francisco de Paula e Luiz Francisco foram presos por denuncia contra elles havida, e que o outro irmão, o que se achava em Lisboa como agente e emissario da intriga, se salvou fugindo para Inglaterra. Um outro emissario, Francisco de Paula de Albuquerque Montenegro, devia ir aos Estados Unidos e ao Rio da Prata com o objecto de abrir relações continentaes á projectada republica protegida.

Se o negocio se abafou foi porque correu para este fim muito dinheiro, e poderosos deviam ter sido os empenhos para livrar os indiciados pelo que a camara municipal do Recife chamava a "horrorosa calumnia de um aleivoso fanatico e baixo intrigante". (Officio de 17 de Novembro de 1802). Recolhido

incommunicavel á fortaleza das Cinco Pontas com sentinella á vista, privado do cargo de commandante do Cabo, sequestrados os seus bens, rebuscadas as malas do correio do Reino á busca de novos indícios, foi o “coronel Suassuna” — e com maioria de razão seu irmão — solto por falta de provas depois de quatro annos quasi e restituído ao gozo das suas propriedades, honras e prerogativas, determinando a ordem regia, sem mais explicações, que se lançasse perpetuo silencio sobre a denuncia (Pereira da Costa, *Dicc. cit.*)

Como se veio a estabelecer sua innocencia, não consta do documento. Francisco de Paula, a quem o officio da Camara do Recife qualificava, quando preso de “illustre de nascimento e abastado de bens”, era em 1804 capitão de ordenanças da freguezia de Jaboatão; no mesmo anno cavalleiro de Christo, pela contribuição de cinco contos para as despesas extraordinarias do Estado; em 1805 capitão-mór de Olinda, e em 1808 fidalgo cavalleiro da Casa Real.

Dissolvido por este facto e tambem pela ausencia de Arruda Camara o areopago, Francisco de Paula deu, ao que parece no anno mesmo da sua libertação, a melhor prova de que não abandonára os seus idéaes, fundando no seu engenho uma *academia* no intuito de não deixar que se dispersassem os esforços liberaes. Foi essa de facto uma escola democratica onde, na phrase do padre Martins, “os adeptos e aprendizes, não só da provincia e nacionaes mas ainda estrangeiros achavam luz, agasalho e subsidios”.

Por esse tempo já a maçonaria fôra transplantada para o Brasil. Pereira da Costa (*Archivo Maçonico*, Dezembro de 1910) fixa o anno de 1801 como data da sua introdução por meio de varias lojas abertas no Recife, donde teria a propaganda irradiado para o interior, vindo a constituir-se na Bahia o primeiro Grande Oriente ou Governo Supremo, formado por irmãos iniciados na Europa e já figurando na hierarchia maçonica na qual era abundante a clerezia. (No seu est. cit. o sr. Mario Mello reproduz o rol dos padres mações d’aquella epocha). Esse Grande Oriente visava a ser um centro de acção anti-tyrannica, mas o seu character era portuguez. A desgraçada missão do padre Roma a S. Salvador demonstraria no emtanto que officinas das

duas provincias trabalhavam de harmonia n'outro sentido anti-lusitano.

Segundo Pereira da Costa, a installação na Bahia do Grande Oriente foi immediatamente precedida pelo estabelecimento da loja *Virtude e Razão*, para a abertura da qual dá o sr. Mario Mello a data de 5 de Julho de 1802, fundando-se em 1803 no Rio de Janeiro as lojas *Reunião*, *Constancia* e *Philanthropia*. Domingos José Martins já encontrou pois desbravado o caminho quando, tendo conhecido em Londres Miranda e sido por este instruído de muita particularidade da revolução americana, veio na intenção de estreitar os laços entre as officinas do Velho e do Novo Mundo e realizar sob a inspiração commum o programma da libertação das colonias ibericas em consequencia da "abolição da tyramnia dos reis e da alforria dos povos".

Areopago e academias eram consequentemente verdadeiros pseudonyms, um manto de tonalidade classica sob que se abrigavam intuitos modernos, levados a effeito em sigillo como o eram os processos da Inquisição, a inimiga moribunda da Maçonaria triumphante. Os rigores da policia contemporanea faziam necessaria toda a cautela: a revolução pernambucana só estalou porque os processos de tolerancia do capitão-general Caetano Pinto permittiram um preparo que tornou possivel a sedição ao primeiro embate das correntes oppostas.

No dizer do padre Martins, foi a academia Suassuna quem mais influiu para ser transferida para o Recife a cadeira de desenho occupada no seminario de Olinda pelo padre João Ribeiro, iniciado nos "mysterios da democracia". Isto permittiu que lhe fosse confiada a administração do hospital São João de Deus, annexo á igreja de Nossa Senhora do Paraíso, edificios ambos levantados em 1686 pelo mestre de campo D. João de Souza, tendo este e sua mulher, D. Ignez Barreto de Albuquerque doado dous annos antes o terreno preciso. No salão principal do hospital transformado em bibliotheca, entrou a funcionar uma outra academia sob a protecção do morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, mais tarde marquez do Recife (1779-1848), cujos antepassados tinham construido aquelle mesmo estabelecimento de beneficencia do qual era elle provedor por direito de successão, zelando-o desveladamente até morrer, quando passou para a gerencia da Santa Casa da Misericordia.

O morgado do Cabo, que seria depois um dos esteios do imperio constitucional, nutria então sentimentos republicanos. A propaganda entrou assim a generalizar-se extendendo-se nomeadamente ao Cabo, onde o morgado era capitão-mór; a Olinda, onde em 1815 veio assistir como ouvidor Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, o qual fundou em sua casa uma "universidade" democratica e converteu-se elle proprio n'uma "academia ambulante" (expressões do padre Dias Martins), alliciando e iniciando proselytos, como tambem o fazia José Luiz de Mendonça, o advogado mais conceituado do fôro pernambucano e espirito que a cultura juridica tornava pouco fanatico; a Iguarassu', cujo capitão-mór, Francisco Xavier de Moraes Cavalcanti, conhecido pelo seu fausto e hospitalidade, creou uma "officina" filial das academias, onde costumava ir perorar Antonio Carlos e onde o grito de *morram os marinheiros* se proferia sem reserva. N'esta villa o cirurgião Vicente Ferreira dos Guimarães Peixoto abriu em sua casa uma "eschola" secreta que em 1821 reinstallou como loja, dando-lhe o titulo de *Seis de Março de 1817*.

No Recife mesmo as duas principaes lojas maçonicas, que vieram a funcionar em 1814, depois da chegada da Europa dos seus respectivos fundadores, os negociantes Antonio Gonçalves da Cruz (Cabugá) e Domingos José Martins, foram a *Pernambuco do Oriente*, e a *Pernambuco do Occidente*. Citam-se ainda a Guatimosim e a *Restauração e Patriotismo*, sommando assim as quatro a que se reporta Muniz Tavares, secretario da academia do Paraíso. A' natureza republicana da ultima refere-se Armitage na sua *Historia do Brasil* (trad. port. Rio de Janeiro 1837).

Domingos José Martins era um mação de prestigio internacional pelas extensas relações que contava, mesmo porque sua actividade commercial abraçára, aliás sem grandes resultados pecuniarios, varios paizes. Seu plano favorito era approximar o mais possivel entre si as lojas brasileiras e relacionar-as bem com as estrangeiras, combinando-se assim os esforços de todas para o fito grandioso da emancipação politica do mundo. N'este intuito foi pessoalmente acreditar junto ao Grande Oriente da Bahia o seu futuro collega de governo provisório Domingos Theotonio Jorge Martins Pessoa, enquanto o coronel

Suassuna seguia para o norte—Parahyba, Rio Grande e Ceará — por onde as lojas maçônicas se iam alastrando.

E' muito provavel que a maçonaria nacional tenha sómente assumido mais definitivamente este character depois da acção internacional de Domingos Martins e de Cruz Cabugá. As primitivas sociedades secretas — areopago, academias, universidades, officinas, etc. — eram certamente centros *brasileiros*: as lojas propriamente maçônicas tinham sido, pelo contrario, de origem portugueza. Installada por portuguezes foi a loja bahiana *Virtude e Razão*, do rito francez, que se subdividiu e foi o nucleo do Grande Oriente do Brasil, ao qual era subordinada, como escreve o autor d'esta *Historia*, a grande loja provincial de Pernambuco que dirigia as quatro apontadas.

As tres lojas do Rio de Janeiro de que se fez menção foram auctorizadas pelo Grande Oriente Luzitano, ao qual estavam filiadas, sendo porém curto o seu vôo por terem sido denunciadas ao conde dos Arcos, vice-rei antes da chegada do Principe Regente. Perseguidas pelo representante da autoridade regia. no exercicio dos seus deveres, tiveram de fechar, mas continuou vivaz a idéa, mesmo porque a perseguição raramente consegue entibiar os enthusiasmos, antes os estimula. Em 1815, sob o regimen da côrte, era installada a loja *Commercio e Artes* que mais tarde, em 1821, nas vespervas da independencia se subdividiu em trez — *Commercio e Artes*, *União e Tranquillidade*, e *Esperança de Nicterohy* para a organização do Grande Oriente do Brasil. (Manoel Joaquim de Menezes, *Exposição historica da Maçonaria do Brasil*).

Depois da revolução pernambucana cessou o systema de tolerancia usado com ás sociedades secretas — si tolerancia se pode chamar uma relativa negligencia — e entraram ellas a ser vigiadas de perto e dissolvidas, creando-se no Rio, para punição dos culpados, um juizo da Incofidencia. Conta Antonio de Menezes Vasconcellos Drummond, nas annotações á sua propria biographia publicada n'um dictionario francez de contemporaneos (*Annaes da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro*, vol., XIII), que na especie de terror produzido por esse assomo de violencia da parte de governo tão paternal, muitos mações entenderam denunciar-se a si mesmo, entre elles o conde de Paraty, camarista e valido do Rei. O castigo que o monarcha lhe infligiu foi jocoso

e prova a sua bonhomia: mandou-o entrar para a Ordem Terceira de São Francisco da Penitencia e conservar-se no Paço durante todo o dia do juramento com o habito de irmão. O Marquez de Ongeja, outro mação confesso, resgatou sua falta entregando toda a prata da sua casa para servir as necessidades do Estado.

Como se vê, aristocratas portuguezes faziam parte das sociedades secretas do tempo. A maçonaria pode nas suas varias ramificações visar a fins politicos diversos, e não tinham certamente identico objectivo os mações portuguezes e brasileiros afóra idéal commum de liberdade humana. Agora mesmo, na perturbação dos espiritos produzida pela conflagração européa, vemos a maçonaria porugueza, connivente hontem com a abolição da monarchia e a suppressão violenta do soberano, ser eminentemente francez nos seus sentimentos, ao passo que a maçonaria hespanhola deixou de fazer alarde de republicanismo e parte della até se mostra germanophila, tal qual o elemento catholico.

A maçonaria tanto em Portugal como no Brasil tinha por objecto primordial o que o padre Dias Martins chama "iniciar proselytos nos segredos da liberdade" e, segundo o mesmo auctor, outro fim não teve a ida do padre João Ribeiro a Lisboa senão "apertar os laços suassunais", isto é, estreitar as relações da academia do engenho Suassuna com o centro maçônico luzitano. No dizer do sr. Pereira da Costa (*A Maçonaria em Pernambuco*) aquelle sacerdote, o padre Miguelinho (Miguel Joaquim de Almeida Castro), lente tambem do seminario de Olinda, e o padre Luiz José Cavalcanti Lins, vigario de Santo Antonio do Recife, foram iniciados mações em Lisboa em 1807, tornando-se membros conspícuos da loja que com intuitos puramente politicos se fundou em Pernambuco em 1809.

A certa distancia bifurcou-se o caminho percorrido pelas duas maçonarias, cada qual tratando de organizar em seu proveito a liberdade, uma pela implantação de um regimen de facto democratico sob o seu ouropel — a expressão pertence ao monsenhor Muniz Tavares — de realza constitucional, a outra pela proclamação previa da independencia politica. O facto do anno de 1817 ser tambem o anno da conspiração portugueza de Gomes Freire, grão-mestre da maçonaria luzitana, parece

indicar que não cessára entre ambas a intelligencia. Ha quem diga, e houve então quem pensasse que, apesar dos mações portuguezes andarem excluidos do melhor dos sigillos das lojas brasileiras, tramando-se a alliança nacional na ignorancia dos adeptos locaes europeus, existia um concerto para um movimento sedicioso nos dous reinos, tendo por primeiro objectivo forçar Dom João VI a regressar para Lisboa.

Os portuguezes reclamavam o seu Rei e as suas regalias de metropole, e os mações tanto quanto os corcundas queriam ter o monarcha á mão para o fazerem um titere, consoante suas respectivas preferencias. Os Brasileiros tinham toda a vantagem em afastar o obstaculo principal á reparação do seu paiz, almejando a maçonaria nacional formar uma patria antes de poder pensar em sacrificar esta noção particular em pról do maior, do universal idéal humano.

XXVII

Dos heroes da revolução é Domingos José Martins aquelle cujo character mais se presta a ser discutido. Foi com certeza o mais audaz dos civis, mas ao mesmo tempo era o mais calculista de todos os insurgentes. Natural do Espirito Santo, iniciou na Bahia sua vida commercial que o levou até Londres, onde negociou e quebrou, dizem seus inimigos que fraudulentamente. No Ceará, para onde se retirou, ganhou na alta do algodão alguns modestos capitaes com que se mudou para o Recife, soccorrendo-se da agricultura para augmentar seus proventos.

Adquirira na Europa certo traquejo mundano e amplas relações maçonicas. Ambicioso de riqueza e de posição, seu primeiro cuidado, depois da revolução, foi forçar o rico negociante, Bento José da Costa, a conceder-lhe a mão de sua filha, que lhe havia antes recusado. Para isto diz Tollenare que recorreu á ameaça. Conseguira facilmente impor-se no meio pernambucano pelo seu ar estrangeirado e pelas suas manobras secretas. O citado viajante francez, que lhe votava grande antipathia — pelo motivo, segundo conta, de haver recusado o seu brigue *Felicité* para ir buscar farinha de trigo nos Estados Unidos — falla do seu tom doutoral, da empafia com que se dava por entendido em politica e administração inglezas, da sua mediocridade enfatuada.

Descontado o elemento pessoal que existe n'essa critica e que lhe fornece o seu tom exaggerado, o que fica é bastante para, de accordo com outras informações e a mera suggestão dos acontecimentos, reconstituir o seu typo feito de verbosidade metaphysica, de "affabilidade protectora", e de energia coibiosa de mando e de fortuna. Os serviços prestados á revolução por Domingos José Martins foram comtudo innegaveis e importantes. Antes do movimento era a sua casa uma d'aquellas em que tinham lugar os jantares nativistas; ahi se congregavam os officiaes brasileiros, aos quaes elle emprestava dinheiro, quando se achavam em apuros financeiros, e pregava liberdade a proposito de tudo; no momento da sua prisão, mostrou coragem, e por occasião do levante manifestou sangue frio e iniciativa; no desenlace revelou inquebrantavel firmeza de animo. Não era certamente uma figura banal.

XXVIII

Era natural do Recife e homem rico e viajado, professando o maior enthusiasmo pelos principios liberaes que aprendera na convivencia franceza. Vivia na rua do Cabugá, d'onde a sua alcunha, e possuia um sitio no Manguinho: em ambas as residencias exercia profusa hospitalidade, convertendo-as em centros de conspiração, tanto mais perigosos quanto eram de caracter faustoso e generoso. Os Portuguezes chamavam a sua casa da cidade "capella de baptisados maçonicos", n'ella enxergando uma especie de templo revolucionario, decorada como era com retratos dos vultos mais notaveis da Revolução Franceza e da Revolução Americana, e encerrando uma escolhida bibliotheca politico-democratica.

Um dos primeiros, senão o primeiro apontado como conspirador, quiz subtrahir-se ás perseguições, vendendo as propriedades e retirando-se para os Estados Unidos. Já era porém tarde: denunciado formalmente, ia ser preso quando rompeu o movimento, no qual tomou parte activa. Da sua missão diplomatica aos Estados Unidos fallará mais adiante esta *Historia*. N'ella foi seu secretario Domingos Malaquias de Aguiar Pires Ferreira (1788-1859), mais tarde barão de Cimbres, filho de um negociante do Recife, alumno do seminario de Olinda e de-

pois da Universidade de Coimbra, onde cursou mathematicas até que, quando foi da invasão franceza, teve de voltar para Pernambuco d'onde partiu em 1811 para Inglaterra.

O seu conhecimento do idioma inglez determinou sua escolha para acompanhar o emissario dos rebeldes. Domingos Malaquias trabalhára na lavoura e na administração e adheriu ao movimento republicano, que certamente não ignoraria, pois que Cruz Cabugá não excluira do segredo da revolução senão os mações europeus. Dos Estados Unidos, onde permaneceu um anno, voltou á Europa, estudando sciencias naturaes em Paris. Em 1820 achava-se a salvo na sua provincia natal, tendo de certo sido favorecido por influencias de familia. Deputado ás Côrtes de Lisboa em 1821, exerceu durante o Imperio varios cargos publicos, tendo sido inspector da alfandega, deputado geral e presidente interino de Pernambuco.

Cruz Cabugá, condemnado á morte á revelia e com os bens confiscados, só voltou ao Brasil em 1826, para de novo regressar para os Estados Unidos na qualidade de consul geral do Imperio (Pereira da Costa, *Dicc. cit.*)

No dizer de muitos — certamente não dos seus inimigos— Cruz Cabugá vendera seus bens não tanto para escapar á sorte que o esperava, como para pagar dividas que o estavam vexando. Em sua casa jogava-se forte, e Cruz Cabugá não tinha sem duvida o talento de ganhar sempre. José Carlos Mayrink escreveu na sua *Exposição*, em contradicção com o que affirma Muniz Tavares ácerca do passaporte concedido a Cruz Cabugá para seguir para Nova York, que tal passaporte lhe foi negado e até por elle mesmo, secretario do governador, a quem dera aviso que Cruz Cabugá, uma vez vendidas suas propriedades, queria partir para Lisboa sem honrar seus compromissos. No seu dizer, era para escapar a estes e não para os saldar, que realizára tal operação.

O marechal José Roberto, que foi encarregado de prendel-o, era seu amigo intimo. Cruz Cabugá era de côr (Papeis da collecção Ourem, no Inst. Hist. do Rio de Janeiro), mas não obstante esta circumstancia, em sua casa se reunia gente da melhor, a quem elle attrahia pela sua affabilidade e trato agradável.

Antes de despachal-o para os Estados Unidos, com ins-

truccões dadas por Domingos José Martins, a revolução o fize-
ra presidente do Erario, cargo que por assim dizer não occupou,
porquanto sua missão diplomatica foi resolvida a 11 de Março,
no mesmo tempo que Hippolyto José da Costa era encarrega-
do da representação em Londres, a qual recusou, e Felix José
Tavares de Lima era mandado a Buenos Aires para pôr-se de
accordo com os revoltosos do Prata.

Cruz Cabugá foi feito cavalleiro do Cruzeiro a 1.º de De-
zembro de 1822. Em 1831, quando o governo da Regencia ef-
fectuou alterações na representação exterior do paiz, foi elle
nomeado encarregado de negocios e consul geral na Bolivia.
O Imperio brasileiro desejava entrar em negociações com as re-
publicas visinhas sobre as questões de limites e de navegação
fluvial, no intuito de facilitar as communicações nacionaes com
Matto Grosso, e em vista d'isso, em Junho d'aquelle anno, ur-
gia o nomeado para seguir para seu posto, recommendando-lhe
que fixasse o prazo da sua partida. Cruz Cabugá embarcou e
foi muito bem recebido pelo marechal Santa Cruz, em Chuqui-
saca, onde falleceu em começos de 1833.

O governo boliviano mandou prestar-lhe todas as honras
funebres e testemunhou ao governo imperial o seu sentimen-
to. "Da nossa parte — escreve o Relatorio do Ministerio dos
Negocios Estrangeiros de 1834, firmado por Aureliano Couti-
nho (Sepetiba) — tivemos de agradecer tão nobre e digno pro-
cedimento".

XLIV

Tollenare aponta com felicidade como era real em Per-
nambuco o sentimento de igualdade, mau grado a grande di-
versidade social,, envolvendo profundas desigualdades de con-
dições, e mau grado tambem o systema politico de governo abso-
luto e de despotismo administrativo. Attribute o facto á existen-
cia de numerosos negros e mulatos livres, gente habilidosa, exer-
cendo artes mechanicas e profissões taes como as de alfaiate,
sapateiros, etc., muitos possuindo elles proprios escravos, alguns
sendo mesmo abastados, embora se não dedicassem ao commer-
cio, todo nas mãos dos portuguezes: entre os individuos de côr
contavam-se entretanto varios armadores de embarcações cos-
teiras.

Esta situação dava aos negros e mulatos uma superioridade sobre os brancos ociosos — a classe que no Sul dos Estados Unidos era conhecida, em tempo da escravidão, pelos *mean whites*, os *brancos vis* — que virtualmente abolia a linha de separação traçada pela cor, e consequentemente o preconceito que n'outras colonias européas da America contribuía tanto para manter a raça negra e suas derivadas na sujeição.

Em Pernambuco, escrevia o francez, pode um branco considerar-se melhor mas um negro ou um mulato livre considera-se tão bom como um branco. E' afinal o que recentemente notou o professor da Universidade de Yale, Hiram Bingham (*The Monroe Doctrine: An old shibboleth*), quanto á concepção fundamentalmente differente nas duas Americas sobre a questão de cor. A divergencia resume-se n'isto: nos Estados Unidos um semi-branco é preto; na America Latina um mulato é branco.

Accresce que, dada a constante mistura das raças, a mestiçagem entre nós era, como ainda é, variadissima, fazendo-se “a passagem de uma cor a outra por uma escala de que a vista pode contar todos os graos”. (*Notas dominicaes*).

Igualmente com acerto indica Tollenare os frades mendicantes como uma das causas da diminuição da consideração merecida pelos brancos. Esses frades, no intuito de recolherem humildemente donativos, percorriam os engenhos, e nas cidades as casas e as tavernas, não sendo mais possivel, na phrase do viajante francez, que o negro veja um ser superior no branco que se abaixa a pedir-lhe esmola.

Pela sua significação moral e por estas disposições já existentes não podia a revolução de 1817 deixar de provocar uma explosão de igualdade insultuosa. E' conhecida uma carta escripta de Pernambuco para o Rio de Janeiro a 15 de Junho de 1817 e primeiro publicada por Mello Moraes (*Brasil-Reino e Brasil-Imperio*) em que se conta “que os cabras e creolos andavam tão atrevidos que se diziam iguaes aos brancos, e não haviam de casar senão com brancas das melhores”, isto sobretudo depois que Domingos José Martins andára de braço dado com elles. Era commum ver-se um cabra captivo, de chapéo na cabeça, bater no hombro de um branco, tratá-lo de patriota e pedir-lhe fumo. O compadre do Rio, a quem a carta era dirigida,

folgaria porém de saber que ás sovas de 300 a 500 açoites, mandadas applicar pelo almirante chefe do bloqueio depois do desembarque das forças legalistas, não tinham escapado nem os mulatos forros, aquelles mesmos que o governo provisório fizera officiaes. “Andam muito murchos agora, ajuntava a carta; já tiram o chapéu aos brancos, e nas ruas apertadas passam para o meio para os deixar passar”

Foi esta igualdade forçada e a muitos repugnante que determinou o arrependimento entre bom numero dos que saudaram o advento da liberdade sem lhe medir as consequencias, ou pelo menos que serviu de desculpa para adhesões tibias, dictadas antes pelo modo. O loquaz ouvidor Antonio Carlos não desdenhou servir-se d'este meio de justificação para fazer acreditar na coacção sob que agira, tomando parte n'um movimento que de resto pelo seu character particularista — fosse este fundamental, fosse produzido pela falta de correspondencia que influio tanto para o seu mallogro — não podia enthusiasmar sobremaneira um filho de outra provincia, alli temporariamente levado pelos azares da magistratura.

Eis como o Andrada respondia aos juizes da alçada: “Como não odiaria eu antes, e trabalharia com afinco para destruir um systema que, derrubando-me da ordem da nobreza a que pertencia, me punha a par da canalha e ralé de todas as côres, e me segava em flôr as mais bem fundadas esperanças de ulterior avanço, e de mores dignidades?”

Arruda Camara, na carta-testamento que deixou para o Padre João Ribeiro, datada de Itamaracá em 2 de Outubro de 1810, tomava o ponto de vista radicalmente opposto, favorecendo, pode dizer-se, a democracia de côr. “Acabem com o atrazo da gente de côr, escrevia elle; isto deve cessar para que logo que seja necessario se chamar aos lugares publicos, haver homens para isto, porque jámais pode progredir o Brasil sem elles intervirem collectivamente em seus negocios, não se importem com essa acanalhada e absurda aristocracia cabundá, que ha de sempre apresentar futeis obstaculos. Com monarchia ou sem ella deve a gente de côr ter ingresso na prosperidade do Brasil”. Se esta carta é authentica, Arruda Camara foi um precursor do mais vehemente abolicionismo.

GALATÉA

A Amadeu Amaral

Pae, contaram-me hoje — disse o zagalejo Yon para o velho Theagés — que nesta costa, além do pasto de nossas cabras, houve outrora uma nympha...

— Muitas houve, se não mente a historia dessas filhas das aguas.

— Mas uma sobre todas formosa, amada de um gigante com um olho enorme na testa, e feio, feio, que ninguem o podia olhar sem horror...

— Poliphemo?

— Sim, parece que foi este o nome que ouvi.

— Poliphemo e Galatéa... A nympha chamava-se Galatéa.

— Conte, pae, conte a historia delles, se a sabe. Foi mesmo aqui, em Sicilia, que existiu o tal gigante e a nympha, coitada! perseguida por elle?

— Foi aqui.

Theagés acabou de soprar na flauta rustica uns dizeres alternados de antigo canto amabeu, levantou-se depois, apertou a corda da samarra e olhou fóra a noite. Ouvia-se perto a farfalhada das vagas no mar agitado. Passou a trave de olmo á porta da choça, e tornando a sentar-se:

Estás curioso de conhecer a historia, de que te falaram. Pois vaes ouvil-a.

E começou, relatando a prosapia illustre de Galatéa. O pae era Nereo, divindade antiquissima, de intensas barbas ce-

ruleas, com assento no meio do mar. A mãe era Doris, oceânide celebre em todas as aguas, da qual nasceram cincoenta filhas. Dellas depois de Thetys, de pés de prata, nenhuma á Galatêa excedia em belleza; nenhuma com mais donaire e levidade cavalgava o lusidio dorso das ondas, até que estas a deixassem na praia ou a conduzissem por saxeos corredores ás concavidades resoantes das fragas da costa. Nenhuma a vencia na lactescencia de espuma e luar das carnes moças, no sorriso de sol e agua dos labios virgens, no longor de algas verdes entrancadas dos vastos cabellos verdes. Nem com mais medidos passos nenhuma sabia alar mais leve os pés ao pisar o crystal polido das salas do pae, quando todas reunidas, as cincoenta irmãs, circumgiravam em choréas, maravilhando os hippocampos, tritões e delfins. Quanto pegureiro ferido de sua belleza, largando entre os buzios do littoral cajado e surrão, não se foi nadando após ella e não ficou amortalhado nas espumas do mar! Quantos, sem se atreverem ao pégo, se finaram de amor, modulando-lhe o doce nome nos doces calamos soluçantes!

Mas um houve, o mais afortunado dos que ainda pastorearam armento ou fato, a quem a esquiva doride não resistiu. Chamavam-lhe Acys, filho de Fauno e Symaetis, adolescente de apenas tres lustros, candido e meigo como os cordeirinhos de lã ainda mal formada a que as mães esguardam por tenros e mimosos. Encontravam-se Acys e Galatêa num desses socavões convisinhos do oceano, em cuja solidão humida se formam, ao continuo choro da agua porejante, figuras alongadas e hirtas de barro e calcio. Ella descavalgava, deixando solta, com o mólho de crinas ao vento, brincar a onda que a trazia; elle adeantava-se, colhia-a nos braços, e eram tudo juras e protestos de amor.

— Sabes? — disse uma vez a nereide — aquelle bruto cyclope de um olho só no meio da fronte persegue-me, espreita-me e raiva enciumado de ti.

— Já o sabia, respondeu o pastor. Ainda hontem, de umas junças onde me occultara, ouvi-lhe á descommunal sanfona de cem tubos aprégoar teus encantos, e mais lhe ouvi que me de testa e ha de matar.

— E tremes por isso? Nada receies, meu amor! A' hora do perigo levar-te-ei nos braços aonde o monstro não póde chegar;

falarei a meu pae, e as portas de alabastros de sua morada maravilhosa abrir-se-ão para receber-nos.

— E' bonito, como estes campos, o fundo do mar?

— Se é bonito!

E Galatéa descrevia-lhe os recessos equoreos, os deslumbramentos de profundezas não vistas de homem, grutas de alam-bre e coral, faiscantes, aquem, além verdeando com os seus tapetes de musgos; palacios de balais e saphira, habitações das deidades marinhas; plaustros de nacar tirados por golfinhos, cujas redeas de sargaços dorides nuas empunham; hortos glau-cos luxuriosamente floridos, onde ellas com as irmãs retouçam lascivas, fazendo chover dos cabellos humidos rociadas de perolas.

Entretinham-se nesses colloquios, senão quando, uma feita, bem perto ouviram pesado rumor, como o de um rochedo que caminhasse, e em toda a sua desmesurada corpulencia passou o monstro horrendo, dirigindo-se á praia, onde, sentando-se numas penhas, se pôz a cantar, tangendo a enorme sanfona:

“O' Galatéa, lirio nenhum te vence na immaculada brancura!

E's mais esbelta que o alamo, mais leve e fugaz que o capreolo montanhez, mais roliça de fórmias que a concha a pouco e pouco polida pelas aguas, mais nobre de porte que os platanos altaneiros, mais diaphana que o gêlo mais fino, mais doce que a uva mais doce, mais macia que as pennas subalares do cysne!

Mas tambem, se me foges, se me não ouves, ó nereide! nenhuma juvenca brava te excede em selvageria, nenhum roble envelhecido em dureza, em impetos nenhuma torrente, nenhum pavão no alardo e entono vaidoso, roca nenhuma na rude impassibilidade, nenhuma silva no apuar dos aculeos, e na surdez, na fechada surdez aos meus reclamos, gruta nenhuma das profundezas do mar!

Ah! se bem me conhecesses, arrependeras-te de me fugir! Eu possuo ao sopé da montanha uma caverna aberta na rocha viva, onde corre perenne afflato de primavera. Meu pomar averga ao pêso dos fructos; são sem conto meus vinhedos de uvas doiradas e purpurinas. Os melhores cachos reservei para ti!

Vem, Galatêa! com tuas proprias mãos colherás o morango rubro, a nectarea cereja, a ameixa bruna e pennugenta ou a de côr declinante á da cêra virgem.

Todos estes rebanhos são meus. Ainda os ha tresmalhados por chãs ou algares do monte. Nem lhes sei a conta ao innumera-vel numero delles!

São das mais nedias as minhas ovelhas. Nenhuma acharás entresilhada ou manca. Vem de teus olhos vêr como mal sustêm os apoiados uberes! Vem á neve do leite, que ellas dão, escurecer com a de tuas mãos, Galatêa!

Ao meu lado, não terás sómente esses futeis mimos faceis de dar: gamos, lebres, casaes de rolas ou ninhos colhidos nas arvores. Não! aqui estão para ti, para com elles brincarees, dois ursos novos, tão parecidinhos um com o outro que mal os distinguirás. Apanhando-os, disse entre mim, satisfeito: são para a minha bella!

Vem, pois, encanto meu! Sae dentre as aguas azues onde móras, corre aos meus braços! Eu sou grande e forte como esse Jupiter a quem adoras. Vi-me hontem no espelho de uma fonte e enamorado fiquei de mim mesmo. Enliçado hervança! de cabellos cobre-me a fronte e sombrêa as espaldas. Não constituem fealdade estes pêllos e os que me vestem os membros. A belleza da arvore está na folhagem, a do cavallo nas crinas, que lhe ondeam no collo fogoso; os passaros têm a plumagem, os carneiros a lã. Rosto e membros versudos são proprios do verdadeiro homem. Certo possuo um olho só, que me lucila, como redondo escudo no meio da testa. Mas quantos tem o sol? Tambem um só, e domina o universo.

Vem, Galatêa, tem pena de mim! Não me intimida o deus tonitroante nem o seu alto Olympo fuzilante de raios, e tremo, tremo cobardemente deante de ti, formosa filha de Nereo!

Porque has de amar esse mollengo pastor imberbe e desprezar o ciclope espadaudo, filho de Neptuno? Porque ás minhas preferir as caricias delle? Serás sempre surda aos meus rogos? Pois bem: que ambos vos queiraes, e ameis e me desprezeis! Mas ai! de Acys se me cahir sob as mãos! desventral-o-ei, como um anho, mutilarei seus membros e semearei, trincados de meus dentes, carnes e ossos por essas longas aguas onde vives! Amae-vos.

pois! uni-vos! gosae-vos! e eu vos mostrarei até onde vae a minha vingança!

Ah! que rebento e ardo, como arde e rebenta o Etna! Sou todo furias! sou todo chammas! sou todo amor!

Apieda-te de mim, Galatéa!" (*)

— E matou-o, pae, o gigante matou-o?

— Não o matou dessa vez, mas de outra em que o surpreendeu na gruta com a sua nympha. Esta ao avistar Poliphemo, pôde fugir-lhe á sanha, correndo para o mar; Acys, porém, estatelado de medo, sentiu rolar sobre si a cumiada de um monte impellido das mãos do cyclope. Do corpo esmagado esguichou-lhe o sangue, e do sangue nasceu uma fonte, cujas aguas descoraram com o tempo, passando da côr vermelha á chrystallina, e vieram assim a formar o *Fiume-freddo*, que ainda saudoso de Galatéa, se arrasta e procura o mar.

— E Poliphemo, não houve quem o castigasse?

— Castigou-o mais tarde Ulysses que, valendo-se de um ardid, lhe vasou o olho sinistro. Cégo e assim mais horrendo, foi elle largos annos o assombro da costa. Galatéa, só na certeza de o ter longe, approximava-se da praia, galgava as pedras e entrava pela gruta, cujos echos lhe repetiam entre lamentos e soluços o nome de Acys.

Finda a narração, Theagés e Yon deitaram-se sobre grosseras pelles e adormeceram. Continuava fóra o fremito do mar agitado. No sonho de Yon, sonho de adolescente, apparecia-lhe a imagem da nereide espavorida, fugindo ao cyclope. A manhã veio achar já de pé os dois cuidando do penso do rebanho. Deste faltava uma ovelha; o zagalejo recebeu ordem de procural-a nas cercanias. Sahiu, fazendo soar pelo campo uns quebros de flauta. Em breve tornava assombrado e pallido.

— Pae, — bradou ao approximar-se da choça — venha comigo alli onde estão as pedras da praia; quero que o veja de seus olhos...

Que seria? Talvez á imaginação de Yon o vulto de algum penhasco se lhe antojasse como o temeroso monstro da narração nocturna.

(*) Ovidio, *Metamorphoses*).

Seguiu-o Theagés por fazê-lo cahir no engano.

A' certa altura da praia, o zagalzinho estendeu a mão, apontando nos penedos da beira-mar uma fôrma branca que lá se movia.

— Olhe, meu pae, lá está Galatéa, lá está a correr, a trepar, a fugir do gigante!

Era um como corpo virginal, de roupas caudatas e alvissimas, que ora se atirava, subindo pelo dorso das rochas, ora descia precipitada, arrastando, rasgando as vestes. E a luz da manhã tornava mais nitida aquella alvura movediça e phantastica.

— Lá está ella, veja, meu pae!

O velho Theagés, após breve esguardo da apparição, voltou-se para o filho e disse-lhe, sorrindo, buscando asserenar-lhe o espirito:

— Esqueces-te que estamos no seculo V da era de N. Senhor Jesus-Christo. Deuses e semi-deuses, ciclopes e nymphas foram-se ha muito. Aquillo não é nem pôde ser Galatéa: é uma vaga, meu filho...

1916.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

O PROBLEMA DA ALIMENTAÇÃO

A FOME NA HISTÓRIA E NA ACTUALIDADE

Em um trabalho escripto ha dois annos pelo Dr. Joaquim Morera, de Barcelona, e só agora publicado, encontram-se dados historicos sobre os meios alimentares dos povos e a importancia capital do problema da alimentação e da escassez periodica dos alimentos.

Desde que existe a especie humana, é para alimentar-se que emprega mais actividade e gasta mais a sua intelligencia. Somente agora, com os progressos da civilisação e especialmente com o desenvolvimento do commercio e da navegação é que o homem chegou a perder o medo da fome, medo que sempre o inquietou nos tempos passados.

Nas classes trabalhadoras a alimentação representa dois terços das despesas domesticas, mas o encarecimento dos viveres preocupa seriamente até mesmo as classes mais elevadas da sociedade.

Seguindo-se a evolução dos povos antigos sente-se bem a grandeza da luta contra a fome atravez dos tempos. Nas primeiras phases dessa evolução maravilham a todos nós as luctas que devem ter tido os homens para conseguir alimentos nas regiões do norte da Europa, tendo como adversarios o clima frio daquellas latitudes e os animaes ferozes que habitavam os bosques e florestas de que se cobriam a maior parte das terras.

Os esforços dos primeiros homens convergiram primeiro para destruir esses animaes, alimentando-se ao mesmo tempo com as suas carnes e agasalhando-se com as suas pelles. Era esse certamente o principal alimento, porque os fructos e as raizes,

ainda selvagens, não deviam bastar á alimentação de cada dia. A' beira dos mares e á margem dos rios os habitantes encontravam na pesca um modo facil de alimentar-se. Quantas vezes a especie humana não esteve a pique de desaparecer da face da terra, quando um inverno rigoroso cobria os mares, os lagos e os rios de gelo e os campos de neve, quando o veado, ainda feroz, se refugiava nos montes inacessiveis!

Com a domesticação de certas especies de animaes, o que tornou possivel o desenvolvimento da creação, com os progressos da agricultura, o homem ficou dono do seu destino e a população augmentou pouco a pouco. Foi o momento da formação das primeiras tribus, compostas de agricultores sujeitos á terra ou de pastores que erravam pelos campos com os seus rebanhos, isto é, com os seus alimentos. Foi igualmente a epocha em que começaram as primeiras migrações, impostas ora pelo desenvolvimento excessivo da população e ora pela escassez do alimento.

Naquelles tempos, como agora, é a lucta pela vida que leva os homens a mudarem de domicilio. Os emigrantes de hoje buscam no estrangeiro uma vida mais facil e mais feliz. Antigamente era a verdadeira fome que determinava as emigrações. Foi a fome que deslocou os povos do Norte para o Sul e do Leste para Oeste no continente europeu. Quando ha dois mil annos os cimbros e os teutões, unidos aos ambros e aos tigurinos invadiram o sul da Europa, vinham expulsos do seu rude paiz por uma inundação do mar Baltico, que já não lhes permittia alli viver. Por isso iam buscar alhures os meios de subsistencia. Cada povo caminhava lentamente, sem roteiro, e assim ia empurrando na sua frente os outros povos. Cada qual levava o seu rebanho e quando tinha devastado um paiz passava alem, proseguindo nessas proezas até que era derrotado por outros povos ou vencido por generaes habéis que lhe sahiam ao encontro.

Os primeiros esboços de civilisação trouxeram comsigo o trafico das primeiras materias alimentares. Esse commercio esteve mesmo em grande voga no Egypto e na Assyria ao tempo do grande poderio desses povos. Mais tarde, as republicas gregas trocavam seus productos com as ilhas do Archipelago e as costas da Asia Menor. Foi, porém, o imperio romano que desenvolveu este genero de transacções. O mundo inteiro contribuia para o abastecimento de Roma, a cidade eterna. A Africa enviava-lhe os

seus trigos, o Levante o milho e outros cereaes, a Italia os seus animaes e os seus vinhos, e o Lacio os seus legumes e as suas fructas. A arte culinaria e os refinamentos gastronomicos tinham tomado proporções extraordinarias entre as familias patricias. O povo contentava-se com o pão e sabe Deus com que difficuldade os governantes conseguiram assegurar-o em quantidade sufficiente!

Depois do problema do poder ou da politica, era o do trigo que mais preocupava os imperadores romanos. Ficou classico o modo por que se apaziguava o povo romano: *panem et circenses* como disse Juvenal: o pão e os divertimentos do circo.

E' facil conceber os graves problemas sociaes despertados pela attitude de um povo faminto. O estomago revolta-se contra o cerebro. Tacito, Tito-Livio e Suetonio deixaram-nos conhecer os esforços sobrehumanos a que a meudo recorria a administração publica para acudir á insufficiencia das colheitas. Ao contrario disso, algumas vezes, ellas eram excessivas e por falta de trafego regular ficavam condemnadas á putrefacção nos celeiros.

Este intercambio primitivo desapareceu com a queda do imperio romano. Os barbaros viviam do solo que habitavam, sem pedir nada ao estrangeiro, e este costume conservaram nos paizes que foram occupando.

Nos tempos do feudalismo cada senhor feudal consumia o que o seu feudo podia produzir: as caças dos bosques, os peixes dos rios, dos lagos, os animaes dos curraes, as aves dos gallinheiros, as hortaliças e os fructos dos seus pomares.

Embora o homem seja carnivoro, os cereaes predominam sempre na sua alimentação.

Cada paiz adoptou, da familia das gramineas, a especie que mais convinha á natureza do solo e ao clima da região.

Este predominio dos cereaes na alimentação deixava a existencia humna á mercê das vicissitudes atmosfericas, pelo que houve muitas crises de alimentos que dizimaram varias regiões do continente europeu, de tempos a tempos, até á epocha contemporanea.

No decurso dos 10 seculos que nos separam de Carlos Magno até ao fim do seculo XVIII não se contam periodos de vinte annos sem que a fome tivesse assolado em certa região da Europa.

A solicitude do grande Imperador pela alimentação do povo só era igualada pela dos imperadores romanos. As Capitulares, disse Bouchardat, são um monumento de previsão digno de citar-se pelo que se refere á subsistencia.

Esta sabedoria não foi imitada pelos sucessores de Carlos Magno. A carestia durante o seculo VIII assolou toda a Europa, fez-se sentir na França durante todo o seculo IX.

Houve dez crises de fome no seculo X e vinte e seis no seculo XI, durante as quaes todos os paizes da Europa se viram devastados.

Os historiadores da epocha contam as calamidades com detalhes que horrorizam. Quando se tinha consumido o trigo restante da colheita anterior e devorado os animaes domesticos, chegava-se a comer a herva dos campos, os animaes menos cubigados e mais repellentes e até a casca das arvores. Viam-se famintos desenterrando cadaveres para se alimentarem de suas carnes e viajantes serem assaltados nas estradas afim de serem comidos!!

Em 1420, como em 1438, morria-se de fome na via publica e á noite os lobos desciam dos montes para devorar os cadaveres abandonados, como ha pouco ainda se viu na Macedonia, na primeira guerra balkanica, depois da batalha mortifera de Lul-Burgas.

Durante os tres primeiros annos do seculo XVII a Russia foi dizimada pela fome. Só em Moscow morreram de fome naquelles tres annos 120.000 pessoas.

No penultimo seculo as coisas continuaram quasi da mesma forma. D'Argenson deixou-nos a historia de mortandade pela fome na Touraine em 1740 e 1750. Os agricultores reduzidos a catar a herva dos campos, morriam de fome como as moscas.

A historia da alimentação no seculo XVIII, diz Maximo Du Camp, resumiu-se na negativa.

A França soffreu o martyrio da fome até ao principio do seculo XIX.

A insufficiencia da alimentação, a miseria physiologica que comsigo traz, torna os povos muito mais sujeitos ás infecções de toda a sorte. Na idade media eram a peste, a variola que vinham após a fome. Na India era o cholera ou a febre typhoide.

Esta dizimou também grande parte da população de Paris, durante o sitio e a fome de 1870.

Hoje, pondo-se de lado a calamidade da guerra, estamos ao abrigo da fome. E' esse um dos melhores beneficios da civilização.

Antes de Luiz XVI, o commercio de cereaes não era livre. Nos annos de pouca colheita não havia pão e quando ella era excessiva não se sabia o que fazer do excesso. Deixava-se apodrecer, como nos tempos antigos. Por outro lado, os caminhos eram tão intransitaveis que eram precisos quatro cavallos para puxarem uma carroça com dez saccos de trigo.

Este estado de coisas melhorou depois de Luiz XVI, com a introdução da batata. Havia já muitos annos que os espanhóes tinham importado a batata do Chili, mas esta só era usada para alimentação do gado, sob o pretexto de que produzia a lepra nos homens.

Parmentier, apoiado a principio por Luiz XV e depois por Luiz XVI, conseguiu impôr a batata na alimentação dos homens nas fomes de 1779 e 1792.

A Revolução franceza supprimindo as barreiras entre as provincias deu ao commercio dos cereaes a mais ampla liberdade em todas as partes do mundo. Napoleão, abrindo novas vias de comunicação, necessarias á passagem dos seus exercitos, facilitou os transportes.

Em 1817 as chuvas generalizadas obrigaram os habitantes da França a alimentarem-se só de batatas, pão de aveia e farello. Mais tarde foram utilizados os vegetaes herbaceos e por fim as hervas menos usuaes.

Em 1847 a praga das batatas produziu a ultima fome. O preço do trigo chegou então a 70 francos por hectolitro.

Os caminhos, os canaes, as vias ferreas, o desenvolvimento da navegação a vapor melhoraram extraordinariamente as relações entre os povos, facilitando o intercambio de generos alimenticios. Hoje em dia, os productos necessarios á alimentação transportam-se de um extremo a outro do mundo, com promptidão e regularidade como se não houvessem distancias ou dif-

ferenças de nível. Os negociantes de cereaes, graças ao telegrapho, são informados diariamente do preço desses generos alimenticios, em todo o globo, e podem fazer os seus pedidos e as suas remessas conforme as necessidades dos mercados. Assim o trigo é levado do paiz em que sobra para aquelle em que escasseia. Por intermedio da praça de Nova York, remette-se o trigo dos Estados Unidos para Liverpool, Havre, Hamburgo, etc. conforme as vantagens que na venda offerecia o mercado no dia anterior.

Esta diffusão dos meios de subsistencia colloca os paizes da Europa ao abrigo da fome, que era a sua preocupação maior no passado.

Na India, ha poucos annos atraz, eram periodicas as epochas da fome. A colheita do arroz depende mais do que nenhuma outra das chuvas. Quando estas faltavam a população era dizimada pela fome. Em 1873 o governo da India contrahiu um emprestimo de 250 milhões de francos para attender ás necessidades de uma má colheita, cujo resultado foi a morte pela fome de 150.000 pessoas.

Nessas occasiões appareceram por lá, para augmentar a afflicção ao afflicto, o cholera e a febre typhoide. Hoje a India produz trigo em boa quantidade, 150 milhões de hectolitros por anno.

A necessidade impõe alterações nos habitos dos povos. Foi preciso o cerco de Pariz para se acceitar a carne de cavallo, que cada vez mais entra no consumo das grandes cidades. Naquella quadra calamitosa, foram sacrificados em Paris 125.000 cavallos para alimento do povo.

Veremos o que a fome nos imperios centraes, durante a actual guerra, trará como progresso á alimentação.

Estas notas, em grande parte colhidas no trabalho do Dr. Joaquim Morera mostram-nos que é bem justificado o esforço da Inglaterra para reduzir á fome os imperios com os quaes está em guerra, já que os não pode vencer pelas armas.

Quem acompanha com interesse a evolução desta nefasta lucta, cujo termo é desejado por todos os neutros, terá notado que já se não falla na escassez de material bellico e nem se accen-

tua a falta de homens nos imperios centraes. Tambem, não se pode deixar de pôr em duvida que a escassez de homens ameace por enquanto a Allemanha. Em todas as frentes ella lucta com vigor e ha pouco tempo deu provas da sua capacidade bellica com a invasão da Rumania. As noticias dos alliados preoccupam-se mais agora em mostrar a insufficiencia dos alimentos, isto é, a fome, na Allemanha e mais especialmente na Austria.

E' portanto a fome, consequencia do bloqueio dos imperios centraes, perturbando todas as conquistas da civilisação em materia do intercambio, o factor que poderá determinar a derrota dos imperios centraes e a victoria dos alliados. Assim o comprehendeu a Inglaterra desde muito cedo. Nas fomes de outrora devidas ás más colheitas, ás chuvas ou ás seccas, o povo não tinha outro remedio senão conformar-se com a sua triste situação. Não era raro attribuir-se essas calamidades á colera divina, que por esse modo castigava os habitantes de um paiz. No caso actual, porém, o povo reconhece que a guerra é a unica culpada dos seus tormentos e a paz a sua unica esperanza. Elle pode por isso acabar impondo a paz.

A Inglaterra procurou sempre vencer os outros povos pelo bloqueio. O grande receio de ser bloqueiada, receio muito mais fundado nella do que nas outras nações, fez-lhe crear uma esquadra enorme que lhe serviu, em tempo de paz europea, para dilatar as suas possessões, desenvolvendo assombrosamente o seu commercio com as colonias e com as outras nações.

Povo eminentemente pratico, o inglez soube colonisar sem tolher de todo a liberdade dos povos sujeitos ao seu dominio e sem comprometter as sympathias dos seus colonos. A prova mais evidente desse facto é o apoio material, pecuniario e moral que tem recebido de suas numerosas colonias na dura emergencia que atravessa.

Em conclusão. De todas a calamidades a peor é sem duvida a guerra. As epidemias matam creanças, adultos e velhos. A guerra mata de preferencia os moços. A guerra traz a fome, que a civilisação tinha feito desapparecer, torna perverso o caracter dos homens que a moral tinha melhorado e traz as epidemias que as sociedades modernas esforçam-se por eliminar da face da terra.

Veremos com o correr dos tempos, si a fome imposta aos imperios centraes, não por Deus mas pela Inglaterra e seus allia-

dos, nos traz o beneficio da paz. Será a lucta do mal contra o mal, tendo em mira a victoria do bem. E' a reminiscencia da politica de Luiz XI e de Carlos IX justificando os meios maus pelo bem visado.

Infelizmente, com argumentos semelhantes, os allemães tentarão justificar a selvageria da guerra submarina, matando innocentes alheios á lucta e até talvez sympathicos á sua propria causa.

S. Paulo.

VICTOR GODINHO.

CÃES E VEADOS

Na vida do padre José Gonçalves, escripta por D. Joaquim Silverio, Bispo de Diamantina, vem a descripção de uma caçada de veado no municipio de Caeté. Entre os cães que tomaram parte nessa caçada figuram alões, galgos e mustins. A caça é veado, cervo e matteiro. O logar da caçada é montanhoso, de campos limpos nas encostas das serras, e de capoeiras nas grotas.

Já percorri a cavallo a zona onde que se fez a fabulosa caçada e em que até o Diabo tomou parte...



E' muito pobre entre nós a literatura kinologica.

Afóra o *Glossario* dos termos usuaes de caça, escripto pelo visconde de Porto Seguro em 1858, nada mais sahio dos prelos. Dizem que o conselheiro Paula Souza escreveu alguma cousa a esse respeito; mas o seu trabalho talvez não passasse das mãos de poucos iniciados.

Os caçadores distinguimos os cães de caça segundo os seus dotes e propensões. Os inglezes que tem sabido especialisar, criarão raças especiaes para cada caça. Para a caçada da raposa, de todas a mais *esportiva*, criarão os inglezes o *foxhound*, animal vigoroso e rapido, sadio e resistente. Esse cão na França serve para o cruzamento, sendo os mestiços optimos caçadores de javali. Entre nós seria o cão ideal na caçada da queixada e do porco do matto. Para a caçada da lebre elles têm o *harrier*.

Em França foi esse cão cruzado com o *beagle*. O producto é muito estimado. Na corrida do cervo os inglezes empregam o *staghound*. Este distingue-se do *foxhound* por ser maior e

de movimentos mais rapidos. Os oitenta cães da matilha do rei da Inglaterra pertencem a esta raça e causam admiração aos que os visitam em Ascot.

Entre nós tanto o cão como o boi vão recebendo sangue de diversas procedencias. Poucos são os perdigueiros puros; os veadeiros são geralmente bastardos.

Os cães de sangue puro só se encontram junto dos amadores ricos. Os poucos que se desgarram são logo empregados no cruzamento.

Vi no Rio de Janeiro, ha pouco tempo um turco desembarcar um puro galgo africano destinado a rico fazendeiro do Estado do Rio, famoso caçador de veado.

O alão é cão de fila, vulgarmente chamado molosso. O proprio nome é desusado hoje, tendo ficado nos dictionarios e nos livros contemporaneos do *Cazador gallego com escopeta y perro*, de D. Froylan.

O mastim é cão de pastor. Na sua *Hist. Naturelle* Buffon diz que o mastim é *descendente* do cão de pastor, de pouco faro, parecendo-se nisto com o galgo.

Gayot, no seu livro *Le Chien*, aponta essa raça como pouco intelligente. Ninguem entre nós caça com o cão galgo.

Tive um formosissimo, chamado Nilo, que passei ao senador Bias Fortes por intermedio do desembargador Miranda Ribeiro.

No campo não valia nada.

Aqui no norte de Minas os grandes veadeiros são o producto do galgo russo com o perdigueiro, em geral leraco italiano.

E é por isso que caçam bem a onça. Mordem e latem muito.

Já os romanos dividiam os seus cães em *villatici*, *pastorales* e *venatici*, subdivididos em *pugnaces*, *sagaces* e *celereres*.

Lá, cada um ficava no seu officio...



Conhecida a distribuição geographica dos veados o municipio de Caeté só pode ter veados *catigueiros* e *matteiros*.

Os vocabulos usados na *Vida do Padre José Gonçalves*, taes como *veado* e *cervo* designam os nossos cervides — *cervus paludosus*, *cervus campestris*, *cervus rufus*, *cervus nemorivagus* e *cervus nanus*.

O que o Padre caçava em Caeté era o *cervus nemorivagus* de Crevier, vulgarmente chamado *catingueiro*, habitante das catingas.

Em regra este veado é habitante das capoeiras e das bordas dos campos. Passeia muito, quer de dia, quer de noite. Velhaco a valer, como bem diz o Capitão Henrique Silva, o catingueiro não é arisco, aproxima-se da vizinhança do homem, talvez confiado na agilidade e velocidade de que dispõe, principalmente para fugir aos cães.

O biographo do padre José Gonçalves affirma que o veado da milagrosa caçada era um *matteiro*, e esquecido desta declaração, descreve a caçada no campo... Sendo *matteiro* o veado do padre José Gonçalves, trata-se do *cervus rufus*, o guasu-pita de Azara ou suaçu-pita dos tupis.

E' habitante das mattas virgens e dos capoeirões, onde vive separado da fêmea, sahindo somente á noite, muito cautelosamente em procura de alimento. Quando novo o matteiro tem tres carreiras de malhas brancas longitudinaes nos lados do corpo.

Nos campos só se caça o *campeiro*, que é o *cervus campestris*, o guagu-y dos guaranys do Sul. Tem muita semelhança com a corça européa (*capreolus*). Nos primeiros annos o chifre é singelo; depois bifurca-se e tem galhos inclinados para diante e para traz. E' vermelho claro, com malhas brancas nas ventas e nas palpebras. A barriga e o lado interno das extremidades tambem são brancos. Prefere os sertões descampados e seccos; foge aos brejos como ás catingas e capoeiras. Vive geralmente em bandos. Durante o tempo da fecundação desprende um cheiro insupportavel, peor que o de alguns negros. Em. Liais diz que este veado occupa todos os campos da America do Sul. Como o cervo europeu elle perde os chifres. A topographia de Caeté exclue completamente a idéa de um campeiro nas suas terras.

O biographo do padre José Gonçalves falou a principio em *cervo*, que julguei ser tomado no sentido generico, para não suppôr que o escriptor collocasse no montanhoso Caeté aquelle animal que vulgarmente chamamos cervo e que é o *cervus paludosus* de Desmarest, ou suaçuapara dos indigenas, habitante das mattas alagadas dos grandes rios e que anda em pequenos

ajuntamentos. Depois do sol posto, durante a noite e de madrugada são á procura de alimento. Durante o dia fica occulto na alta vegetação das margens. Tem olphato e audição perfeitamente aparelhados para avisal-o do mais leve e remoto perigo. A sua salvação está nos brejos, nos banhados e lagoas e nas acuações é muito temido por causa das formidaveis astes ponteadas. O capitão Henrique Silva no seu *Cervides e Fapirides* do Brasil Central faz uma boa descripção da vida e costumes deste veado.

Não devem causar admiração as confusões que se encontram em livros escriptos entre nós sobre assumptos pouco estudados como cães e caças.

F. BADARÓ.

POESIA

DE VOLTA

*Mais encanto que a mais populosa cidade,
Dentre tantas que viu, a sua aldeia encerra,
— Uma nesga de gleba e socalcos de serra,
Sob um céu sempre azul de ampla serenidade.*

*Por tudo o olhar derrama ungido de saudade,
E, evocando o passado, os tristes olhos cerra.
Neste instante feliz, nada ha que mais lhe agrade
Que sentir-se entre os seus em sua propria terra.*

*Chega. O primeiro amigo a quem a mão aperta,
Quasi á meiga pressão se esquiva, indifferente,
E de outras effusões mais vivas se liberta.*

*Nessa mão, que rec'ua, outras frias, presente...
Antes exílio e dôr, pão duro e vida incerta,
Que o desprezo arrostar da sua propria gente.*

RUSTICA

*Da casinha em que vive o reboco alvacento
Reflecte o ribeirão na agua clara e sonora.
Este é o ninho feliz e obscuro em que ella mora;
Além, o seu quintal, este, o seu aposento.*

*Vem do campo, a correr; e humida do relento,
Toda ella, fresca de ar, tanto aroma evapora,
Que parece trazer comsigo, lá de fóra,
Na desordem da roupa e do cabello, o vento...*

*E senta-se. Compõe as roupas. Olha em torno
Com seus olhos azues onde a innocencia boia;
Nessa meia penumbra e nesse ambiente morno,*

*Pegando da costura á luz da claraboia,
Põe na ponta do dedo em feitio de adorno,
O seu lindo dedal com pretensões de joia.*

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

OS ATURES

... Les courageux Aturés se réfugièrent dans les rochers des cataractes, séjour lugubre où perit toute la race, sans laisser des traces de la langue qu'elle avait parlée... A' Maypures, chose bizarre! vit encore un vieux perroquet que personne, disent les naturels; ne peut comprendre, parce qu'il parle la langue des Aturés. — Humboldt — *Tableaux de la Nature*, pags. 286-287.

*Quando os braços da Iberia, em seus gestos profundos,
Tiravam do Mysterio os Oceanos e os Mundos
— Mergulhando no Mar ou investindo o Sertão —
Espalhavam, também, nas terras innocentes,
A injustiça, a maldade, as vermelhas sementes
Da seára de Caim, que apertavam na mão.*

*As espadas hostis que, deixando as bainhas,
Mostravam sua cruz, em legiões, ou sosinhas,
As homenagens do sol na terra americana,
— Vinham sempre acordar no selvagem regaço,
Com o seu frio tinir, com o brilho do seu aço,
Um rugido de fera ou uma supplica humana.*

*Cada vez que, a zombar da vaga e da procella,
Espontava na costa a aza da caravella
Arrastada no mar pelos braços de Deus,
A alma do Novo Mundo, ao clamor dos seus brios,
Maldizia, a chorar, pela bocca dos rios,
O oceano protector dos tigres europeus.*

*E as naus, a conduzir desterrados e tropa,
Derramavam na praia os vomitos da Europa,
Que entravam pela terra encharcando as chapadas.
E o saque, e o fogo, e o assalto, e as contendas no centro
Iam logo, ao rumor da invasão, terra a dentro,
Perturbar o labor das tribus socegadas.*

*Ora, naquelle tempo, em regiões sem roteiros,
Vivia, unido e forte, um povo de guerreiros
Cem vezes vencedor das tribus em redor.
Formiga — no trabalho, e cigarra — no canto,
Era energico, audaz, temerario e, no entanto,
Se achava a guerra boa, achava a paz melhor.*

*Cada aldeia, que ao sol, o seu braço estendia,
Tinha logo a cercal-a, e a bolir, noite e dia,
A roça côr de mar e o riacho côr de prata.
Seu deus, do seu valor serena testemunha,
Dava-lhe o fructo á mão e, anonymo, lhe punha
O pé do caeteté na armadilha da matta.*

*Era raro na tribu um guerreiro vencido:
Arco á mão, flexa á mão, no combate renhido,
No acceso da peleja, era difficil ver
Um unico aturé que, entre os uivos da guerra,
Ensopado de sangue, atirado por terra,
Se deixasse no chão antes de perecer.*

*Respeitando os heroes, castigando o cobarde,
Escutando o seu piaga entre as sombras da tarde,
Pondo em terra feraz novos hortos risonhos,
Os santos manitôs, em nuvens de famaça,
Vinhão lhes ensinar o refugio da caça
No impervio mattagal, fallando nos seus sonhos.*

*Sua lingua, era sua: aprendera-a na matta.
O grito do oitibó e o gemer da cascata,
O soluço da rôla e o gritar do gavião,
Emprestaram-lhe sons que a outrem daram certeza
Das emoções da Dôr, da raiva, da tristeza,
Do rugir do Prazer, da ancia do coração.*

*Forte assim, nobre assim, não havia tão perto
Gente que dominasse as feras do deserto,
— A córça na planície e a onça ou o tapyr no atalho.
No entanto, nesse inverno, a cuidar da cultura,
Se deixara na taba, a sentir a doçura
Do mel que dava á tribu a abelha do Trabalho.*

*E foi, então, que veio a desgraça infinita.
Descendo para o sul em carreiras e em grita
Todas as tribus más rolaram no sertão;
E qual, no inverno, o rio, a invadir as chapadas,
Cahiram na planície as hordas conflagradas,
Raiva no olhar feroz, tangapema na mão.*

*Toda a matta acordou, ébria de dôr e susto.
Da aroeira secular ao mais tímido arbusto
Houve um grito de horror, de largos estribilhos.
Abriram-se, chorando, as boccas dos atalhos;
A selva matenal, retorcendo os seus galhos,
Supplicava perdão para a culpa dos filhos!*

*E foi o assalto, a morte, a lucta frente a frente.
Cem vezes o boré, pela selva tremente,
Fundo, uivou, levantando as gentes aturés.
E a rugir, a correr, ainda á surpresa alheias,
As tribus, em tropel, vieram de cem aldeias
Fazendo estremecer o sólo sob os pés.*

*E a lucta começou. Jamais o sangue humano
Se mostrara tão vivo ao sol americano,
Dos alvos littoraes ás floresias do centro.
Nunca a America viu tão doida valentia.
No ardor de parte a parte, angustiado, tremia
O sólo do paiz, pelos valles a dentro.*

*Ao choque dos titans, muge a terra, com pena.
Aquelle que rolava, imprecando, na arena,
Ao peso da macana em redopios no ar,
— Ficava para sempre atirado de bruços,
Mordendo o pó do chão, engulindo os soluços,
Mastigando no craneo as pennas do cocar.*

*E o inimigo venceu. Filho da serraania,
Descendente do Sol, que, insaciavel, bebia
Como rubro cauim, todo o sangue da guerra,
Derrubou, avançando em feroz estrupido,
As taboas, os giraus, as roças do vencido,
Ao fazer, bruto e mau, a conquista da terra!*

*Venceu! Mas só venceu, quando, virgem de escravos,
Succumbiu, nobre e livre, esse povo de bravos
Que honrava a Liberdade ao clarão destes céos;
Venceu! Mas só venceu, quando, tragica e forte,
A tribu ao perecer, poz nos braços da Morte,
Com os corpos dos heróes, seus mais altos trophéos!*

*Venceu! Mas só venceu quando o rio, já quieto,
Descobriu pela terra o carreiro secreto
Que os tacapes levou por argenteo rastilho;
Venceu! Mas só venceu quando o bravo, ao barulho
Do atacante, e ao tombar, rebentou, com orgulho;
Na pedra do rochedo, a cabeça do filho!*

*E quando o vencedor entra na ultima aldeia,
Destróe, depreda, invade, extermina, saqueia,
A buscar os heróes, procurando os pagés,
Só encontra com vida, azas á luz rufflando,
Um velho papagaio, entre mortos, cantando
Na linguagem natal das gentes aturés!*

*Poeta, na terra hostil em que a sorte te ha posto,
No tempo em que, a sorrir, levantas o teu rosto,
Serenos, ante a onda má que rebenta a teus pés,
Lembras, a predicar teu crédo sempre novo,
Aquella ave a cantar no meio de outro povo
Os cantos marciaes das gentes aturés!*

*Sósinho, sem ninguem que o espirito te entenda,
Sem um braço que ampare o teu vulto de lenda,
Tangendo, como Orpheu, a lyra em toda parte,
Passas, de olhos no céu, quasi transfigurado,
A exaltar, como um deus entre o vulgo espantado,
As dôres do teu peito e as glorias da tua Arte.*

*Tua tribu morreu! Quando as hordas bravias
Invadiram, rugindo, a patria onde vivias,
Mataram teus irmãos, povo do teu amôr.
Teu paiz de oiro e luz foi, á força, invadido:
Ficaste apenas tu, repetindo, vencido,
A lingua maternal diante do vencedor!*

*Continúa, porém, nessa audacia insolente
— Ave dos Aturés — fallando a extranha gente
Teu idioma natal, cujo mel ainda libo:
Continúa a expandir teu despreso profundo,
E, honrando sempre os teus, celebra pelo mundo
O nome desse povo e as glorias dessa tribu!*

HUMBERTO DE CAMPOS.

LIVROS ...

LUIZ MURAT — *Poesias escolhidas* — Jacintho Ribeiro dos Santos, editor.

O livro de Luiz Murat era anciozamente esperado. Tendo sido um dos poetas mais discutidos da geração em que também surjiram Alberto de Oliveira, Bilac, Raymundo Correia, e outros, Murat, depois de haver publicado tres volumes de poesias, deixara-se ficar em um profundo silencio. Seus volumes se esgotaram. Sabia-se vagamente que se interessava por questões religiozas, tendo-se filiado a uma seita especial; mas havia muito quem perguntasse si abandonára de todo a poesia.

D'aí o alvoroço que acolheu a noticia da proxima publicação de suas produções.

O volume, que ele agora dá, é tipograficamente feio. Feio para um livro de versos. Tem o aspeto de um relatorio, de uma obra juridica — de tudo emfim que possa ser grave e solene. São 350 pajinas macissas, em cada uma das quais ha espaço para 9 quadras.

Livros de versos com tantas pajinas só se admitem, quando são feitos em papel finissimo, como certas edições italianas de Stechetti, Carducci, Fogazzaro e outros.

Por que essa regra? Talvez porque o verso, devendo ser leve e alado, concilia-se mal com o aspeto pezado de um volume espesso.

Esta critica vai apenas ao editor.

O volume de Murat começa por um longo prefacio.

Devem lêr-se prefacios? Ha só um cazo em que se pode

sempre responder pela afirmativa: é quando se trata de traduções. Nessa hipótese, o tradutor diz, em geral, no prefacio qual o motivo porque foi buscar em uma lingua estrangeira a obra que passou para o idioma nacional. Indica-nos, portanto, o que ele parece tre de original. O prefacio fornece então uma informação preciosa.

Fora disso, os prefacios são muitas vezes inconvenientes. Tendem a sugerir-nos ideias preconcebidas para a leitura que se vai seguir. E' o que frequentemente acontece com os elogios postos por autores celebres á frente de obras de principiantes.

Quanto aos prefacios dos proprios autores, ora convém lê-los; ora evita-los. O pior é que só se chega a esta ultima conclusão quando já é tarde...

Foi talvez por isso que a maioria dos que deram noticia do livro de Luiz Murat percorreu docilmente as paginas do prefacio por ele escrito. — E, no entanto, convinha bem evita-lo.

Nessas paginas preliminares o poeta tratou de tantas couzas extranhas que desde logo foi perturbando os seus leitores. Falou-lhes de parnagianismo e romantismo; falou-lhes de politica; falou-lhes de Swedenborgianismo... E isso positivamente os desorientou.

Não querendo confessar que não haviam entendido, — confissão que lhes parecia humilhante para a sua capacidade intelectual — tiraram da leitura das poezias do volume as conclusões mais singulares.

Max Nordau graceja, em certo lugar, com alguns criticos. Para isso conta a historia de uma senhora que acabava de receber o amante, quando ouviu passos do marido. Combinou rapidamente o que havia de fazer e, assim que o espozinho entrou, apresentou-lhe o amante como si fosse um médico. Disse que se sentia incomodada, mandára chamar o primeiro facultativo que se encontrasse e aquele fôra o achado. Felizmente estava restabelecida.

O marido, amantissimo e crédulo, assustou-se e insistiu para que o falso médico sempre receitasse alguma couza. Em vão, este disse que era inutil. Mas a insistencia do marido foi tanta, que o pobre homem, absolutamente ignorante de tudo quanto concernia a ciencia de Hipocrates, teve de rabiscar qualquer couza.

O que ele fez foram, de fato, rabiscos, sem nenhuma significação. Não empregou mesmo o menor esforço para escrever nem uma palavra.

Entregando a sua receita, o falso médico quiz partir, porque previa que o farmaceutico ia devolve-la como ininteligível. Mas o marido o constranheu a demora-se, garantindo-lhe que, sem a sua presença, a mulher não tomaria, de certo, o remédio salvador.

O pobre amante suava frio, no temor do escandalo que ia afinal rebentar.

Nisso, entretanto, a criada entrou, com a mais perfeita naturalidade, trazendo o medicamento receitado. O farmaceutico entendêra, onde nada havia para entender!

Esse farmaceutico é o chefe espiritual de uma vasta categoria de cidadãos, que não se decidem nunca a confessar que não compreendem mesmo as couzas mais radicalmente incompreensíveis.

Menos inteligente que esses criticos, eu confesso não haver decifrado a significação de muitos trechos do prefacio de Luiz Murat.

Os que se vão lêr figuram nesse numero:

“A plenitude do ideal supõe um campo vastissimo de operações etimológicas”.

“Si o substantivo é a alma do estilo, a forma é o adjetivo, a que aquele se apoia, para o fim de desenvolver todas as energias avigoradas pelo contacto ou reforçadas pela ação do elemento material, que se intensificára no ato da conjunção”.

Vagamente, julga-se distinguir que ha ai dentro uma teoria do estilo. Qual? E’ difficil dizê-lo.

Mais adiante se encontra uma teoria da evolução:

“A forma evolutiva é espiroide. E é em virtude dessa correlação de elementos a ajirem por esse modo, que a ideia da divindade parece adquirir mais força. De fato, a conclusão a tirar-se do conceito acima é que as emanções, nascendo do fluxo luminoso, precisam assentar sobre as proporções mais vigorosas, e estas só a espiroide possui. Ao demais — levemos mais longe a generalização — que é a espiral sinão a vorticalidade menos precipitada, a vorticalidade que constitui o carater ou a condição insita do poder absoluto?”

Atravez das densas nuvens de uma frazeologia calijinoza sente-se uma alusão á teoria de Vico, que considerava a marcha do progresso como uma espiral: as sociedades progridem, repetindo sempre os mesmos ciclos. Murat complica e obscurece o velho autor italiano.

Em outros cazos, fica-se a perguntar que intelijencia deu o poeta a certos principios. Assim por exemplo, falando de politica, ele diz:

“Reajir como, si eles se sentem peiados nos movimentos pela imensa mole de circumstancias eventuais que, abatendo sobre o nosso paiz, interceptára a penetração do que Myers chamou — o *subliminal* — nos negocios da Republica”.

Myers escreveu um estudo admiravel sobre o inconciente — o que está abaixo do limite da consciencia normal e que por isso, ele chama *consciencia subliminal*. Murat deve ter sido enganado pelo termo, achando que ele derivava de *sublime*. E traduziu-o por *subliminal*, quando a expressão de Myers provem de *sub* e *limine* — *sub-liminal*.

Que tem isso com os negocios da Republica ha de seguramente escapar a muita gente. E, quando não escape a mais ninguém, continuará a ser para mim um mistério profundo.

Os mistérios não fazem aliaz medo a Luiz Murat que proclama ser um adepto de Swedenborg, o místico sueco, que, depois de ter publicado excelentes livros de ciencia atirou-se ás mais abstruzas cojitações teológicas e fundou uma nova seita. Swedenborg gabava-se de ter ido ao céu e de escrever varias couzas, ditadas directamente por Deus.

Ha, no livro de Murat, muitas poezias em que se sinta a filozofia de Swedenborg?

Algumas estão evidentemente inspiradas por ela. Não são muitas e o que nelas se lê não são ensinamentos que estejam somente nas obras daquele autor. A principal afirmação é que a vida continua em outros planetas.

Murat escreveu no seu prefacio:

“Quer-se a noção alevantada da lei, ajindo de uma maneira conforme em todos os planos da Creação; e, pelo amor de Deus, não me venham dizer que ela começa e termina na estreita zona de um planeta, que é sem duvida um dos mais insignificantes que existem”.

Mais adiante ha isto:

E o amor? Sim, que ha de ser do amor piedoso e casto,
— cisne que adormeceu sobre um lago sereno?
Senhor, o ideal humano é muito vasto
para circinscrever-se a um mundo tão pequeno!"

E ainda em outro ponto:

"Ilude-se quem crê que é um descanso a Morte!"

No Passeio da Terra, ha esta estrofe carateristica:

"A assombroza atração nega o repouzo e o sono
aos pélagos profundos.
Alguem, que tudo vê do rutilante trono,
dando alma ás solidões e aza aos vermes imundos,
agazalha e protege o homem como um colono,
que vai depois de morto explorar novos mundos".

Na *Filha de Cassiopeia* leem-se estes versos, mais obscuros,
mas que ainda assim deixam entrever o pensamento principal:

"E's uma atra, tortuoza e humilde albergaria,
Terra, esquecida e baixa!
Deces como um galé á masmorra sombria,
que o tempo e o vendaval bramante esvurma e racha...
Porque, tolhida e só, vás sem cajado ou gula,
sobreexaltando o algóz, que te sachola e sacha?"

Na *Ascensão do Mago*, que é, como as duas anteriores poezias, toda de inspiração swedenborgiana, acha-se esta quadra:

"De toda a varla forma inexpressiva e abjeta,
que reveste e disfarça a vida subalterna,
somos a alma imortal, a relação secreta
entre a immobilidade e a agitação eterna."

Na poezia *Do Thabor* ha um verdadeiro sermão, que começa assim:

"Os castigos estão na proporção da falta;
não tragas, homem cégo, a cabeça tão alta.
Si queres ser perdoado, ah! começa perdoando
O ministro insolente, o despota vitando".

Mas afinal de contas Murat não podia pôr em verso todas as subtilezas teológicas de Swedenborg. O que, portanto, mais avulta nas *Poezias Escolhidas*, das lições do mystico sueco, é que os outros planetas são também habitados e que a morte não constitui o descanso final. Ha uma vida apoz esta. Swenden-

borg a descreve de um modo completo, achando que nesse novo plano espiritual existe uma especie de duplicata incorporéa da Terra.

Pode-se dizer que o germen dessas afirmações figura até nas crendices de alguns povos selvajens. Em Swedenborg elas tomam um aspéto místico. No fundo, porém, a identidade de principio é evidente.

O homem no seu inenso orgulho, classificou as couzas do mundo, tomando-se como o estalão da perfeição. Reconhecendo que se podiam dividir todos os seres em minerais, vegetais e animais e que ele estava nesta ultima categoria, proclamou que ela era a mais elevada. Verificando que nesta ele era o ser mais inteligente, imediatamente afirmou que a intelligencia era a virtude suprema. Sentindo, porém, a desproporção não só entre o conjunto grandiozo do Universo e a mesquinha insignificancia dos sêres vivos, como ainda entre estes e o Homem, ele procura sair do absurdo em que está, declarando impossivel que toda esta maquina gigantesca exista para que nela só floream sêres inteligentes em um pequeno planeta. E não falta quem do te de habitantes todos os outros astros.

Realmente, si as premissas subentendidas de que partem tais raciocinios estivessem demonstradas, o fato de só haver sêres vivos e inteligentes na Terra seria extranho.

Mas o que ninguem ainda provou foi que o Universo tenha sido creado; ninguem provou que, si houve essa criação, ela tinha sido feita por um ser inteligente; ninguem provou que a vida seja na Terra um estado superior; ninguem provou que a intelligencia seja a faculdade superior dos sêres vivos.

A intelligencia é uma faculdade, graças á qual, os sêres vivos se adaptam ás condições do meio. Por isso mesmo, é licito sustentar que os sêres já adaptados a esse meio estão em condições mais perfeitas. A bôa classificação talvez seja a que ponha os minerais acima dos vegetais, os vegetais acima dos animais e entre os animais dê a primazia aos que já dispensam as incertezas da intelligencia e se acomodam com as cristalizações do instinto. Os minerais já estão adaptados á sua condição; os vegetais já o estão mais que os animais; os animais, que vivem uma vida em que o instinto predomina, já se acham mais adaptados que aqueles que ainda precisam da intelligencia para guia-los.

Não ha nisso um paradoxo literario. Toda uma grande e veneravel filozofia — a da India antiga — chegava a conclusões identicas a esta.

A vida não existe, não pode existir sinão na Tèrra. Quanto mais os astrônomos conhecem os outros planetas do nosso sistema, mais verificam que neles nada se admite que tenha os caracteristicos intimos, profundos, substanciais, que dão á Vida o seu feitio especial. Não se trata das formas, das simples formas exteriores dos seres vivos; o incompativel com as condições dos outros planetas são as propriedades fundamentais da materia viva.

Ha é certo, que nos diga que a Vida, nesses outros planetas, deve ter propriedades diferentes das que tem na Terra. Mas, si neles existem couzas que tem propriedades diversas do que nós chamamos *Vida* e não tem, em compensação, as que nós consideramos como essenciais a ela, é impossivel dar o mesmo nome ao que não tem as mesmas propriedades. Nomes identicos não se applicam a couzas fundamentalmente diferentes.

A Vida é um pequeno acidente da Tèrra. Anatole France comparou-a a um bolôr. Um gigante capaz de tomar a Tèrra em uma das mãos, podia dele raspar a Vida como nós raspamos o bolôr de um queijo...

Si fosse possivel reunir em um só ponto do nosso planeta tudo o que é substancia viva, e suprimi-la, o pezo retirado seria proporcionalmente menor que o de uma pulga que se eliminasse de um elefante. O grotesco é que essa pulga suponha que o elefante sobre o qual ela está é o solo sobre a qual o elefante repouza — tudo foi creado para ela!

Assim, si alguém tivesse provado que a vida era o dom mais perfeito do Universo e a inteliçencia a qualidade mais alta dos seres vivos, seria, de fato, um pouco extranho que ela só existisse na Tèrra, pequeno planeta que nada distingue: não é nem o maior, nem o menor, nem o do meio termo. Mas o que falta demonstrar são precisamente aquelas premissas essenciaes...

Em todo cazo, Murat está em muito bôa companhia acreditando no que acredita.

O mal é que ele exprima todas essas ideias de um modo obscuro e torturado, com uma evidente pesquisa de palavras extravagantes.

O uzo de palavras extravagantes é sempre um erro em poesia.

A poesia se presume escrita para ser lida em voz alta, afim de fazer sentir a sua harmonia. Quando, porém, na leitura, se tropeça em uma palavra insolita ou desconhecida, tem-se de parar ou no minimo de retardar a emissão da voz, surpreendida. E a harmonia do verso é quebrada com essa pausa.

Mesmo sem isso, nenhuma preocupação menos artistica que a de espantar o leitor com a exhibição de palavras pouco uzadas. E' fazer na poesia o que fazem na vida os individuos de máu gosto que procuram chamar a atenção, enfeitando-se com ornatos singulares, que atraem sobre eles os olhos dos que passam. Os versos ouriçados de vocábulos campanudos são, si assim se pode dizer, versos "*rastaquoéres*". Nada ha de tão belo como o estilo — em proza ou em verso — que exprime as ideias mais altas com as palavras mais simples.

Murat abuza dos termos raros. Ha mesmo alguns que todos os dicionários ignoram. Dicionários e enciclopédias.

Outro exajêro frequente nos seus versos é o de aluzões mitologicas e literarias. Não são só os grandes deuzes que figuram nas *Poezias Escolhidas*. São tambem os herois mesmo muito secundarios de todas as fabulas que Ovidio, Virjilio e outros referiram. São ainda personajens de Alfred de Vigny, de Georges Sand, de Byron, de mil e um autores diversos.

Isso torna difficil a leitura de muitas das suas composições. Alias, de um modo geral, Murat é um autor difficil.

Andaram a discutir si o classificariam como parnaziano ou romantico. De fato, a unica classificação que lhe cabe é a de *apocaliptico*.

Dadas as suas crenças religiozas, o qualificativo não lhe deve dezagradar.

Ha no volume diversas poezias, que podem provar a justiça daquela classificação; mas talvez a melhor seja a *Tristeza do Cáos*. Desde o titulo, ela é singularissima. Por definição, um cáos triste já não seria cáos, porque a tristeza importa em uma coordenação de ideias e sensações, em uma disposição de espirito orientado de um certo modo, — de um modo que não pode ser caótico...

Nessa poesia se acham couzas espantozas. Basta dizer que o Nada tem pezadelos, que o Nada é abalado...

"Era para ele — Nada — um pezadello horrivel
haver passos na terra e um ruido no intanjivel..."
"E um rumor, semelhante a um estrangulamento
de trovões, todo o Nada abalou num momento..."

Fala-se de uma massa, que entulhava o Infinito. Ora, a maior das massas, no Infinito, valerá sempre por um simples ponto, uma ridicula insignificancia incapaz de entulha-lo. Um infinito entulhado devia ser muito pequeno...

Lê-se, por exemplo:

"...a entanha que sai d'agua, o astro que sai da esfera,
é o Oceano — a velha arteria ilaqueada do Mundo."

Mais adiante esbarra a gente nesta quadra:

"Cyro, o sabre que tem por bainha Cambizes,
serve, ás vezes, de pena a Homero e a Heziodo;
e acazo não terão identicas raizes
o Gandjure o Coran, o Zend'Avesta e o Exodo?"

Já sem levar em conta que o poeta altera a pronuncia ex-druxula de *Heziodo* e *Exodo* para os obrigar á rima, tornando as palavras graves, ha o espanto de vêr Cyro, que é pai de Cambizes, estar para ele na relação de uma espada para a bainha, servindo, apesar disso, de pena a Homero e Heziodo que tinham morrido dois a trez séculos antes que ele nacesse!

E a tristeza do Cáos nos diz ainda que

"...o dogma, esse intestino,
tem servido de esterco á moral e ao direito..."

Comparar o dogma a um intestino já era bastante singular; por cumulo, o que serve de esterco não costuma ser o intestino, mas o seu conteudo...

De repente, porém, no meio desta poesia solenissima e apocaliptissima, estalam estes versos chatissimos em que o poeta se dirige a uma aguia:

"Aparelha a razão...
e em pratos limpos põe toda esta barafunda".

Ha, de vez em quando, nos versos de Murat essas mudanças bruscas de tom. Do alto de uma tirada filozófica, sempre

complicadíssima, ou de uma expansão lírica, ele deixa-se cair em uma vulgaridade, que espanta:

Falando, por exemplo, das perolas:

"Numa concha embarcada, percorremos
todo esse espaço, sem **estardalhaços...**"

Uma voz, dirigindo-se a um sátiro, ameaça-o:

"Si tocares nesse fruto,
quebro-te os cornos, canalha!

E na poesia *Sotainas*:

"Eis a imagem de todo o clero: bôa
meza, beatas, vinho a rôdo, em suma.
Entre as gentes na rua o ar abotôa
e qual a sua religião? — Nenhuma!"

Ha um evidente plebeismo nessas expressões.

Murat é um poeta prolixo. Creio só se lhe conhece um soneto, que alias não está no volume — o que faz crêr que o poeta não o aprecia.

Ha um grande exemplo literario inteiramente identico ao seu: o de Victor Hugo.

Tambem ele só deixou o celebre soneto a Judith Gautier, que termina por estes tercetos:

"Judith, nos deux destins sont plus près l'un de l'autre
tout le divin abime apparait dans vos yeux,
qu'on ne croirait à voir mon visage et le vôtre:
et moi je sens le gouffre étoilé dans mon ame;
nous sommes tous les deux voisins du ciel, Madame,
puisque vous êtes belle et puisque je suis vieux".

O soneto deve ser uma tortura para os poetas, que sentem dentro em si um grande turbilhão de imagens. Mas é também por isso mesmo uma disciplina. Habitua-os a ser concizos. Lembra-lhes o preceito de Voltaire:

"Le secret d'ennuyer est celui de tout dire."

E' preciso saber limitar-se. E isso é uma ciencia que Murat não tem.

Assim, si se recapitulam os seus defeitos, vê-se que ele é, nas suas poesias filozóficas, sobretudo obscuro. Em todas, prolixo.

Quando, porém, deixa em paz Swedenborg e decide-se a ser simplesmente um lirico, que canta couzas de amor, o poeta calijinozo e apocaliptico passa a ser um romantico suavissimo. Muitas das suas poezias lembram o mais meigo dos nossos poetas romanticos: Cazimiro de Abreu.

E' de Murat *A Arvore do Coração*, que começa assim:

"Dentro do meu coração
crece uma árvore frondente,
onde uma triste canção
gorjeia constantemente
um sabiá da floresta.
Cada ilusão que aparece
pergunta: "que voz é esta,
que as iluzões adormece?!"

Cada folha e cada flôr
que cai dessa arvore imensa,
são restos do teu amor,
são restos da minha crença.
Envolta em turbidas sombras,
de seu longos e hirtos braços,
lança ao docel das alfombras
o coração aos pedaços."

Falando da aparição de uma mulher amada, ele diz:

"Quando eu a vi aparecer na sala,
pizando o solo, como pizaria
o rutilante trono de ouro e opala
Minerva, a deusa da sabedoria,
minh'alma aos pés lhe foi cair de joelhos
tremula, como um raio do sol posto..."

Mesmo quando as inajens não são muito justas, — e nem sempre o são — o verso é bom, doce, cantante:

"Quando caminho pelo meu passado,
tão cheio agora de recordações,
e vou por esse mundo constelado
alvoratando as minhas afeições,
apenas uma contra o seio aperto,
e essa afeição, ó minha Mãe, é a tua,
que na minh'alma como n'um dezerto,
cada vez mais aumenta e se acentua!"

Na poezia *Tocando e dansando* ha estas quadras:

"Quando ela dança, a bamboar-se toda
e a violeta nos seus dedos fere,
não ha cabeça que não fique douda,
nem coração que não se dilacere.

Tudo na sala extático respira
um deliciozo ambiente muzical;

e é tão forte o perfume que ela expira
que, por força, lhe deve fazer mal.

Um cisne, que no seu jardim, levanta
para ouvi-la o pescoço, brando e esgulo,
e adormece ao sabor dessa garganta,
fresca e sonora, como o alvéu de um rio".

A poesia *Ama!* termina por estas quadras nitidamente "cazimirianas":

"Ouve; quando a palmeira a alegre espatha
airosa, entrega ás virações do sul;
quando a acauã na solidão da matta
contempla, absorta, o firmamento azul,

um fremito as ajita docemente...
Canta baixinho o passaro taul...
Que harmonia na vaga e na corrente,
que anciedade na estrella e no pául!

Amar é a segurança no que é vario,
é a inconstancia de tudo o que é constante,
a lua que prateia o campanario,
a onda que geme no alcantil distante...

E's tu — a força reunida ao medo,
a belleza ligada ao soffrimento,
o gemido da rôla no arvoredado,
A hesitação da luz no firmamento..."

E' absolutamente na mesma nota a poesia *Prece* que começa por esta quadra:

Já me não sobraia líricos momentos,
para seguir dos sonhos o rumor,
rumor que abrandava a cólera dos ventos,
— ecos do meu amor!"

E termina:

"Tem piedade uma vez, cruel! Concede
que livre o meu soluço aos teus pés vá;
ou então ao Senhor, de joelhos, pede
que me leve de cá".

De vez em quando, mesmo nas poesias mais obscuras de Murat, passam versos magníficos:

"Em qualquer parte onde haja um velho e uma criança,
sua muza reflete a mesma claridade:
para os que pedem luz, Victor Hugo é a esperança,
para os que pedem pão, Victor Hugo é a piedade."

Na poesia *Veneza*:

"Quem me dêra ao queimor astral de acezas fráguas,
numa gondola vêr a amplidão infinita,
pezada de astros como um coração de maguas!"

No *Passeio ao Bambual*, ha este pensamento tão bem expresso:

"De que nos serve a luz, de que nos serve a vida morta?
quando o corpo é o caixão de uma alma que está morta?"

Murat o vate obscuro e abstruzo das complicações svedenborgianas, sabe fazer versos que tem o delizioso sabor das quadras populares:

"Sorte, como a minha sorte,
ainda se não viu igual:
receio que a propria morte
aggrave e não cure o mal.

D'estas chamas infernaes
nasceram as minhas dôres:
ai! ferem mais que os das flôres
os espinhos dos meus ais!...

De um crime, que desconheço,
a pena estou a soffrer.
Ha muitos annos padeço,
não posso mais padecer."

E é ainda nessa nota de meiguice e sinjeleza a poesia *Penas Perdidas*:

"Perguntas porque meus versos
choram, em vez de sorrir...
E' que elles são universos
que estão quasi a se extinguir.

Tristes d'elles, minha filha,
Tristes delles, minha irmã,
raro é aquelle que brilha,
quando desponta a manhã.

São pequeninos fragmentos,
pedaços da minha cruz,
errando ao sabor dos ventos,
como planetas sem luz.

As lagrimas que vieram
humedecer este chão,
num coração estiveram
que já foi meu coração.

Pobre estrella desgarrada
foi essa estrella de amor,
hoje de todo apagada
no seu fumeiro de dôr.

Irrompa, embora, no Oriente,
qualquer aurora, qualquer,
quem tem o Occaso, sómente,
não vê a aurora nascer.

Houve uma dama formosa
que meu coração colheu,
como se colhe uma rosa,
mal o dia amanheceu.

Que quadra feliz foi essa!
Que meninice ideal!
O sonho que assim começa,
quasi sempre acaba mal!...

Um dia, a dama querida
para outro paiz partiu...
não cicatriza a ferida
que uma ingratidão abriu.

Ella sumiu-se entre os astros,
sem que a pudesse alcançar...
Quem é que, andando de rastros,
pode um passaro apanhar?"

.....

O que hoje faço, portanto,
é fazer o que não fiz:
enxugar, a furto, o pranto,
e fingir que sou feliz."

Não era possível falar de uma obra tão vasta como a de Luiz Murat em meia duzia de pajinas.

Prolixo sempre, obscuro muitas vezes, não parece que as suas poezias filozóficas possam jámais ser apreciadas. Mas ha felizmente junto delas poezias de um lirismo suavissimo.

Quando o menino celebre do celebre conto de fadas calçou as botas do gigante, botas com as quaes dava passadas de sete leguas, esse pequeno não sabia de certo onde punha os pés. Atirava-os um pouco ao acazo e ora devia pizar vertiginozos cumes de altissimas montanhas, ora afunda-los em tenebrozos vales, em lodozos marnéis. E' o que fazem alguns grandes poetas, a quem parece que falta todo o sentimento da justa medida. Põem uma producção sublime junto de uma producção abominavel — o passo no alto do cume e o passo no marnel — com a mais absoluta inconciencia.

A verdade, porém, é que nem todos podem calçar as botas de sete leguas, do conto de fadas... A maioria — á qual não pertence Murat — marca passo, sempre no mesmo lugar.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

OS VERSOS AUREOS DE PYTHAGORAS

Ao trazer para o recinto desta Universidade alguns commentarios aos versos de **Lysisi** tivemos em mira despertar a mocidade chamando-lhe a attenção para os thesouros da sciencia esoterica do passado. Muito louvamos o saber contemporaneo, e, contudo, não temos justa idéa do progresso. Affigura-se á intellectualidade do occidente que a sciencia se faz por accrescimos continuos, de modo que cada geração excede em saber á geração que a precedeu. Esta noção é falsa, assim expressa em termos absolutos. Todavia nella existe uma alma de verdade, que se manifesta principalmente no progresso material, nos aperfeiçoamentos mecanicos, no alargamento do conforto humano. As massas humanas aproveitam em seu conjuncto deste progresso nas fórmas materiaes da existencia. Uma cousa, porém, é o progresso material, e outra o progresso moral e espirital. O progresso moral e espirital não têm a mesma acção sobre o plano physico da vida, nem se faz por grandes levadas, senão por fórmas individuaes; fórmas cada vez mais numerosas, e que não seguem marcha parallela ao progresso physico e material.

O desenvolvimento intellectual não é funcção do progresso moral, nem do progresso espirital. Physico, moral, intellectual, espirital são linhas de evolução distinctas e separadas, destinadas a se fundirem e a se integrarem nos longes da evolução. Quando alguém apresenta estas varias manifestações evolutivas em sua unidade fundamental integrando-as todas em sua pessoa, attinge á estatura de um Pythagoras. Não temos orgulho desmedido de nossa sciencia contemporanea que não vae além do mundo dos factos, que raramente chega ao mundo das leis, sem remontar jámais ao mundo dos principios. E vejamos com modestia que, vinte e seis seculos depois de Pithagoras, depois de haver regado o planeta com as

suas lagrimas e com o seu trabalho incessante de Prometheu, a humanidade tem alguma cousa a receber dos labios do grande philosopho.

Accordaste? Vê lá com calma e in-continenti,
que o que tens de fazer para amanha não fique.
Vais dormir? Nunca o Somno as palpebras te féche
sem que antes hajas tu perguntado a ti mesmo:
"— Que fiz eu? Que deixei de fazer neste dia?"
Si praticaste o mal, recu'a: — perseverá
si praticas o bem.

Já vimos o pythagorico á procura da virtude, incorporal-a á sua vida de cada dia, assenhorear-se de suas paixões, governar e dirigir seus pensamentos, suas palavras e seus actos; organizar a familia modelo; ser o bom cidadão da cidade ideal; cultivar o dever e a justiça; comprehender a Liberdade, o Destino e a Providencia, isto é, conhecer a lei de causalidade no mundo moral e espiritual, — o karma, e a palingenesia, isentando assim o Absoluto das responsabilidades da origem do mal; já o conhecemos nos templos de Appollo, no seio de uma sociedade polytheista, a render o culto consagrado pelas leis; fazendo-o convergir em pensamento á unidade divina.

Sahiu em busca da Virtude e chegou ao encontro da Verdade. E' á Verdade que os pythagoricos rendem culto praticando os preceitos attinentes á Perfeição. A Verdade é a alma de Deus, segundo Pythagoras; é o proprio Deus, segundo o legislador dos hindús.

Sêde perfeitos, dizia o Christo. Pythagoras procurava a perfeição pelos methodos de iniciação antiga, ensinado nos Mystérios do Egypto. Condição deste desenvolvimento era a pratica do bem, dizem-nos os versos que vamos commentar. Chegar á verdade pelo caminho da virtude não é com certeza o caminho aconselhado pelos nossos methodos scientificos contemporaneos. A sciencia, as sciencias e as aptidões mentaes que ellas requerem nada têm que pedir á virtude. Que importam as condições moraes do candidato para a comprehensão das leis de Kepler? O ou que relação existe entre a santidade e o quadrado da hypotenusa?

Nenhuma. Mas as sciencias que dispensam e prescindem do homem interior não transcendem ao mundo dos factos e das leis. Para elevar-se ao mundo dos principios é necessario cultivar alguma cousa de mais elevado que o intellecto. O intellecto alcança o que está dentro de sua esphera, e o mundo dos principios excede-lhe a medida. A intelligencia é um instrumento de acção destinado ao mundo material. O mundo dos principios é espiritual e invisivel; é o mundo gerador das fórmulas de que o proprio intellecto é uma manifestação. O inferior só pôde conhecer o superior usando

do methodo analogico, que é o methodo classico do esoterismo. A sciencia official emprega sómente a observação e a experiencia, que alcançam os phenomenos pelo seu lado exterior, e nunca pelo aspecto esoterico.

Para chegar á Perfeição almejada por Pithagoras era necessario entrar pela **porta estreita**. A expressão não é pythagorica, mas christan. Comtudo ella corresponde perfeitamente ao pensamento, de Pythagoras. A porta estreita é a porta do serviço, do amor, da caridade. **Si praticaste o mal, recúa; — perseverá, si praticaste o bem.**

Para sermos breves, dar-se-á aqui um apologo concernente ao **Messias**, e cujo significado applica-se perfeitamente bem ao espirito dos ensinamentos de Pithagoras.

“Quando virá o Messias? pergunta o **Rabbi Schimeon** ao propheta **Elias**, que descia muitas vezes do céu para conversar com o mestre do **Sohar**. Hoje mesmo, responde o propheta, vai á porta de **Roma** e vel-o-ás. **Rabbi Schimeon** dirige-se á porta de Roma e lá fica o dia inteiro, e volta, tendo visto unicamente mendigos cobertos de ulceras e um desconhecido de pobre apparencia que os consolava e lhes pensava as feridas. Ao chegar, encontra **Elias** em sua casa, e interroga: “Mestre, porque zombastes de vosso servidor?— Eu não te enganei, diz o propheta; não viste um homem a exercer a caridade? Pois bem, eu te digo que o reino da caridade é o do **Messias**, e si queres que o **Messias** venha a tí todos os dias, pratica diariamente a caridade” (1).

E’ o reino do **Messias** que os pythagoristas procuravam por antecipação prophetica de um **Messias** que só viria 6 seculos, depois.

O mal, corrige-o; o bem, fal-o de novo, diziam os pythagoricos. E’ o caminho do serviço desinteressado, da caridade activa, do sacrificio espontaneo, do amor que se expande, que esquece o “eu”, que procura a união com o divino.

Os versos attinentes á Perfeição seguem o caminho mystico, porque a humanidade não encontrou outra vereda para encontrar a consciencia cosmica. Dizemos consciencia cosmica para dar um colorido exoterico á verdades do mundo interior, á impressões subjectivas, mas que fazem parte da experiencia mystica.

— Aceita estes conselhos
e as virtudes terás que esplendem só nos Deuses;
juro-o por quem gravou bem fundo em nossas almas
a **Tetrada** sagrada, immenso e puro symbolo
que enquadra a Natureza e é dos Deuses modelo.

(1) Eliphas Levi. — Le livre des Esplendeurs, p. IV.

Seremos rapidos para evitar os difficeis do problema do Symbolismo. Não é nosso intuito elucidal-os, mas despertar a curiosidade dos que tenham pendor para semelhantes assumptos. Evitaremos fallar da **Tetrada** sagrada como da **taboa de Esmeralda** a que se refere Lysis nos versos que rezam:

Queiram elles, verás — que, em tudo similhante
a Natureza é sempre a mesma em toda a parte.

Diremos unicamente de passagem que o symbolo é a linguagem esoterica por excellencia. Houve um tempo em que era preciso occultar certas noções áquelles que não estavam preparados para recebê-las, e que as recebendo precocemente poderiam fazer mau uso de sua sciencia. Dahi o symbolo que alargava o horizonte dos iniciados sem revela-la aos profanos.

O que mais importa neste momento, é saber que havia um fundo commum de verdades esotericas ensinadas nos antigos templos. Quer que se trate de **Mysterios** maiores ou menores, quer se trate da iniciação hindú, egypcia, chaldaica, grega, judaica, ou mesmo christan, sejam os iniciados brahmanes, magos, hermetistas, pythagoricos, platonicos, kabalistas, christãos gnosticos, alchimistas, rosacruzes, ou theosophos, todos elles aprenderam e ensinaram o mesmo nucleo de verdades. Qualquer que seja o lugar, ou a data da iniciação, quaesquer que tenham sido os templos, as provações do candidato, por variados que tenham sido os symbolos, todos tiveram accesso ás mesmas verdades fundamentaes. A verdade esoterica se transmite por muitos canaes, mas é uma e a mesma: a tradição se conservou pura e sem jaça, por muito que se tenha querido supprimil-a.

Os povos que obedecem á direcção catholica do Christianismo, não encaram as cousas por este prisma e repellem o esoterismo que está nas fontes de sua religião.

No começo da era christan, havia duas doutrinas: uma exoterica, destinada á multidão, outra esoterica, ensinada aos discipulos mais capazes. Em nossos dias, a Igreja ministra ensino uniforme para a totalidade dos fieis e nega o esoterismo dos primeiros tempos. Negado ou acceito, o esoterismo christão é uma realidade. O passado não pode ser apagado por concilios que refratam o ensino original. Podem os homens ter perdido o contacto com as fontes crystallinas do passado, mas a sua voz está a clamar por uma exégesse mais espiritual que reponha em seus fundamentos o pensamento christão. Não se cançou o fundador do Christianismo de alludir aos **mysterios do Reino**, de fallar em parabolae adaptando o ensino ás mentalidades dos que o ouviam, explicando em particular aos mais capazes. Não deis cousas santas aos cães, não atireis perolas aos porcos, dizia. Não tinham estas palavras a significação

dura e grosseira com que soam aos nossos ouvidos. "As pessoas que faziam parte do mesmo grupo chamavam cães, isto é, o **vulgo**, o **profano**, todos os que não pertenciam ao seu grupo, quer se tratasse de uma sociedade, de uma associação, quer de um povo. Os judeus, por exemplo, assim se referiam a todo o gentio. Applicavam-se algumas vezes estas expressões ás pessoas estranhas ao grupo dos Iniciados, e neste sentido as encontramos empregadas por toda a Igreja primitiva. As pessoas não iniciadas nos Mistérios e consideradas como estranhas ao "reino de Deus" ou "Israel espiritual" eram assim designadas."

Mas, não é nosso thema particular mostrar a origem esoterica do Christianismo, que aliás para ser devidamente elucidado exigiria mais de uma conferencia, e estaria a pedir textos de **S. Paulo**, de **Lucas**, e das mais luminosas manifestações do christianismo original: **Tertuliano**, **Origenes**, **S. Clemente de Alexandria**, **S. Ambrosio**, **S. Cyrillo de Jerusalém**, **S. Basilio**, **S. Gregorio de Nazianzo**, **S. João Chrysostomo**, e **S. Agostinho**.

As allusões aqui feitas de passagem são com o fim exclusivo de frisar mais uma vez a unidade das religiões, unidade que não pôde ser comprehendida por aquelles que as encaram em suas fórmulas inferiores, materiaes, em seus ritos, em symbolos mal interpretados, mas que as sentem nitidamente os que as consideram em suas fórmulas superiores, em seu elemento substancial, espiritual, e as recebem como manifestações do mundo divino refractado através da mente humana, deformado através dos tempos, segundo os povos e as raças que receberam a mensagem original e a deturparam.

Antes, porém, de tudo, o teu dever cumprindo
desses Deuses a graça ardentemente invoca,
—pois, sem ella, jámais das cousas começadas
lograrás ver o fim que de antemão visaste.

Entramos num assumpto que faz parte da experiencia pessoal do crente, e que é geralmente regeitado por homens de sciencia como cousa inteiramente vazia, destituida de caracter positivo, puramente illusoria. Para a generalidade dos scientistas a oração é um surto sem objectivo e sem resposta possivel. Sem objectivo porque são agnosticos, e não reconhecem o poder em que temos "o movimento, a vida e o sêr". Ou sem resposta possivel, porque mesmo aquelles que regeitam todos os enygmas do universo no seio de um Incognoscivel transcendente, que escapa á observação e á experiencia, não julgam possivel que este incognoscivel attenda ás supplicas humanas, infringindo assim a lei de causalidade.

Não ha resposta a dar ao agnostico; é preciso esperar que a sua propria evolução o tire do horizonte estreito e do seu universo me-

(1) Annie Besant — Le Christianisme, p. 51-52).

canico; que seus olhos se abram aos raios do invizível, que são: a vida, manifestada na multiplicidade dos seres vivos, a consciencia operando na substancia nervosa, a intelligencia associada a todas as fórmulas da materia, a hierarchia dos seres espirituales nas manifestações mais subteis dessa mesma materia.

Não pode orar quem não tem consciencia, ou ao menos presentimento de um mundo suprasensível, de um poder superior que serve de fundamento ao universo. Orar é enviar uma mensagem á força transcendente que escapa á percepção sensorial. O homem o mais ignorante como o mais sabio, tem consciencia de suas limitações naturaes, e geralmente nas grandes crises da vida, na hora tragica da existencia, o mais refractario dos homens ás vibrações subteis do mundo superior, regeita do seu coração a escoria ephemera de sua inserção material.

O pensamento é uma força; elle se exterioriza, se objectiva, se realiza em nosso corpo physico, faz e desfaz molestias diversas; em condições mal definidas transmite-se á distancias immensas e impressiona cerebros afinados em consonancia com o cerebro emissor. Elle penetra egualmente o chamado mundo astral, onde assume fórmulas materiaes, feitas de materialidade subtil que impressiona sensitivos e videntes. Penetrará elle o chamado mundo divino? Sim, certamente responde a experiencia pessoal de todos os crentes, desde o feiticista a o propheta, desde o brahmane ao santo, do culto mais elementar ao mais adiantado. A experiencia humana diz sim pela bocca de todos os crentes, mas como se trata de factos interiores da vida intima, elles escapam habitualmente ás condições dos factos scientificos, ás provas da experimentação objectiva. Comtudo, estas experiencias se apresentam ás vezes em condições que se approximam das exigidas pela sciencia. Assim é que Lourdes cura á luz clara do sol. Lourdes cura como curam todos os focos de fé intensa. Assim curava a piscina de Bethesda, na Judéa; assim são curados os peregrinos da Méca e os sectarios de Boudha, na India; assim, na nossa modesta capella da Aparecida; assim se dão curas na humilde cabana do feiticista atrazado, mas capaz de ter fé viva "como um grão de mostarda". Longe está o psychotherapeuta de descrever que a fé focalize as energias espirituales, despertando a *vis medicatrix*, que é, na realidade o unico medico dos seres organizados desde a aurora dos tempos; longe de descrever disso, elle sabe que isso é. Sabe que a fé, a oração ardente, verdadeiras alavancas da vontade, despertam Lazaro que dorme no inconsciente physiologico, e faz resurgir o homem transcendente que habita em nós, que é o archetipo do corpo, e que refaz o corpo em curas prodigiosas.

Lourdes cura, e o seu poder de cura excede de muito o campo das psychonevroses, o unico em que o quer confinar o organicismo medico, porque lhe não comprehende o mecanismo, mas a area de

suas curas não vai além daquellas que se realizaram no tumulto do abbade Paris, que era jansenista heretico.

O prodigio é de todos os tempos, mas o prodigio não é milagre; o signal, como o chamava o propheta de Nazareth, é de todas as épocas, porque em todas ellas houve alguém capaz de utilizar-se de leis do mundo superior e de applical-as ao mundo dos factos physicos e chimicos. Mas o signal não é o milagre, porque a natureza é a totalidade do que é, nenhum phenomeno pode ser contrario ás leis do todo, ás leis do sêr.

William James, o fundador da escola philosophica chamada o pragmatismo narra alguns pormenores verdadeiramente extraordinarios da vida de Jorge Müller. Este homem, de fé ingenua e simples como uma creança, nunca cessou de implorar soccorros materiaes em suas orações. Tomou ao pé da lettra as promessas escripturarias e resolveu contar unicamente com Deus para prover a sua subsistencia. Este homem praticou sempre a beneficencia; viveu tão sómente para as boas obras. Distribuiu mais de dois milhões de exemplares das Escripturas Santas; expediu centenas de missionarios, á sua custa; edificou cinco grandes orphanatos, onde recolheu milhares de orphams; fundou escolas, onde ministrou a instrucção a mais de cento e onze mil creanças; recebeu e administrou mais de trinta e cinco milhões de francos. Pois bem, este homem extraordinario, nunca possuiu cousa alguma além de suas vestes, de seu mobiliario, e do indispensavel para as despesas correntes. Damos aqui um transumpto muito summario do seu methodo: "Nunca senti mais vivamente a presença de Deus e seu soccorro do que nos dias em que, terminado o almoço, nada sobrava para o jantar (e eramos mais de cem); terminado o jantar, nada mais havia para o chá; e o Senhor á tudo proveu, sem que de nossas necessidades tivessemos informado uma só creatura humana... Pela graça do Senhor, tendo-lhe tanta confiança que no meio das mais terriveis necessidades, posso, sem me atormentar, entregar-me pacificamente a minhas outras occupaões. Si o Senhor não me desse esta segurança pacifica de sua fidelidade, eu seria incapaz de fazer o que quer que fosse; porque raros são os dias em que, algum departamento de minha obra, não esteja quasi a faltar do necessario".

Não é para vos intrigar com o prodigio que narramos o caso de Jorge Müller, mas porque é um facto recente, e bem estudado. O prodigio não tem, ao nosso ver, significação maior do que o facto corrente, o acontecimento de cada dia. Para quem olha o fundo das cousas a simples queda de um corpo, ou o movimento do braço, por acção da vontade, é tão enigmatico quanto o facto mais insolito. Tão mysteriosa é a lei natural que condiciona os phenomenos estudados pela sciencia, quanto os phenomenos anormaes e supranormaes que a sciencia nega e repelle por desconhecer a lei que os re-

ge. E' o habito e sómente elle que embota a nossa admiração. Os factos naturaes, por extranhos que sejam, repetem-se com tão invariavel constancia, que nos dão a illusão de os havermos comprehendido e explicado. Na realidade não comprehendemos um só phenomeno do universo. Da sua constancia invariavel provem a idéa de lei natural, e do conhecimento do seu mecanismo deriva o poder que temos de nos assenhorearmos do facto, de o governar, utilizando assim as leis naturaes em proveito nosso. Mas, poder não é comprehender. A nossa vontade sabe e pode mover o braço, e nós conhecemos o mecanismo da volição, os canaes de sua transmissão, sem comprehendermos o que é a vontade. Vibrações do mundo externo se transformam em sensação. A visão como a audição tem os seus orgams phisicos que são os olhos e os ouvidos. Ondulações materiaes affectam estes orgams, e a sensação visual ou auditiva se produz. Conhecemos o mecanismo do facto, mas a passagem da vibração phisica para a sensação, é incommensuravel e inintelligivel. Que maior prodigio que este prodigio de todos os instantes? Esta impressão muito viva da incomprehensibilidade das cousas do universo, acendia a modestia no coração dos estoicos e se exprimia pela oração nos labios do Epicteto. Assim dizia elle:

"Existe na natureza um unico sêr que, ao homem modesto e reconhecido, não prove abundantemente a Providencia? Tomemos as maravilhas mais diminutas: a herba torna-se leite, o leite se transforma em queijo, a pelle produz a lã. Quem concebeu tudo isso? Quem o realizou? Ninguem dizeis: ó impudencia, ó estupidez!

Si fôssemos razoaveis, fariamos nós outra cousa, cada um de per si, todos em geral, que não fosse cantar a divindade, celebrar-lhe os louvores e render-lhe graças?... Velho e coxo, que posso fazer senão louvar á Deus? Si eu fosse rouxinol, faria o que fazem os rouxinões. Si fosse cysne, faria como os cysnes. Mas sou um sêr racional, preciso cantar a Deus: é minha função eu a desempenho. E' um dever ao qual não faltarei em quanto tiver forças; e vos convido a todos a cantar commigo". (1)

Eis ahi a oração cheia de poesia de um philosopho pagão. Ella não corre a pedir auxilio material como a fé simples e candida de Jorge Müller. A proposito deste ultimo, falamos de prodigio. E' de facto, o termo que convem á acontecimentos pouco habituaes. Comtudo esses acontecimentos não escapam á causalidade natural, ainda que não caibam nas explicações physico-chimicas. A oração, como a fé, como a vontade bem cultivada e bem applicada despertam forças e faculdades do homem transcendente. Mas o caso de Jorge Müller é differente: não eram as faculdades occultas, não era o homem animico que trazia soccorro ao homem cerebral. Como em outras instituições de caridade, o auxilio material lhe

(1) E'pictete-Entretiens.

vinha do invizível no momento opportuno. Mas dissemos que taes prodigios não escapavam á causalidade natural. Por seus pensamentos, por suas palavras, por seus actos, o homem estende a sua esphera de relação e de poder no mundo vizível como no invizível. Esta hierarchia de sêres de que temos fallado, uma das mais antigas tradições das crenças humanas, elemento commum de todas, e que tão naturalmente condiz com o conceito scientifico da evolução, esta hierarchia ahi está, em plena natureza, prestes a agir e a influenciar o homem terrestre quando encontra canaes e instrumentos adequados. Que é que impedia a que Jorge Müller fosse servido por elementaes, mais proximos do plano physico da existencia e por isso mais capazes de agirem sobre a materia densa? O universo é um organismo vivo e cada sêr em sua esphera exêcuta a sua tarefa. Isso não quer dizer que toda oração seja attendida no plano da existencia. O mundo da experiencia humana prova até o contrario. Quantas dores tragicas sem consolo, quantas mortes prematuras, que de maternidades dolorosas, que de mortes pela fome! A tragedia do mundo não encontra explicação senão em termos de uma evolução ascendente. O mal é relativo; é o bem menor; e porque a natureza é eterna e o tempo sem limites, o homem se vai despojando no curso das edades de suas limitações ephemerass.

A vontade bem applicada, a acção recta e justa podem penetrar o mundo divino e descer ao mundo humano das realizações. Porque o divino não está tão longe de nós; todos os sêres se tocam pelo Espirito, porque o Absoluto contem a todos, sendo a totalidade do que é. O mundo divino é um estado. A agua não muda de posição no espaço para se transformar em gelo. Sob a fôrma solida, liquida ou gázosa, a agua contem sempre a mesma essencia. Aliás, o espaço é uma criação subjectiva. O mundo divino está em nós e em torno de nós, porque é um estado do sêr. Assim, a oração é um surto da alma, um pensamento de consonancia com as leis da evolução, e a evolução, é uma phase do divino, porque é a monada em estado ascendente. Si não é o amor que impelle á oração, e sim o odio, a injustiça, o sentimento do mal, a oração faz magia negra, e o choque em retorno é inevitavel.

Certos occultistas não oram; elles sentem-se previamente de accordo com a vontade universal. Visitados pela dôr, pela molestia conformam-se contentes, porque sabem que o que acontece é melhor do que o que aconteceria, segundo a sua propria escolha. Aliás, como correctivo de nossa illusoria escolha, quem balucia o Padre nosso, não escapa ao preito de confiança: "Seja feita a tua vontade". E quem diz Padre Nosso diz amor divino e fraternidade humana. Ora, sentenceia Eliphas Lévi, sem o amor divino não se pôde amar os homens: os homens sem pae não tem irmãos. O homem é um monstro para o homem sem Deus.

Todas as religiões conhecidas instituíram cultos á divindade; procuram os homens exprimir em fórmulas materiaes o que está acima de toda expressão. Como tornar sensível o que é supra-sensorial. De que modo tornar intelligível o que excede á intelligencia? Toda idéa que formula o Absoluto é concebida em termos do relativo; é uma limitação; é uma tentativa van para exprimir o ineffável, o inaccessível. Esta deformação é muito sensível quando encaramos cultos que não pertencem á nossa propria religião. O Deus dos selvagens é sanguinario, e vingativo como elles. O dos africanos tem a sua côr, e os attributos moraes e espirituaes de sua propria raça. O dos mongoes tem olhos obliquos e certamente trança nos cabellos, e assim por diante. Cada sêr, cada povo, concebe Deus segundo o mais extenso raio de seu proprio ideal. Adorando a serpente, o bezerro de ouro, ou o Pae dos christãos, cada qual faz o que o seu gráu de desenvolvimento comporta de melhor. São estados incultos da mentalidade, estados temporarios, que serão por elles transpostos, como já o foram por tantos outros. Similhantermente, individualidades mais evolucionadas renunciam ás formas materiaes do culto. Assim é que os mais antigos magos da Persia não levantavam templo algum nem erigiam estatuas. Os Druidas faziam o mesmo. Os primeiros invocavam o Principio de todas as cousas no alto das montanhas; os segundos no interior das florestas. Uns e outros julgavam indigno da Magestade divina o fechal-a num recinto e represental-a por imagem material. Parece até que os primeiros romanos compartilhavam desta opinião. Mas este culto inteiramente intellectual e destituido de formas, não poderia subsistir por muito tempo. O povo precisa de objectos sensiveis em que lhe possam as idéas repousar. Estes objectos insinuam-se mesmo a despeito do legislador que procura proscreevel-as. As imagens, as estatuas, os templos multiplicam-se por muito que as leis os prohibam. Si o culto não soffre então uma reforma salutar, transforma-se em grosseiro anthropomorphismo, ou num completo materialismo, isto é, homem do povo, não podendo elevar-se até á unidade divina, trata de abaixal-a até a sua pessoa, e o sabio não podendo comprehendel-a, mas crendo que a comprehende, confunde-a com a Natureza.

Para evitar esta catastrophe é que os antigos sabios e theosophos tinham feito, como disse, da unidade de Deus um mysterio, e o tinham occultado no fundo dos santuarios. Unicamente depois de multiplas provas, e quando o iniciado era julgado digno de ser admittido ao sublime gráu da autopsia, é que se lhe tirava dos olhos o ultimo véu, e que se lhe entregava á contemplação o principio e o fim de todas as cousas, o Sêr dos sêres, em sua insondavel unidade". (1)

(1) Fabre d'Olivet. — Vers dorés de Pythagore, ps. 388-389.

Esta concepção está nas linhas do Christianismo esoterico. A hora veio em que os verdadeiros adoradores devem adorar o Pae em espirito e verdade, disse o propheta de Nazareth. A quem vão elles adorar? A Jupiter, a Apollo, á Brahma, á Osiris, á Jehovah? Que nome teria dado ao Absoluto o propheta de Nazareth, e como adoral-o? O Absoluto tem um nome que se faz sensivel ao homem, intelligivel ao universo. E' o nome de Pae. Elles adorarão o Pae, porque o que começa tem um Pae. Pae, invizivel como a vida que se manifesta nos sêres vivos, como o pensamento que se manifesta em actos. Como adoral-o? Nem em Jerusalem, nem nos templos, mas em espirito e verdade.

Vamos terminar rapidamente, sem mais commentarios. Os versos finaes terminam na mais esplendida theophania, e, para serem devidamente interpretados, exigem esplendores mysticos, que estão além do nosso proprio horizonte.

Em tudo acertarás si os tiveres por guia;
e, das mil cousas que ha, immerso então na essencia,
de relance o Principio e o Fim terás de tudo.
De posse assim dos teus legitimos direitos,
— o Imperio da illusão ruirá em tua alma.
Só então tu verás que os males que nos rôem
do máu caminho vêm que dantes preferimos,
e que, fóra de nós, vamos buscar ao longe
o remedio que, perto, em nós latente existe!
Quão poucos sabem ser felizes! — Embalados
pelo inverso fragor de vagas que se chocam,
eil-os que, das paixões ludibrio, vão rolando
por tormentoso mar sem fim, á cuja sanha
ceder nem resistir podem de fórma alguma!
Quizessesis, Deus, e vós, certo, lhes abririeis
os olhos... Si lhes não tivesseis outorgado,
como raça divina, o immenso privilegio
de poderem julgar entre a Verdade e o Erro.
E tu, Homem, que tens na natureza um sérvio.
tu que, cauto e sagaz, lhe arrancaste os arcanos,
— descansa-lhe no seio agora... Pára! Espera!
Pára! mas pondo em obra as leis que aqui te deixo!
Pára! sem que jámais o que a alma teme faças!
Pára! da Intelligencia á voz submisso o corpo,
— a fim de que, no pleno e Ethereo Azul suspenso,
tambem sejas um Deus por entre os Immortaes!

O Principio e o Fim dos sêres é o Absoluto. O Absoluto manifestado é Deus. E' o **Deus absconditus** da Biblia, que escapa á nossa percepção sensorial, mas não ás necessidades immanentes da razão com o seu postulado sobre a causa primaria. O Absoluto contem tudo. Tudo vem da unidade fundamental. Na raiz das cousas está o Unico. A multiplicidade provem da **Unidade**. Unidade da materia, unidade da vida, unidade do Espirito. O Espirito Absoluto é a chave do Universo. Todas as cousas são emanção do Espi-

rito absoluto. Cada sêr é um centro de consciencia, cuja raiz é a consciencia total. São postulados que se prestariam a longos desenvolvimentos. Encaremos estas noções pelo seu lado affectivo, e teremos a Mystica religiosa, com todos os seus anhelos de união com o divino. E veremos então que a Mystica não é puro sonho, desregramento da imaginação, aberração morbida. Verdade é que ella pode ser isso tudo, quando a razão lhe não sanciona os vãos. Mas a sã razão lhe presta apoio aos seus postulados fundamentaes. O Universo vizível é pura manifestação do Universo invizível. A propria materia nada mais é do que uma figura transitoria da energia invizível. A vida com a sua multiplicidade de formas, que cousa é, senão a expressão temporaria e concreta da Vida invizível?

O homem, sua mais alta expressão consciente, que cousa é o homem senão a forma mais elevada da vida unica, aquella em que a consciencia da unidade do todo começa a manifestar-se? Individualização da monada divina, fôrma separada do Logos inicial e creador, elle tende pelos seus principios mais altos a reintegrar-se, a unificar-se com a fonte donde emanou, a perder a illusão da separitividade, que é o mundo do relativo. E' a gotta d'agua que se lembra do oceano, é o espirito que comprehende o espirito Universal, é o segredo do "vós sois deuses" do Evangelho, é, conforme a penetração intuitiva do poeta, — "le Dieux tombé qui se souvient des cieux"

ALBERTO SEABRA.

VOCABULARIO ANALOGICO

II

Sons das cousas

Agua: borborijar, borborinhar, borbulhar, cachoar, cantar, cho-frar, escachoar, garalhar, garru-lar, gorgolar, gorgolejar, mugir, murmulhar, murmurar, murmu-rejar, retrincar, retumbar, ron-car, rumorejar, sussurrar, tra-pejar, trepidar, zoar.

Alimentos ao fogo: chiar, es-cachoar, gengrulhar, papujar, re-bentar, rechiar, rechinar.

Andar de animaes: estropear, estrupido, galopar, galoppear, pa-tear, rastejo, restolhar, tropear, tropel, trotear.

Apito: estridular, trillar, soar.

Arvore: chuaiar, parfalhar, frondejar, murmulhar, murmu-rejar, ramalhar, sussurrar.

Automovel: fon-fon, fonfonar, peuf-peuf, rodar.

Azas: flaflar, fremito, frufru-lhar, rufar, ruflar.

Bala: assobiar, sibilar, silvar, zunir.

Beijo: chuchurrear, estalar.

Bomba: estalar, estourar, es-tralar, explodir, rebentar.

Bonde: barulhar, ruidar, ru-ru.

Botinas: chiar, ranger, rin-char, ringir.

Campainha: tanger, terlintar, tintinar, tilintar, tiritir.

Canhão: atroar, echoar, resoar, retumbar, ribombar, soar, troar, trom.

Carro de bois: cantar, chiar, guinchar, rinchar.

Chicote: estalar, estalidar, es-talido, estalir.

Copos: retinir, terlintim, ti-lintar, tinir, triscar.

Dentes: bater, craquejar, es-tarrincar, frender, tatarar, ri-lhar.

Esporas: guizalhar, tinir, reti-nir.

Ferro: restrugir, retinir, tinir.

Fogo: crepitar, decrepitar es-pirrar, estalar, estralar, estrali-do, fremir, zoar.

Foguete: esfuziar, espipocar, espocar, estalir, estourar, estra-lar, estralejar, estrugir, papocar, pipocar, popocar, restrugir, rechi-nar.

Folle: arquejar, offegar, resfol-gar.

Horas: bater, dar, soar.

Machina de costura: ruidar, sussurrar, taralhar.

Mar: bramar, bramir, esca-choar, estourar, estripitar, fra-gor, fragorar, fremir, marejada, marulhar, murmulhar, rebramar, roncar, roquejar, rouquejar, ru-gir, troar.

Moeda: tilintar, tinir, trinco-lejar.

Palmas: estalar, estrugir, re-soar, soar, vibrar, estrepitar.

Penna de escrever: ranger, ringir.

Porta: bater, chiar, ranger, ro-dar, tatarar.

Relógio: tic-tac, tictar, tic-taquear, titilar.

Remo: trapejar.

Risada: esfuziar, estalar, estrugir, explodir.

Roupa: afflar, brouhaha, farfalhar, frolido, frolo, fru-fru, rufar, ruge-ruge.

Serra: esfuziar, ralhar, rascar, rechinar, zinir.

Seta: rechinar, sibilar, silvar, zinir, zunir.

Sino: badalar, badalejar, bendelengar, bimbalar, carrilhonar, di-lim-dim-dim, ding-ding-ding, dião-dião, dobrar, don-don, repenicar, repicar, tanger, tão-balalão, tintina/bular, tintinar, zoadar, zoar.

Tambor: alvorada, floreio, rataplão, ratantam, rufar, toque.

Tempestade: bramar, bramir, fragor, fremir, rebramar, roncar, ronquejar, rouquejar, rugir.

Tiro: detonar, estampido, explodir, papocar, restrugir, ecoar.

Trem de ferro: apitar, arquejar, resfolegar, resfolgar, ruidar, silvar, trac-trac.

Trombeta: clangor, clangorar, clangorejar, resoar, retinir, retintim, tarará, taratanra, toque, tiritintim.

Trovão: atroar, bramar, bramir, ecoar, estalar, estourar, estrondar, estrondear, estrondejar, estampido, rebramar, reboar, resoar, retumbar, ribombar, rolar, ronquejar, roncar, toar, tonitroar, troar, tronar, trovejar, troviscar.

Velas de navio: trapear, trapejar.

Vento: afflar, assoviar, barulhar, borborinhar, bramar, bramir, bramear, ciciar, escarcear, esfuziar, estrepitar, gemer, guaiar, mugir, murmurar, rebramar, rugir, rugitar, rumorejar, sibilar, siflar, silvar, suspirar, sussurrar, uivar, ulular, urrar, zimbrar, zoar, zunir.

EXEMPLARIO

Afflar. Sobre este verbo encontra-se a seguinte nota em Jo-

sé de Alencar. Diva: "Afflar é o som harmonioso de certos movimentos que o verbo foi chamado a exprimir: affla um mimoso leque meneado lentamente, um vestido de chamalote com a ondulação do andar gracioso, uma bandeira agitada pela brisa, etc."

"Onde fervilhavam os flocos de renda do talhe do vestido, afflando ao vivo offego da respiração." Alencar, Senhora, 218.

"Elle escutava o silencio profundo da noite e aspirava as auras subtis que afflavam." Alencar, Iracema, 2.

Alvorada, toque de trombetas e tambores nos quarteis, ou de qualquer musica, ao amanhecer.

Apitar, diz-se do signal dado pela locomotiva ou outra machina.

Arpejar, som de alguns instrumentos de musica, e por extensão applica-se a outras cousas: "Os leques das palmeiras vibrados pelo vento arpejaram como frauta rustica." Alencar, Diva, 63.

Arquejar. "O trem arquejava, rompendo o vasto vento da planura desolada." Eça, A cidade e as serras, 187.

"O folle arqueja, resfolga." Fialho, Paiz das Uvas, 22.

Arruido, o mesmo que ruido: "Com um arruido de seda e vidrilho" M. de Assis, Quincas Borba, 138.

Assoviar, som produzido pelo vento e por outras cousas: "Em que assoviavam as requintas, ringiam as rabecas e as clarinetas estridulas explosiam roladas de notas". Camillo, Eusebio Macario, 235.

Atroada. "A atroada dos trovões." C. Netto, Tormenta, 149.

Atroar, produzir estrondo, como o trovão e o canhão.

Badalar, badalejar, diz-se do som do sino.

Baque, som produzido por um corpo que cae.

Barulhar. "Escutava attentamente o barulhar do vento no

oceano." Gustavo Penna, *Alem dos Mares*, 212.

Bater, diz-se de uma porta, das horas de um relógio, dos dentes, etc.

Bendelengar. "O sino **bendelenga** festivamente." Azevedo Junior, *Quadros*, 21.

Bimbalhar. "Bimbalhar dos sinos." A. de Oliveira, *Poesias*, 232.

Borborijar, rumorejar como agua em cachão: Fig. Dicc.

Borborinhar. "O vento **borborinha** pelos coqueiros tremulos." R. Correia, *Poesias*, 92.

Borbulhar. "Ouvindo **borbulhar** a fonte." Alencar, *Tronco do Ipê*, 186.

Bramar, bramir, exprime grande estrondo, com referencia, ao mar, ao vento, á tempestade, á artilheria, etc.

Bravear. "No Pinheiral d' El-Rei **braveia** o vento." B. Pato, *Livro do Monte*, 102. Ha as fórmas **bravejar**, **esbravejar**, **esbravear**, **esbravecer**.

Brouhaha, ruído das sedas, tomado do francez, conforme J. Ribeiro, *Dicc. Gram.*, 209.

Bum!, voz imitativa do tiro de peça.

Bumba!, estrondo de pancada ou queda. Existem os equivalentes **tumba!**, **bumba-catumba!**

Bumbum, estrondo repetido; som de zabumba.

Buzinar. "Tu queres ouvir a maré que vem **buzinando** de longe". Graça Aranha, *Malazarte*, 70.

Cachinar, rir ruidosamente, gargalhar.

Cachoar. "Fóra, pelo grotão, **cachôa** o ribeiro." Azevedo Junior, *Quadros*, 10.

Cantar. "E as aguas da leva-
[da vão **cantando**,
"Emquanto as pedras duras
[vão **matando!**"

Junqueiro, *Oração ao Pão*, 9.

"Ai! dos carros de bois que
[nas estradas **cantando!**"

A. de Oliveira, *Poesias*, 118.

Carrilhonar. "Fóra **continua-**
va o di-lin-dim-dim: os sinos, por
aquella noite deliciosa de Natal,

carrilhonavam infatigavelmente"
Medeiros. *Mãe Tapuia*. 274.

"Quando a cabeçada da **ma-**
drinha da tropa, **carrilhonando**
á frente dos lotes..." Arinos, *Pelo Sertão*, 4.

Cascalhar. "Recostava-se o **ser-**
tanejo outra vez á rêde, quando
a ramagem **cascalhou** perto..."
Alencar, *Sertanejo*, I, 67.

"O trovão **cascalha** e ribom-
ba." Antero de Figueiredo, D.
Pedro e D. Inês, 223.

"A gargalhada **cascalhava** es-
trondosa." C. Netto. *Palestra da*
tarde. 83.

Casquinar. "Ainda lá dentro
casquinavam risos ou uma voz
rabugenta resmungava." C. Net-
to, *Palestra*, 7.

Catatraz, exprime o ruído de
uma queda ou de pancadaria.

Catrapós, catrapuz, trapuz, vo-
zes imitativas do galopar do ca-
vallo, ou de queda ruidosa e re-
pentina.

Cegarrega. "A **cegarrega** dos
ralos." A. Ennes, *Guerra d'Africa*,
103.

Chafranafra. "Esse **chafrana-**
fra da volta do trabalho, com gui-
zadas de mulas tintinando." Fia-
lho, *Paiz das Uvas*, 94. Tambem
se usa **chanfranafra**: "Então é
que foi berreiro e **chanfranafra**."
Ibidem. 129.

Chape, som de cousa que bate
ou cae na agua; som do cão de
espingarda, batendo em falso so-
bre o ouvido da espoleta. Fig. Dic.

Chapinhar, chapejar, chapinar,
chapilhar, fazer chape: "Chapi-
nhar da chuva" *Ortigão, Hollan-*
da, 250.

Chiar. "A carne secca **chiava** no
espeto". Arinos, *Pelo Sertão*, 9.
"Carros **chiavam** nas terras bai-
xas." Camillo, Eusebio Macario,
16. "A porta cedeu. entreabrin-
do-se, **chiando** ligeiramente."
J. Ribeiro, *A Carne*, 204.

Chofrar. "O confuso e troante
chofrar das cachoeiras". C. Net-
to, *Sertão*, 171.

Chorar. "Ninguem, como elle,
fazia **chorar** o pinho nos descant-
tes dos **catiras**." J. Lucio, *Pon-*
tes & Comp., 54.

Chuaiar, das casuarinas e de outras arvores.

Chuchurrear. "Beijos **chuchurreados** entre as arvores." C. Netto, Inverno em flor, 91. "Operarios **chuchurream** café em grandes canecas." Azevedo Junior, Quadros, 17.

Ciciar. "Ciciar de tenue aragem." Herculano, O Bobo, 298.

Clangor, som produzido pela trombeta.

Clangorar, clangorejar: "**Clangoram** na floresta, já longe, todas as businas." C. Netto, Sal-dunes, 75.

Clarinar. "A banda, ... **clarinando** um dobrado." A. Junior, Quadros, 34.

Coaxar. "Cada onda que trepava na itapeva, fosforeando e **coaxando**." V. de Carvalho, Páginas soltas, 23.

Corrute, o ruminar ou remoer de animaes de carga: "Concertava com a voz do camarada o **corrute** dos animaes, triturando o milho." Rev. da Academia Bras. n. 5. 145.

Craque, voz imitativa de um desmoronamento com ruido, ou de um objecto que estala ou se parte com estrondo. Fig. Dicc.

Craquejar. "O ruido nervoso dos pequenos dentes demoniacos, **craquejando** interminavel..." Lima Campos, Confessor Supremo, 7.

Crepitar. "O **crepitar** das tochas que ardiam ao redor da tumba." Herculano, O Bobo, 294.

Dar, soar (falando das horas de um relógio). Aulete, Dic.

Decrepitar, o mesmo que crepitar. Dicc. de Moraes.

Detonar, produzir estrondo por meio de explosão, como o tiro.

Di-lin-dim-dim, som do sino, conforme exemplo em **carrilhonar**. Tambem se usa **ding-ding-ding, don-don, dlão-dlão**:

"O infernal **dlão-dlão** dos sinos que pareciam querer ensurdecer o mundo." G. Lobato, Comedia de Lisboa, 45.

Dobrar, soar o sino, quando se lhe dá volta sobre o eixo, o que se usa nos actos funebres.

Doremifasolar. "Aqui, ali, **doremifasolava** um piano." C. Netto, Palestra da tarde, 64.

Drelin. "**Drelin! drelin! drelin!** E' a campainha electrica, é o acto que principia." Lobato, Comedia de Lisboa, 5.

Echoar, fazer echo, resoar, diz-se de um tiro, de um trovão, etc.

Escachoar. "**Escachôa** o mar." Ortigão Hollanda, 216. "Depois, na cozinha, o brazido d'azinho e vides seccas, as panellas de roda, etc." Fialho, Paiz das Uvas, 43.

escachoando, os arrozinhos d'ólha, Escarcear, rugir e abalar como escarceu: "O tufão redobra de impeto: **escarcea** até aos mais fundos alicerces da terra." Cortesão, Dicc.

Esfrolido. "Uma cambada de rosarios sob o peitilho sujo da camisa, que não se viam, mas adivinhavam-se pelo **esfrolido**." Dr. Augusto Silva, A Escrava.

Esfuziar. "São no ceu azul os flocozinhos brancos do estalar das bombas e os foguetes **esfuziando**." João da Camara, Cirius. "O vento açoutava as paredes de sapé, **esfuziando** por entre a palha." Alencar, Guarany, I, 155. "Risadas limpidas, frescas, cristalinas, **esfuziavam**." V. Varzea, Mares e Campos, 24.

Espirrar, o mesmo que crepitar.

Espocar, diz-se do som do foguete e de garrafas que se abrem.

Estalar, ou estralar: "**Estalaram** palmas." C. Netto, Inverno em flor, 84. "Elle ouvia, agora... **estalaram** as risadas." V. Varzea, Mares e Campos, 26.

Estalidar, dar estalidos: "E atraz, na anca, **estalidava** a os-saria implacavel." C. Netto, Sertão, 83.

Estalido, ruido de cousa que estala; crepitação.

Estalir. "De repente ouvimos o rufar cadente de um tambor, e o **estalir** de dous foguetes." Palmeirim, Galeria de figuras, 245.

Estampido, som como o de um tiro ou de um trovão.

Estardalhaço, ruído, barulho, principalmente quando feito com precipitação ou jactância. Julio Moreira, Estudos, II, 228.

Estarrincar, ranger: "Onde diz Job que ha o **estarrincar** de dentes." Cortesão, Dicc.

Estourar, produzir som, o foguete, a bomba, o trovão, e também o mar: "Pesado **estoura** o mar, pelo areal da Costa." B. Pato, Livro do Monte, 17.

Estralejar, ou **estalejar**: "**Estralejam** foguetes e morteiros." Ant. Nobre, Só, 33.

Estrepido. "No vasto salão ha um **estrepido** de pés." Azevedo Junior, Quadros, 39.

Estreptar. "Continuava o seu acompanhamento de assobio ao **estreptar** do vento." Herc., Lendas e Narrativas, II, 225. "As ondas, remoinhando e precipitando-se, **estreptam** no centro da voragem com mais soturno e retumbante fragor." Ibidem, I, 49. "Ao **estreptar** das palmas da multidão." Viriato Correia, Contos do Sertão, 203.

Estrepito, ruído forte: "Senti de armas **estrepito**." Castilho, Fastos, III, 63.

Estridor, som penetrante, aspero e forte como o sopro do vento, o zunir das setas, o sibilar das balas, o ranger dos dentes. Aulete. "E o **estridor** da batalha rebôa." Bilac, Poesias, 260.

Estridular. "Ou **estridulam** apitos, resôa o prac-prac de povo a correr." V. Magalhães, Horas Alegres, 138.

Estrincar, fazer estalar: **estrincar** os dedos.

Estrompido, o mesmo que **estrupido**. Dicc. Moraes.

Estrondar, ou **estrondear**, produzir estrondo, som forte, como o trovão.

Estrondejar. "O trovão **estrondejou** lá fóra." Viriato, Contos do Sertão, 150.

Estropear. "Um **estropear** de passos rapidos." Camillo, Livro de Consolação, 244.

Estrugir, o mesmo que **estrondear**.

Estrupidar. "As violas soavam languidas, trovas cruzavam-se e o solo **estrupidava** ao sapatear frenetico do samba." C. Netto, Agua de Juventa.

Estrupido, ou **estrupida**. "Ao ouvir o **estrupido** dos animaes na partida." J. Ribeiro, Carne, 89. "O **Estrupido** de pessoas fortes." Arinos, Sertão, 125. "**Estrupido** de cavallos." Herculano, Bobo, 264.

Explodir, rebentar com estrondo. "**Explodiram** de novo as castas risadas das raparigas." V. Varzea, Mares e Campos, 92.

Farfalhar. "**Farfalhar** das folhas." G. Aranha, Chanaan, 47. "**Farfalhar** de sedas." M. de Assis, Quincas Borba, 259.

Farfalho. "O **Farfalho** das arvores." C. Netto, Sertão, 120.

Flaflar. "Segurava numa das mãos um prato e na outra a bandeira que **flaflava** no ar." J. Lucio, Pontes & Com., 53. "Borboletas, borboletas,

"Beijos que eu mando a uma [flor,

"**Flaflae** as zas facetas." B. Lopes, Val de Lyrios, 95.

Fon-fon, som produzido pelo automovel. Ha o verbo **fonfonar**.

Formilhar. "Hospital tão pululante de larvas, que pela noite, diziam, se podia ouvir um surdo **formilhar**." Fialho, O Paiz das Uvas, 206.

Fracasso, estrondo de alguma cousa que se quebra ou cahe. Ha o verbo **fracassar**, que quer dizer despedaçar com estrepito.

Fragor, estrondo, ruído forte, como o da tempestade. O Dicc. de Figueiredo dá o verbo **fragorar**.

Fremir. "Nem tanto o incendio em labaredas **freme**, "Ao queimar incitado o monte [e a selva."

Odorico, Iliada, 183

"No **fremir** leve das azas." Alcides Maya, Tapera, 5.

Fremito. "O leve **fremito** das azas de um insecto." C. Netto, Tormenta, 104.

Frender, ranger os dentes. Fig. Dicc.

Frolar. "A fresca e subtil aragem, que precede o primeiro diluculo e é como o halito da alvorada, frolava mansamente as franças das arvores." Alencar, Sertanejo, I, 75.

Frolido. "Ouviu-se um frolido de sedas." Alencar, Senhora, 66.

Frolo. "Ouviu-se o frolo do vestido de Adelaide, que se aproximava." Alencar, Sertanejo, I, 233.

Frondejar. "Escutava, com enlevo, o frondejar da mata." C. Netto, Rei Negro, 27.

Frú-frú. "A ouvir o fru'-fru' das sedas." C. Netto, Tormenta, 83.

Frufrulhar. "No recinto fru-frulhava alegremente aquelle perenne rumor de vôos." C. Netto, Turbilhão, 272.

Frulhar. "E logo, marulhoso, o frulhar da abalada de um bando de periquitos." C. Netto, Rei Negro, 399.

Garalhar. "Garalha a agua e chilra e remurmura." João Ribeiro, Versos, 232.

Garrular. "Limpidas correntes iam fregindo e garrulando." Alencar, Diva, 63.

Gemer. "Geme o vento na selva rumorosa." A. do Quental, Sonetos, 40. Vide Dicc. de Aulete.

Glú-glú. "Abafado a espaços pelo glú-glú das enxurradas." Arinos, Sertão, 126.

Gorgolar. "Os corregos tinham perdido o gorgolar alegre e trepido, e mal murmurejavam no fundo das grotas." Dr. Augusto Silva. A escrava. Ha tambem a fôrma gorgolhar.

Gorgolejar. "A vetusta ponte, sob cujos pilares gorgolejava a agua do barranco." Fialho, Paiz das Uvas, 202. "No largo jardim sombreado, onde um repuxo gorgoleja irisado ao Sol." Azevedo Junior, Quadros, 62.

Grazinar. "O vento entrava grazinando, soturnamente presago." João Lucio, Pontes & Comp. 104.

Grugrulhar. "O caldeirão preso á rabicha grugrulhava ao fogo." Arinos, Sertão, 9.

Guaiaar, silvar do vento tangendo as arvores: "O guaiaar plangente." Raymundo Correia, Poesias, 92.

Guinchar. "E o carro sempre a guinchar." Caetano Filgueiras, Idyllios, 14.

Guizalhar. "Saltava das sellas, ao guizalhar das rosetas no ferro batido das esporas." Arinos, Sertão, 5.

Lufar. "Ouvia-se o lufar das chammas, o estrallejar da lenha." C. Netto. Palestras da tarde, 11.

Matinada, estrondo, ruido.

Matraquear. "De madrugada, ainda escuro, a rua atroava com o matraquear dos tamancos dos operarios do Arsenal." C. Netto, Palestras da tarde, 51.

Mugir. "E o profundo mugir das negras enxurradas." G. Junqueiro, D. João, 303. "Ouvia-se mugir o vento." Alencar, Sertanejo, I, 19.

Murmulhar. "E a lympha corre, passa, vae, murmulha." João Ribeiro, Versos, 12.

Murmurar, diz-se da agua e do vento. Ha os substantivos murmurio, murmúro, murmurinho, murmúre, murmulho, murmu'r. "Murmu'r da sua respiração." C. Netto, Treva, 95.

Murmurejar. "Prendeu-lhe a attenção um murmurejar de aguas." J. Ribeiro, Carne, 24.

Offegar. "Dentro espiavam la-
[butando os folles,
"E tanto que estes de offegar
[cessavam..."

F. Doria, Evangelina, 18.

Pancada, som produzido pela pendula do relógio.

Pan-pan-pan, imitativo do bater na porta: "Pan-pan-pan! E uma voz feminina, muito limpida e muito doce, vibrou cristalina-mente: — Acorda!" V. Varzea, Nas Ondas, 229.

Papocar. "Levei a lazzarina á cara, e, pensando que eram os patos, ia papocar fogo." D. Olympio, Luzia Homem, 241.

Papujar, (prov. minh.) produzir certo movimento e som intermitente em consequencia de ar ou gazes, e formar bolhas successivas, como os ovos, quando se estrellam." Os ovos já papujavam..." Fig. Dicc.

Pateada, ruido com os pés, nos theatros, em signal de reprovação.

Patear. "Ouvia-se o patear dos animaes e o sussurro dos servos." Herculano, Bobo, 40.

Peuf-peuf. "Automoveis cruzam em vertiginosa trepidação: **peuf! peuf! peuf!**" Estevam Lobo, De Viagem, 55.

Pipocar. "Seriam tres horas da tarde quando **pipocaram** foguetes." Dr. Augusto Silva, A Escrava. Encontra-se a fôrma **espipocar**.

Pipoquear, estalar, estourar, rebentar como pipocas. Romaguera, Vocabulario Sul Rio-Grandense.

Plach-plach. "As poças de agua reflectem essa debil claridade que as alumia, e fazem um continuo **plach, plach** debaixo dos pés dos dois caminhantes." Herculano, Lendas e Narrativas, II, 100.

Popocar. "**Popocar** de um foguete." Ruy Barbosa, Réplica, 26.

Ralhar. "Um cabra destalado **ralha** na viola." Euclides, Serções, 131, que assim define o termo: ralhar na viola, tocar ruidosamente com habilidade.

"Começou o labor. Zine e es-
[fuzia

"Dentada serra ou, mastigan-
[do, **ralha**."

A. de Oliveira, Poesias, III, 97.

"Emquanto **ralhavam** lá no céu os trovões." Motta Prego, Pomar de Adrião, 8.

Ramalhar. "As franças dos pinheiros **ramalhavam**." Camillo, Scenas da Foz, 152.

Ranger, indicativo de um som aspero produzido por um objecto duro, que roça sobre outro: "O moleque sahiu á varanda com um **ranger** aspero de sapatos novos." C. Netto, Inverno em flor,

84. "A areia que **rangia** com o attrito das rodas da carruagem." Garret, Virgens, II, 206.

Rascar. "Era um bulicio alegre desde o amanhecer até a tardinha: martelladas, **rascar** de serras..." C. Netto, Rei Negro, 107.

Rastejo. "O **rastejo** dos passos dir-me-ia porventura a idade della." Fialho, Paiz das Uvas, 92.

Rataplão, rataplan, ratatam, imitativo do som do tambor.

Rebentar, arrebentar, estourar. Diz-se de uma mina, de uma bomba, de umas pipocas, etc.

Reboar, o mesmo que ecoar.

Rebramar. "**Rebrama** trovão tetro." Castilho, Fastos, I, 131. "**Silve, rebrame** o vento agreste." C. Netto, Pastoral.

Rechiar. "Cheiro de grosso
[lombo que volvendo
"Pinga e **rechia** sobre a brasa
[viva!"

Garret, Dona Branca, 55.

Rechinar. "E as carnes **rechinavam**." C. Netto, O Paraíso, 114. "**Rechinaram** foguetes enchendo o ar de estralidos." Dr. Augusto Silva, A Escrava. "**Rechina** a lamina da serra." Castilho, Georgicas, 19. "Pestíferas as setas **rechinando** por todo o exercito." Odorico, Iliada, 17.

Repicar, tocar festivamente, o sino. Usa-se tambem da fôrma **repenicar**.

Resfolegar. "O **resfolegar** ancioso da locomotiva." Dr. Augusto Silva, A Escrava.

Resfolgar. "Algun sumido apeadeiro, onde o trem se atardara, esfalfado, **resfolgando**." Eça, A cidade e as serras, 187.

Resmonear. "Sopra o ventila-
[dor e ao largo espalha
"Seu canto; o moinho **resmo-**
[nêa e chia."

A. de Oliveira III, 97.

Resoar, soar com estrondo, ecoar.

Restolhar, causar ruido movendo-se pelo restolho; fazer bulha. Ha a fôrma **rastolhar**. "Ao apontardes á agil seriema, que avulta no campo, ou ao gordo

macuco, que **rastolha** no matto." V. de Porto Seguro, 4.º Livro Kopke, 59.

Restrugir. "**Restrugir** do ferro no ferro." Herculano, Bobo, 288. "O tiro **restrugiu** pela mat-ta." J. Ribeiro, Carne, 174.

Retinir. "Ao **retinir** da acicallada espora." A. de Oliveira, Poesias, 236.

Retintim. "Ao **retintim** metallico dos cimbalos." Castilho, Fastos, II, 125. "Dentro de algum tempo aquelle ruido já era acompanhado do de **retintim** de muitas armas." F. Tavora, Lourenço, 42.

Retrincar, o mesmo que murmurar. Dicc. Cortesão.

Retroar. "**Retrôa** o boré pela amplidão do valle." Alencar, Iracema, 21.

Retumbar, echoar, ribombar, produzir som cavo e profundo:

"**Retumbando** por asperos pedregalhos.

"Correm perennes aguas deleitando-se."

Camões, 2.º, 229.

Retumbo. "O **retumbo** das passadas era o ruido que se ouvia." Dr. Augusto Silva, A Escrava.

Ribombar, rimbombar, deixar ouvir echo forte e estrondoso como o do trovão.

Rilhar. "Os que me seguiam **rilhavam** os dentes." C. Netto, O Paraíso, 91.

Rinchar. "Um carro de bois sahia do terreiro carregado de milho, **rinchando** estridentemente." C. Netto, Inverno em Flor, 52.

Rinchavelhar. "Um realejo poz-se a **rinchavelhar** a "Gran-via" desalentadamente." C. Netto, O Paraíso, 39.

Ringir. "**Ringindo** as botinas." Camillo, Volcões de lama, 161. "Acompanhando-lhe a penna que **ringia** sobre o papel." Alencar, Garatuja, 91. "**Ringiam** as rabeças." Camillo, Eusebio Macario, 235.

Rodar: ouviu-se o rodar de uma carruagem.

Rolar. "Róla o trovão. Colerico [co esfusia.

"Batendo as azas celeres o vento."

A. de Oliveira, Poesias, III, 36.

Roncar, produzir som aspero, cavernoso e forte: "**Ronca** o mar, o raio trôa" B. Pato, Livro do Monte, 185.

Rouquejar, o mesmo que roncar. Fig. Dicc.

Rouquejar, rugir, troar, estrondear, referindo-se ao canhão, ao mar, ao vento, á tempestade: "E o vento ao longe **rouqueja** e brama." Gonçalves Dias, Poesias. Encontra-se esta outra fôrma: "**Rouquenhar** suino do vigario." Lima Campos, Confessor, 9.

Rufar, produzir som, o tambor, o bombo, o pandeiro, as azas:

"**Rufando** as pennas doiradas, "Vão as calhandras, palmeiras."

Bulhão Pato, Livro do Monte, 65.

Ruflar. "Uma jurity acabava de **ruflar** as azas á sua chegada." Alencar, Sertanejo, I, 63. "As saias **ruflavam**." Camillo, Volcões de lama, 166.

Ruidar, causar ruido: "**Ruidar** de trens." M. Dias, Cartas de Lisboa, 12.

Ruge-ruge. "A musica, as vozes, os risos, os **ruge-ruge**s das sedas, os borborinhos da festa, enchiam o salão." Alencar, Diva, 31.

Rugir. "O brando **rugir** dos pinhaes, balançados pela bafagem do vento." Herculano, Eurico, 164. "**Rugem** brilhando as sedas opulentas." Junqueiro, Morte de D. João, 149.

Rugitar. "A brisa **rugitava** nos palmares." Alencar, Iracema, 9.

Rumor. "Ouço o **rumor** soturno da charrua." "O **rumor** de uma enxada." Bilac, Poesias, 60 e 81.

Rumorejar. "A fonte **rumoreja** perto."

Bilac, Poesias, 97.

Ru-ru. "Os bondes, com o seu **ru-ru** monotono, tão cheios." Azevedo Junior, Quadros, 19.

Sibilar, diz-se do vento, da ba-

la, da seta, etc. O Dicc. de Fig. dá também a fôrma **sibitar**.

Siflar. "Ouvia-se o **siflar** meigo e nostálgico do vento nas cordoalhas e mastros." V. Varzea, Nas Ondas, 151.

Silvar, o mesmo que sibilar: "A locomotiva **silvava**." C. Netto, Miragem, 303.

Soalha. "O estalo secco das alpercatas sobre o chão se parté nos tinidos das esporas e **soalhas** dos pandeiros." Euclides, Sertões, 119.

Soar, produzir som; echoar.

Solucar. "Somente o mar de **solucar** não cessa." Gonçalves Dias, Poesias.

Sonorizar. "O sincerro da madrinha, badalando compassadamente, aos movimentos do animal, **sonorizava** aquella grande extensão erma." Arinos, Sertão, 12.

Suspirar. "A sesta ardente abrandá, **suspirando**,

"De quando em quando o ven-
[to alegre e frio."

Camões, 3.º 41.

"A harpa **suspira**." Bilac, Poesias, 24.

Sussurrar, o mesmo que murmurar.

"O **sussurrar** da corrente." Herc., Eurico, 164.

Tamborilar. "O **tamborilar** das gotteiras, o lantejo nas folhas, o moroso jorrar das gargulas." C. Netto, Conferencias, 43.

Taralhar. "Ouvia o **taralhar** monotono de uma machina de costura." C. Netto, Agua de Juventude, 341.

Tarará, voz imitativa do som da trombeta. Fig. Dicc. (V. A.) Usa-se também a seguinte fôrma: "Por todas as cercanias de Santa Irineia, na doçura da tarde, os atambores mouriscos, abafados no arvoredó, **tararam! tararam!** ou mais vivos nos cabeços, **ratantam! ratantam!** convocavam os cavalleiros de soldo e peonagem da mesnada dos Ramires." Eça, Casa de Ramires, 73.

Taratanra. "Nas amplas solidões daquelle redondeza a **taratanra** das nossas trombetas espa-

lhava dentro em pouco os vivas da victoria." Francisco de Castro, Discursos, 53.

Tarantantam. "Logo estrondou o **tarantantam** dos tambores." C. Netto, Rei Negro, 164.

Tatalar. "Mãe Dina defendia-se ameaçando-o com as mandíbulas que **tatalavam** macabramente." C. Netto, Sertão, 75. "Um **tatalar** de portas." Arinos, Sertão, 22.

Tchum-gum. "Si o leme de repente faltar — **tchum-gum!** — lá vamos nós ao fundão, para sempre!..." Varzea, Nas Ondas,

Terlintim. "Ao **terlintim** dos copos." Castilho, Fausto, 310.

Tique-taque, voz que imita um som regular e cadenciado, como o da pendula do relógio.

Tic-taquear. "Ouvindo, nas longas horas da insomnia, o **tic-taquear** do relógio." Azevedo Junior, Quadros, 7º Existe a fôrma **tictar**.

Tilintar, soar, o sino, a campainha, o dinheiro em metal, etc. "**Tilintar** dos copos." G. Junqueira, D. João, 138. "**Tilintar** dos guizos." Ortigão, Hollando, 254. Existem as fôrmas **tlintar** e **terlinter**.

Tilintir. "O **tilintir** de uma chave no lagedo humido." Lima Campos, Confessor Supremo, 67.

Tinir, soar agudamente, o vidro ou o metal.

Ting-ling. "**Ting-ling** das fontes" Fialho, Paiz das Uvas, 79.

Tintinar. "Os bentos sinos da igreja estremecem os ares, e lá vão desparzindo com seu **tintinar** saudoso até aos casalinhos mais remotos." Castilho, Colloquios, 58.

Tintinabular. "Em varias egrejas os sinos **tintinabulavam**." C. Netto, Turbilhão, 82.

Tique-tique, o mesmo que tique-taque; som produzido pelo andar de sapatos sem talão.

Tirintintim, voz imitativa do som da trombeta.

Tiritir, retinir, tilintar.

Titilar. "Despertador que **titilava** numa cantoneira." C. Netto, Tormenta, 161.

Toar, o mesmo que soar. "Ao baquear as armas **toam**." Odorico, Iliada, 62.

Tonitroar. "Eis que do. occidente chega uma nuvem escura, **tonitroando**." Julio Bueno, Notas e Fabulas, 71.

Toque, som produzido pelo contacto ou percussão: **toque** de sino, de tambor, etc. Trac-trac. "O **trac-trac** do trem ensurdecia na noite." Fialho, Cidade do Vicio, 147.

Trape, interj., que designa som produzido por pancada ou golpe.

Trapejar. "A corrente murmurosa **trapejava** nas franças dos amieiros." Camillo, Noites do Minho, 39. "Trapejar monotonos dos remos." Camillo, Demonio do Ouro, I, 140. Ha a fôrma **trapear**. ..Trape-zape, o tinir das espadas que se chocam.

Traquinada. "Costumavam a se ajuntar os povos todos com quantos instrumentos podiam achar, que fizessem estrondo e **traquinada**." Diogo de Paiva, Casamento perfeito, 409.

Traquinar. "Uma rajada de vento estremecia a casa e fazia **traquinar** as janellas." Mottã Prego, Pomar de Adrião, 6.

Traz, voz imitativa de pancada ou queda.

Trepidar. "Eil-a (a fonte) a convidar-nos com seu **trepidar** sonoro." Dr. Augusto Silva, Farfalhos, X. "Desabou o agua-ceiro com trovões atreadores, abalando as vidraças que **trepidavam** medonhamente." C. Netto, Agua de Juventa, 72.

Trilar. "Trillaram apitos." C. Netto, Tormenta, 21.

Trincar, fazer ruido, quando se parte com os dentes: "as nozes **trincam** na bocca."

Trincolear, o mesmo que tilingar.

Tris, voz imitativa do ruido feito por qualquer coisa que se parte, especialmente vidros. Fig. Dic.

Triscar. "Da sala principal escapava-se o rumor de falas alegres, e de risos festivos, inter-

meados com o tinir dos pratos e o **triscar** dos copos." Alencar, Sertanejo, I, 218.

Troar, o mesmo que estrondear. Diz-se do trovão, do canhão, do mar, etc., havendo igualmente a forma **toronar**.

Tron, som do canhão, do trovão, etc. "Vento, fuzis, **trons** sur-dos de trovoadas."

A de Oliveira, Poesias, III, 120.

Tronar. "Longinquas, com reboante fragor, **tronavam** trovões soturnos." C. Netto, Rei Negro, 288.

Tropear, diz-se do ruido causado pelo andar dos cavallos: "Tropear lento de cavallos." Herculano, O Bobo, 295.

Tropel. "Pouco depois, ouviu-se o **tropel** dos animaes demandando o rancho." Arinos, Sertão, 31.

Trotear. "Era certo ouvir-se o trotar da egua baia do Tuca estafeta." João Lucio, Pontes & Comp., 21. Existe a fôrma **trotar**.

Trovejar, soar o trovão; soar com grande estrondo. Ha as formas **trovoar** e **troviscar**.

Trupitar, fazer estrepito, estrepitar.

Truz, imita som de uma queda ou de uma explosão.

Truz-truz, diz-se do som produzido por quem bate a uma porta.

Tumultuar, fazer grande ruido ou estrondo.

Tutucar. "Ouvia-se o tutucar dos atabaques, o estrupido surdo dos pés." J. Ribeiro, Carne, 109.

Uivar. "Quando o vento **uivando** lhes perturba o somno." G. Junqueiro, Simples, 42.

Ulo. "Longos pios das aves nocturnas e ulos da brisa nas grotas da serra." Alencar, Sertanejo, I, 50.

Ulular. "Ouço o vento **ulular** dentro da treva espessa." C. Netto, Pastoral.

Urrar, o mesmo que bramar. "E **urrrando**, lá por fóra, o negro furacão." B. Pato, Livro do Monte, 19.

Vibrar, produzir sons ou harmonias; ecoar por muito tempo.

Vozear, soltarem a voz certas aves, e também a ran, etc.

Zaguinchar. "Uma sanfona zaguinchava furiosa." C. Netto, Rei Negro, 333.

Zangalear. "As vergas, mastros, escotas e bordas rangiam e zangaleavam metricamente, no furor dos balanços, essa monotona e presaga cantilena — ráh — curráh!... ram-currham!..." Varzea, Nas Ondas, 31.

Zangarrear. "Zangarrear das violas e das cantigas." Dr. Augusto Silva, A Escrava.

Zanguizarra, toque desafinado de viola; qualquer som estridulo. Fig. Dic.

Zaragalhar. "A guitarra ao petio, zaragalhando." C. Netto, Treva, 6.

Zag, zaz-traz, imitativas de pancada.

Zoada. "A zoada plangente de um sino ao longe." Arinos, Sertão, 21.

Zoar. "A voz do frade tremia, mas era sonora como o zoar do

sino depois de cada badalada em dobrar por mortos." Herc., Monge de Cister, II, 322.

Zom-zoôm. "A subita presença das gaivotas, atenuando um pouco, com os seus gritos agudíssimos, os flá-chuahs! fló-chuóhs! rythmicos das ondas... como o seguido e monotono sibilar da ventania, nas suas notas graves e lugubres — zom-zoôm! zom-zoôm! e o chiar ininterrupto e rijo dos aguaceiros nas velas e convés — chló-chloóhs! chló-chloohs! — veio espalhar, por todo o barco, uma vaga animação e alegria." V. Varzea, Nas Ondas, 39.

Zom-zom, som confuso e monotono, como o rasgado da viola. Fig. Dicc. Zonzonar, formado do termo precedente.

Zuniada. "Cessa a zuniada do vento." A. de Oliveira, Poesias, III, 117.

Zunir, produzir som agudo, falando-se da seta, da bala, do vento, etc. Ha as fórmulas zenir e zinir.

FIRMINO COSTA

PAGINAS ESQUECIDAS

MACHADO DE ASSIS

(RESPOSTA A SYLVIO ROMERO)

A primeira necessidade logica que sente o sr. Romero ao iniciar o seu estudo, é a de classificar Machado de Assis, de dizer a que escola pertence. E' classico, é romantico, é realista, é naturalista? Mania de rethorico das velhas rhetoricas.

Esta questão de classificar em escola classica, escola romantica, escola realista, é um thema sedição, um lugar commum com que se entretêm os espiritos estereis, amigos de formulas vãs, e incapazes de analyses penetrantes e profundas dos factos literarios.

As obras de imaginação, a poesia, o drama, o romance reproduzem idealizado o que enche a alma humana e faz a trama da vida e da sociedade em cada cyclo do tempo. Todo este mundo de affectos, de paixões, idéias, interesses muda, transforma-se de periodos em periodos, uns mais longos outros mais curtos. Não é só o fundo, a substancia que muda; mudam tambem a expressão, as formas, o teór.

Cada um desses periodos tem pois, a sua literatura.

As classificações são sempre artificiaes; mutilam, pervertem, desnaturam os factos para subordinal-os a divisões, a classes de pura symetria. Tomemos, para exemplo, a poesia que se chama classica. Os poetas do seculo XVI são mettidos no quadro dos, classicos; no emtanto, elles só têm analogias de formas com os verdadeiros classicos; trabalharam em fundo que é todo moderno, todo do seu tempo. Não são classicos: reproduziram o pensar e o sentir do seu seculo.

Veio o romantismo: traduziu nas suas mil variadas formas o estado da alma e do espirito humano no periodo que vae dos comegos do seculo até mais ou menos 1850.

Mas quanta coisa de fundo e forma não se encontra em pleno romantismo que bem poderia denominar-se classica! De 1850 por diante, os imitadores, o rebanho servil, em vão esforçaram-se por continuar o romantismo. O fundo tinha desaparecido; ficaram as formas vãs e oucas.

A humanidade civilizada entrara em novo periodo.

O microscopio dos naturalistas e physicos destruiu todas as grandes crenças, todas as nobres aspirações, todos os ideaes do homem; reduziu Deus a um absoluto cego, fatal, mechanico, inconsciente; e muito logicamente fez do homem uma besta, apenas racional, sob o dominio exclusivo da animalidade.

E' esta a quadra que vamos atravessando.

E ella deve espelhar-se na sua literatura. E com effeito ella tem a sua literatura. E essa literatura ainda não achou o seu verho, procura assumptos e não os encontra, ou os não sabe tratar; tenta fortuna em todos os sentidos, até no monstruoso, no horrivel, no ehediondo, no torpissimo; corre agitada, inquieta atraz do novo e só descobre o extravagante.

Naturalistas, Parnasianos, Decadentes, Nephelibatas, e outros e outros de singulares denominações, são caçadores sem ventura da nova idéia, do novo signo; fatigam-se, despendem muito talento, bracejam nos desvios, pelos quaes se perdem, e afinal sentem que perseguem falsas imagens.

No entanto, importa reconhecê-lo: Um ou outro feliz genio tem nas profundezas do coração, nas obscuridades da consciencia e no conflicto das paixões e dos interesses, sorprehendido sentimentos, idéias e coisas originaes, singulares, verdadeiros productos do seculo, phenomenos que são mais uma revelação da complexidade, da riqueza e dos mysterios da natureza moral do homem.

Mas no meio de tudo isto o que é Machado de Assis?

Diz o sr. Romero: foi romantico, mais tarde passou para os realistas, mas conserva ainda umas *échappées* para o romantismo. Então como classifical-o?

E' um transitorio, um amphibio, um neutro. E nesta classe de amphibios mette o sr. J. Nabuco e outros e o proprio... Tobias Barreto.

Vão lá dizer ao sr. J. Nabuco que elle é um transitorio, e o illustre publicista, mesmo por ser um homem de espirito, dará uma resposta á Jourdain.

Certamente o sr. Machado de Assis foi um romantico e não podia deixar de sel-o. A sua intelligencia desabrochou e a sua imaginação aventurou os seus primeiros vôos, quando aqui estavamos ainda em pleno romantismo. E porque foi romantico, não se segue que não podesse ser chapado naturalista. Garret, em sua mocidade, foi, segundo a classificação usada, um terrivel classico. A *Lyrica*

de João Minimo é Phelinto puro. E' Horacio condensado. Mais tarde, quando voltou do exilio, trouxe Camões, D. Branca, poemas redondamente romanticos e com os quaes iniciou a nova era em Portugal. Ficou-lhe, não ha duvida, algum quid de classico. Mas por isso ninguem o metteu entre os amphibios. E qual é o romantico que não deixe lá, de quando em vez, escapar uma nota de classico? Ainda em Lamartine ha estrophes que Soares Barbosa, isto é o sr. Romero, com perfeita justiça reivindicaria para o classico.

Machado de Assis não é romantico, não é realista, não é parnasiano, não é decante. E' um espirito culto, imaginoso, caustico, que traduz em versos bem feitos as suas inspirações e descreve em scenas animadas a vida do seu tempo e traça figuras que reproduzem a realidade com que está em contacto, segundo os processos que lhe parecem mais adaptados ao intento. Ora pinta o que está vendo, o que não é ser realista, porque assim o fizeram classicos e romanticos, ora, entregando-se aos caprichos da sua phantasia, remonta ao ideal ou para embellezar a natureza, ou para exaggerar-lhe as asperesas, as escabrosidades, o horrivel. Mas é sempre um homem do seu meio. Não cuida em ser romantico, realista ou qualquer outra coisa. Lucta, pensa e escreve como um homem do seu tempo.

.....

O sr. Machado de Assis é poeta, tem fóra de toda a duvida a alma de poeta. Sabe sentir, tem phantasia, ideaes delicados, sonhos de amor de admiravel pureza, crea pequenos nadas e veste-os de formas impeccaveis, burila admiravelmente fragmentos de bronze, pinta quadros, combina habilmente luz e sombras, traça silhuettes caprichosas e exhala em formosas endeixas a dôr, a saudade. E tudo isto em uma lingua correcta, limpa, pura, expressiva e em versos de medidas variadas, bem feitos e sempre adaptados ao assumpto.

Deve ser estudado e julgado no genero que cultiva e que é o da indole do seu talento. E' poeta do lyrismo subjectivo, do genero temperado, da poesia leve.

E nestes generos é excellente, tem verdadeiros primores de fundo e de forma. Primores taes dão tanto direito de figurar no Parnaso, como o que a ode, a epopéa, a tragedia têm de mais perfeito, sublime e remontado.

E que são as mais bellas joias de Sapho, de Horacio, de Tibullo, de Petrarcha, de Malherber, de Lamartine, de Musset, de Bocage, de G. Dias, de B. Guimarães, de Octaviano, se não composições curtas, poemetos, miniaturas?

Marcial, que tambem era um critico de bom gosto e juizo seguro já dizia "Eu não compuz o Arma verumque cano e no emtan-

to leem os meus versos os barbaros da Germania, de Vienna, da Iberia e lel-os-á a mais remota posteridade.

... ..

As pessoas de alguma cultura literaria, familiarisadas com os escriptos do sr. Machado de Assis, reconhecem que é elle um dos nossos estylistas de melhores quilates. A estrutura do seu periodo é singularmente bella. As palavras e as orações organisam-se e concatenam-se em uma ordem lucida, como pede o genio da lingua, e a logica do pensamento. E' conciso e não pobre no dizer. A phrase é ás vezes notavel pela força da expressão, não tanto pela imagem, como pela alliança insolita ou pelo contraste das palavras. O pensamento, cheio e sobrio, corre desembaraçadamente em uma lingua folgada e não contrafeita. Não tem pretensão ao grandioso, ao sublime, ao campanudo, ao retumbante, mas sabe dizer com precisão, propriedade e agudeza o que pensa e o que sente.

Quem reúne dotes taes, é certamente um escriptor de grande distincção. Mas não é só isso. Não raro, pela bella organização do periodo, pela nobreza das palavras, pela propriedade e precisão da expressão, e por um certo polimento, o sr. Machado de Assis toca a essa graça, a essa flor de elegancia que os athenienses chamavam *atticismo* e os romanos *urbanidade*.

... ..

E' o sr. M. de Assis um espirito creador? Tem elle a concepção profunda do homem e da sociedade? Possui o dom de crear situações, luctas, conflictos, complicações em que os caracteres de si mesmos se desenvolvem? Sabe no conto singello pôr em acção figuras naturaes, representações fieis do homem com as suas grandes ou pequenas paixões, com as suas excellencias e perversidades, com as suas fraquezas e ridiculos e com as *nuanças* da sua natureza varia e ondulante?

Ou é antes um pallido urdidor de entrecchos e intrigas insignificantes, vulgares, illogicas, insipidas, um fabricante de figuras contrafeitas, artificiaes, sem naturalidade, recortados de papelão, seres inanimados, que representam um thema, uma these e não a acção, o movimento, as agitações da vida?

Os poetas, os romancistas, os dramaturgos de genio cream o seu mundo, põem em actividade, atravez da sequencia de incidentes e factos, as figuras dominantes, e do viver dessas figuras fazem resaltar-lhes o caracter, a idiosyncrasia, o temperamento, a individualidade fundamente accentuada.

O que revela e traduz a idiosyncrasia, o caracter, o temperamento, não é a descripção, o retrato da figura, mas a sua actividade, o seu viver no desenvolvimento da acção.

E o seu creado, imaginario, adquire uma individualidade, forte, tão bem defenida e profundamente caracterisada, que assume a realidade de uma figura historica.

Póde o leitor esquecer o enredo do drama, do romance, ficaram-lhe, porém, gravadas na mente as figuras, como se as tivesse lido em Thucidides, em Tacito, em Plutarcho, em Machiavello. Taes são o Hamlet, o Machbet, o Shyloch, o Othelo de Schakspeare; o Don Quixote e o Sancho de Cervantes, o Gil Blaz de Lesage, o Antiquario de W. Scott, o D. Juan de Byron, o Monte Christo de Alexandre Dumas.

Schakspeare apoderava-se de pobres dramas, de lendas e contos, submettia-os ao poder do seu genio, cavava as paixões e reduplicava de intensidade interesses fracamente desenhados, dava-lhes profundidade, mettia sangue, energia e vigor em figuras pallidas e superficiaes, verdadeiros esqueletos, derramava a vida, a luz, o movimento, animava tudo com o seu sopro, e tirava do nada um mundo de realidades.

Quem não tem força para fazer os caracteres saltarem da complicação dos factos, da fragua das paixões e do conflicto dos interesses, recorre ao banal expediente de previamente traçar o retrato do personagem, que põe em scena, de descrever-lhe o temperamento e as tendencias.

E' o que perpetuamente se vê nessas composições anemicas com que gemem os nossos e os planos estrangeiros.

Lord Monbodo, consummado hellenista da Escossia, praticava de Homero com o celebre dr. Johnson, segundo Carlyle, o representante mais alto e poderoso do genio inglez no seculo passado.

Johnson dizia: "The are in Homer such characters of heroes and combinations of qualites of heroes, that the united powers of mankind ever since have not produced any but what are to be found there". Ao que observou Mondobo: "Let no character is described". Johonson acudiu: "No; they all develope themselves".

Evidentemente eram dois entendidos.

O sr. J. Verissimo, critico elegante e de bom gosto, fazendo uma vez uma analyse do Sargento de Milicias de Manuel de Almeida, reconheceu que o romancista reproduzia com fidelidade e vida os typos do Rio de Janeiro colonial que evocara, isto é, que essas figuras reviviam nos esboços do escriptor. No entanto, porque lobrigou defeitos de estylo e de composição, negou ao autor a primasia a que tem direito entre os nossos. Não: se Manuel de Almeida soube reproduzir ao vivo os typos que evocara, se animou-os com o sopro da vida é, fóra de contestação, um escriptor, um artista de altissimo merecimento, muito superior aos que, supposto escrevam com melhor estylo e mais sciencia de composição, todavia só têm posto em scena figuras artificiaes, desajeitadas, esta-

tuetas que não respiram, verdadeiros postes que trazem um nome, como os postes que no theatro grego indicavam por simples epigraphes os lugares dos successos: Colonna, Propileus, Parthenon.

Quizeramos que o sr. Romero tomasse o assumpto por estas profundidades, que nos desse um estudo serio da trama e do enredo dos principaes romances do sr. Machado de Assis e que por meio de analyses firmes, seguras, fizesse brilhar o character, o temperamento nas particularidades das figuras, censurando, elogiando como fosse de razão.

Mas para tanto... faltavam-lhe garras. Apenas no pobre e magro capitulo final limita-se a affirmar que o sr. Machado de Assis não inventou, nem creou typos que se tornassem populares.

LABIENO.

(Lafayette R. Pereira).

UM AUTOGRAPHO DO PRIMEIRO
IMPERADOR

P.^o A. Marquez de Santos

em
Luz

Eu e a Marquez de Santos. O que eu como prefero
e me participo e eu e a Marquez de Santos
bem e estamos bem. A Marquez de Santos vai
do. e a Marquez de Santos. A Marquez de Santos
A Marquez de Santos. A Marquez de Santos
A Marquez de Santos. A Marquez de Santos
A Marquez de Santos. A Marquez de Santos

1830 27
12

Eu e a Marquez de Santos

Eu e a Marquez de Santos

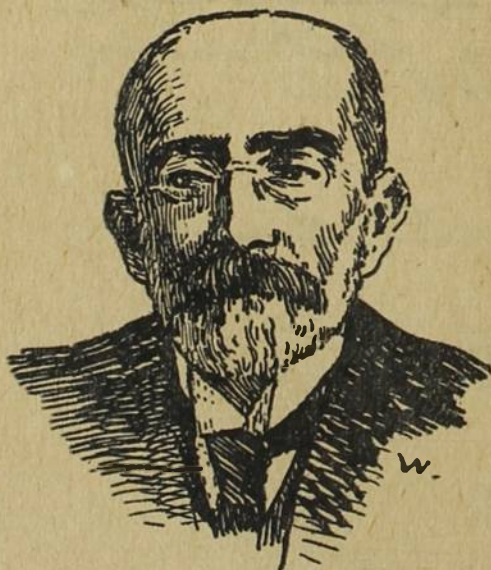
Imperador

RESENHA DO MEZ

LAFAYETTE RODRIGUES PEREIRA

Apagou-se este mez um dos espiritos mais notaveis que o Brasil tem produzido.

Aos vinte e poucos annos, o conselheiro Lafayette publicava obras juridicas que eram primores de exposição, de doutrina e de linguagem e, num parlamento onde fulguravam



as maiores intelligencias, conseguia, dentro em pouco, destacar-se pela feição singular do seu talento. Delle pôde-se dizer que entrou para a vida publica, quer literaria quer politica, já cavalleiro perfeito. Parece que nunca precisou, em todas as coisas da vida, de atravessar esse doloroso e fatigante periodo de aprendizado que é o escolho onde naufragam muitos e onde todos se deses-

peram. Escrevia e falava, sempre escreveu e falou com a admiravel precisão e singeleza, a singeleza e precisão com que só os grandes mestres falam e escrevem. Os seus primeiros livros trazem a linguagem já crystallizada em todas as perfeições artisticas e desafiam os rigores mais extremados da critica. São obras definitivas onde não ha o que pôr ou o que tirar. Dos seus discursos, rapidos, incisivos, originaes, vivem ainda nas paginas dos annaes do parlamento do Imperio, alguns exemplares que honram a graça, a cultura e a distincção do espirito brasileiro.

Não é em poucas linhas, e ás pressas, que se pôde dignamente analysar um homem desse valor. A analyse que elle merece só a faremos mais tarde, com espaço e com amor.

Estas linhas ligeiras valem apenas como uma primeira e modesta homenagem da nossa admiração e do nosso respeito ao eminente brasileiro que acaba de desaparecer no meio de uma indifferença que enxovalha o paiz.

FINS DA EDUCAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA BRASILEIRO

(Suggestões)

Na Idade-Antiga, o alvo ao qual tendiam os trabalhos educativos era o preparo do individuo afim de servir ao Estado, isto é, para as ne-

cessidades militares, dominantes, tornando-se de tal arte cada cidadão um soldado, donde o predomínio da cultura physica sob as mais variadas formas. A fortaleza do corpo era o meio de consecução do homem-soldado, fim a attingir.

Mais tarde, nos tempos medievaes, o fim ultimo da educação consistia em deixar a criatura humana apta para o alcance do céu, ventura suprema dos que, na Terra, souberam desdenhar a grosseira roupagem material — o corpo, — envoltorio da divina essencia — a alma, — objectivo unico de todos os carinhos. As mortificações, os jejuns, os maus tratos ao corpo emfim, produziram o ascetismo, moral fundada no desprezo do organismo e das sensações physicas.

Entrando a Idade-Contemporanea, a reacção critico-naturalista contra o mysticismo anterior surgiu logo, com a Renascença, trazendo reformas radicaes cujos beneficos effeitos ainda hoje se manifestam. Por outro lado Luthero, prégando o livre exame, concorreu efficazmente para diminuir as brumas que envolviam as consciencias, e provocou aspirações novas com a liberdade deixada á exegese dos textos biblicos. A reacção critica, culminando com o "Emilio", deu tambem origem aos impulsos liberaes do ultimo quartel do seculo XVIII, de que a França se tornou o campeão, posto que, ás vezes, excessos houvesse, como no movimento politico-social de 1789. A revolução franceza deu azo a que se precisassem os ideaes educativos daquellas épocas, consistentes no pleno desenvolvimento physico, sensorial, intellectual e moral.

Reconhecida, na Idade-Contemporanea, a impossibilidade de proseguir esse intento, a educação orientou-se de novo e tomou outro rumo, parecendo que, hoje, a obra educativa pretende dar, a todos os individuos, elementos bastantes que lhes facultem ampla satisfação das necessidades impostas pela vida actual, augmentando-se, por tal forma, a riqueza publica com o desenvolver-se a maxima capacidade productiva de

cada membro do gremio social. O fim da educação é hoje, portanto, criar o homem productor de riqueza, o cidadão forte para o trabalho, beneficiando-se a si proprio e á collectividade de que é parte.

De que modo e por quantos meios conseguirá a educação o seu fim ultimo, qual o de amoldar criaturas habilitadas para a vida intensa da época presente, capazes de vencer nas lutas de todos os dias? E' esse um problema assás difficil, todavia pensamos que se resolverá seguindo-se os caminhos abaixo indicados:

1. Fornecer a todos os individuos o ensino primario (preliminar e complementar); é o ensino gratuito e obrigatorio. Tal ensino, basico, tem um caracter nacional, quero dizer que, durante a sua ministração, se ha de formar e avigorar o civismo na criança;

2. Ensinar a todos um officio, isto é, uma habilidade manual qualquer, permittindo ao individuo, em qualquer emergencia, meios faceis de ganhar a vida. O ensino manual, sobre ser um agente moralizador importante, é ainda um factor de solidariedade humana e de independencia de caracter;

3. Promover, para o maior numero possivel, pelo menos para todos os membros das classes dirigentes, a cultura chamada *classica*, os estudos de *humanidades*, como geradores de altruismo. E' facto que as classes dirigentes devem ser preparadas e abnegadas, o que se pode conseguir, até certo ponto, com os estudos que dizem respeito a todos os homens.

Encarando o problema da finalidade educativa sob o ponto de vista brasileiro, poderemos dizer que os fins da educação, entre nós, se dividem em *ultimos* e *proximos*. *Ultimos* são os fins geraes da educação na época actual, acima expostos, e que hão de variar com a marcha evolutiva da humanidade; o que foi dito,

relativamente a todos os povos, cabe aos brasileiros, como parte do genero humano. *Proximos* são os fins existentes em virtude de condições especiaes, transitorias, de nossa Patria; o trabalho educativo deve procurar, o mais breve possivel:

1. Criar uma civilização nossa, adaptada ás nossas condições mesologicas, sendo, neste ponto, muito justas as criticas feitas por escriptores varios, entre as quaes Eça de Queiroz, na sua "Ultima carta de Fradique Mendes", dirigida a Eduardo Prado;

2. Chamar para o convívio social, isto é, instruir e educar como brasileiros que são, consideravel parte da população nacional que vegeta pelo interior do paiz e conhecida pelos differentes nomes de *indios* (?), *bugres*, *caboclos*, *tabaréus*, *matutos*, *caipiras*, *jagunços* et cætera. Convem meditar a este respeito, lendo o capitulo em que o autor dos "Sertões" estuda "O homem";

3. Assimilar, por todas as maneiras, o elemento estrangeiro, o qual conserva, na nossa terra, os ideaes proprios de suas patrias de origem, com grave prejuizo para os interesses nacionaes. Reflectamos, aqui, sobre a efficiencia da *escola nacional*, que não temos, e do *trabalho agricola organizado*, que tambem nos falta.

Diversos são os meios de attingirmos os fins proximos da educação, sob o ponto de vista brasileiro. Temos de criar elementos, forças que não existem entre nós, e eliminar entraves, verdadeiras energias negativas.

Os estorvos a supprimir são estes:

1. Analfabetismo (decadencia intellectual);

2. Molestias varias (decadencia physica);

3. Descrença, pessimismo (decadencia moral);

4. Pobreza (decadencia economica).

Todos estes assumptos teem sido ventilados abundantemente, excepto um, o ultimo; illudimo-nos muito

quanto ás condições economicas do nosso povo, por termos o mau habito de considerar sómente as grandes cidades do paiz e de aferir, por esse estalão, a zona rural, pobre e desprovida de conforto.

As potencias a criar são:

1. Escolas *nacionaes* urbanas e principalmente RURAES (ensino primario — preliminar e complementar). O problema das escolas ruraes está desafiando a perspicacia dos nossos politicos: é a questão maxima da pedagogia brasileira. Ha necessidade em ampliar a efficiencia ás Escolas Normaes do paiz, pois é nellas que se preparam milhares de pessoas que teem de realizar o que se espera da escola nacional. A' mulher brasileira, principalmente, cabe um importantissimo e insubstituivel papel no ensino preliminar nosso;

2. Serviço militar *obligatorio*. O serviço militar obligatorio é a Nação em guarda, sempre prompta para a sua propria defesa. O cidadão-soldado tem civismo, é uma força-viva nacional. Mas o serviço militar obligatorio é considerado, aqui, nas vantagens que apresenta quanto á disciplina individual, na vulgarisação dos preceitos hygienicos, relativamente á luta contra o analfabetismo. Os postos militares podem ser verdadeiras escolas espalhadas pelo immenso territorio brasileiro, a exemplo do que se faz na Russia que, ha pouco, contava perto de 8.000 de taes postos. Medite-se sobre o livro de Gustavo Le Bon — *Psychologie de l'éducation* — capitulo ultimo, intitulado "L'éducation par l'armée";

3. Fomento da *iniciativa individual*, por todos os modos possiveis, e de um *patriotismo sadio*, pelo conhecimento do folk-lore nacional, da lingua do paiz através da nossa literatura e das letras portuguezas, da historia do Brasil, da geographia patria; e pelo robustecimento das emoções civicas (bandeira nacional e hymnos patrioticos, festas civicas, culto dos grandes homens, et cætera). A este respeito convem considerar o relevantissimo serviço que Olavo Bilac está prestando, com o con-

curso da boa imprensa, e o muito que delles esperam os verdadeiros patriotas.

A *Liga de Defesa Nacional* está destinada a realizar um papel muito nobre, pela estimulação das nossas energias cívicas e, além disso, por esmerar e fortalecer o sentimento nacional, sem o que o Brasil jamais cumprirá um destino grandioso. — cumprirá um destino grandioso. — CARLOS DA SILVEIRA.

MOVIMENTO LITERARIO

Organizou-se em S. Paulo uma sociedade que vai prestar sem duvida muitos serviços: a Sociedade dos Autores, de que farão parte homens de letras, juristas, scientistas, artistas, etc.

A Sociedade dos Autores, que tem por fim defender os direitos autoraes em juizo e fóra d'elle, representa, positivamente, uma excellente iniciativa de que muito ha a esperar. Com effeito, entre nós não se tem noção alguma de propriedade litteraria. Como não ha quem viva exclusivamente da sua penna, os autores ainda não conseguiram convencer o publico de que, assim mesmo, a produção intellectual é tão digna como as outras, e tanto como as outras merece a protecção das leis. Foi para reagir contra isso que se fundou a Sociedade dos Autores. D'ora avante a lei dos direitos autoraes não existirá apenas no Codigo — mas terá applicação frequente, e servirá realmente para proteger os autores.

Os estatutos, que já estão assignados por grande numero de socios, serão publicados brevemente. Em reunião ha dias realisada, ficou assim composta a primeira directoria: presidente, sr. dr. Vicente de Carvalho; secretario, sr. Amadeu Amaral; thesoureiro, sr. dr. Armando Prado; sub-presidente, sr. dr. Luiz Carlos da Fonseca; sub-secretario, sr. dr. Cyro Costa; sub-thesoureiro, sr. dr. Roberto Moreira. Na fórmula dos estatutos, esta directoria organisou a

lista das pessoas que devem compor o conselho superior, as quaes são os srs. drs. Adolpho Pinto, Affonso d'Escragnolle Taunay, Alberto Seabra, Alfredo Pujol, Augusto Freire da Silva, Carlos de Campos, Firmino Witacker, José Carlos de Macedo Soares, Julio Mesquita, Luiz Pereira Barretto, Ramos de Azevedo, Reynaldo Porchat, Silvio de Almeida, Theodoro Sampaio, Valente de Andrade, Veiga Miranda e Washington Luis. Para o cargo de secretario geral foi escolhido o sr. Gomes Cardim.

Os estatutos cogitam ainda da criação de "conselhos seccionaes" de cinco membros, destinados a velar por determinados departamentos da actividade autoral.

*

Esteve em S. Paulo Alberto de Oliveira, que veio realizar na Sociedade de Cultura Artistica, uma conferencia sobre Fagundes Varella. O que foi essa palestra litteraria, podem os leitores da *Revista do Brasil*



avaliar-o pelo resumo que mais adiante publicamos. Alberto de Oliveira comprometteu-se com a Cultura Artistica a vir fazer em S. Paulo uma conferencia sobre Arthur de Oliveira. Alberto foi amigo e companheiro inseparavel de Arthur, que não

era só um incorrigível bohemio, mas um talento admirável, de que infelizmente pouquíssimos traços existem na nossa literatura. E ha de ser encantador ouvir o grande poeta contar a vida bohemia de Arthur de Oliveira, como elle se fez amigo de Theophile Gautier e de outros grandes escriptores francezes, — evocar emfim essa figura originalissima inteiramente inedita para o grande publico.

*

Ainda a proposito da Sociedade de Cultura Artistica: está a apparecer o terceiro volume das conferencias realisadas na Sociedade, contendo a série sobre Lendas e tradições brasileiras, feita com tanto brilho pelo saudoso Affonso Arinos. Prefacia o volume Olavo Bilac, cujas paginas os nossos leitores já conhecem, graças á gentileza da directoria da Sociedade de Cultura Artistica.

Publicado este volume, com as conferencias de Affonso Arinos, sahirá logo outro, com as conferencias do dr. Alfredo Pujol sobre Machado de Assis. O nosso director realisará por estes dias a ultima da série; e, como o livro está quasi prompto, pouco depois será exposto á venda. O interesse com que todos acompanharam as brilhantes conferencias sobre Machado de Assis, permite esperar que a publicação dellas em volume constitua um dos mais bellos acontecimentos literarios do anno. E, a proposito, louvemos a Cultura Artistica, a quem as nossas letras e as nossas artes já devem tantos serviços. Sem querermos referir-nos ás conferencias anteriores, já reunidas tambem em volume, — teria o publico essas duas series magnificas, sobre as nossas lendas e sobre Machado de Assis, se não fosse a Cultura Artistica? Sem ella, sem o esforço com que os seus directores se empenham em realisar o programma da Sociedade, provavelmente Affonso Arinos não se abalancaria a realisar sete conferencias, nem Alfredo Pujol outras tantas sobre Machado de Assis...

*

Mais duas vagas na Academia Brasileira (positivamente, os academicos, são mesmo immortaes...). Agora, são Lafayette Rodrigues Pereira e Oswaldo Cruz que morrem, um jurisconsulto e politico eminente, o outro hygienista glorioso, — que não se contentaram em ser "apenas" isso, e quizeram ser tambem, e realmente o foram, bons cultores das letras. De Lafayette publicamos neste mesmo numero da Revista, alguns admiraveis trechos da sua critica a Sylvio Romero, feita sob o pseudonymo de Labieno.

Com o fallecimento dos dois illustres brasileiros, ha tres vagas na Academia Brasileira, pois ainda não foi preenchida a de Garcia Redondo. Nenhum dos tres foi socio fundador da Academia, mas, a proposito é interessante recordar que dos quarenta socios fundadores vivem hoje apenas dezoito. Esses dezoito academicos são os seguintes srs.: Carlos de Laet, com 68 annos de idade; Ruy Barbosa, com 67 annos; Silva Ramos e Inglez de Souza, com 63; Felinto de Almeida, com 59; Alberto de Oliveira e Clovis Bevilacqua, com 57; Affonso Celso com 56; Luiz Murat, com 55; Domicio da Gama, com 53; Coelho Netto, com 52; Alcindo Guanabara e Olavo Bilac, com 51; Rodrigo Octavio, com 50; Medeiros e Albuquerque e Oliveira Lima, com 49; Graça Aranha, com 47 e Magalhães de Azevedo, com 44 annos.

A Academia Brasileira perdeu até hoje trinta de seus socios effectivos, cujos nomes publicamos em seguida:

Luiz Guimarães, fallecido em 1898; Pereira da Silva, em 1898; Visconde de Taunay, em 1899; Eduardo Prado, em 1901; Francisco de Castro, em 1901; Urbano Duarte, em 1902; Valentim Magalhães, em 1903; Martins Junior, em 1904; José do Patrocínio, em 1905; Pedro Rabello, em 1905; Barão de Loreto, em 1906; Teixeira de Mello, em 1907; Machado de Assis, em 1908; Arthur Azevedo, em 1908; Lucio de Mendonça, em 1909; Euclides da Cunha, em 1909; Guimarães Passos

em 1909; Joaquim Nabuco, em 1910; Raymundo Corrêa, em 1911; Araripe Junior, em 1911; Rio Branco, em 1912; Aluizio Azevedo, em 1913; Salvador de Mendonça, em 1913; Heraclito Graça, em 1914; Jaceguay, em 1914; Sylvio Romero, em 1914; José Verissimo em 1916, Affonso Arinos, em 1916; Arthur Orlando, em 1916, Garcia Redondo, em 1916; Lafayette Rodrigues Pereira, em 1917; e Oswaldo Cruz, em 1917.

Os ultimos socios recebidos foram os srs. Antonio Austregesilo, Goulart de Andrade e Osorio Duque Estrada, eleitos, respectivamente, para as vagas de Heraclito Graça, Barão de Jaceguay e Sylvio Romero.

Não tomaram posse ainda os socios srs. Lauro Müller, Emilio de Menezes, barão Homem de Mello, dr. Miguel Couto e desembargador Atalapho de Paiva, eleitos para as cadeiras que eram occupadas, respectivamente, pelo Barão do Rio Branco, por Salvador de Mendonça, por José Verissimo, por Affonso Arinos e por Arthur Orlando.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS

E COISAS NACIONAES

FAGUNDES VARELLA

Foi nos primeiros annos de juventude, quando a poesia desta idade e a das coisas, que eram as mais bellas em sitio aprasivel da minha provincia natal, me formavam e predispunham o espirito ao gosto das letras, que li pela primeira vez os versos de Fagundes Varella. Ha em torno de nós, nas coisas e em tudo, uma indefinivel belleza esparsa, cujos aspectos nos passariam despercebidos se as Artes os não revelassem, e dellas, como principaes, a Poesia, a Pintura e a Musica. Conforme a natureza e estado da alma em que influem, estas artes nos desfazem suggestivamente o fumo ou véu que encobre algumas dessas bellezas. Na-

quelles alvares de mocidade foi a musa de Varella a que mais apta e magica me soube desvendar ou deixou entrever o que sós por sós não viam meus olhos. A suggestão da poesia da Natureza livro nenhum, a não ser depois a "Cachoeira de Paulo Affonso", me deu tão intensa como os "Cantos Meridionaes", os "Cantos e fantasias" e ainda os "Cantos do ermo e da cidade". O gosto da vida errante diz-se que lhe viera com a perda de um filho e da primeira mulher. Desde então começou a fugir os centros populosos, a estanciar nos ermos, tentando esparecer dolorosas lembranças com a variedade dos espectaculos da natureza. Longas caminhadas emprenhava a pé, indo destas áquellas paragens, por municipios das provincias do Rio de Janeiro e S. Paulo. Amigos, que não lhe faltavam nessas peregrinações, adquiridos entre a gente simples da roça, por seu trato e maneiras insinuantes, soccorriam-no, hospedando-o, sentando-o á sua mesa, dando-lhe distração e conforto. Os mais dedicados cediam-lhe ás vezes de emprestimo animaes de sella, com que se atirava a penosas viagens. E então a alma do poeta se expandia em jubilos, voando desoppressa dentre os homens para a solidão dos descampados e brenhas.

Vamos, exclamava nessas occasiões, desprendido de tudo,

Vamos, meu cavallo branco,
Minha neblina veloz!
Deixemos campos e prados,
Sarcas, brejos e vallados,
Ermos, villas, povoados
E os homens atrás de nós!

Vamos, vamos, busquemos as terras,
Onde habitam meus doidos amores,
Onde espera por mim anciosa
A mais languida flor entre as flores;

Onde tudo é liberdade,
Vida, calor, goso e luz,
Onde as placidas campinas

Regorgitam de boninas,
A's caricias peregrinas
De um sol que sempre reluz.

.....

Ao fim da jornada, como quem sáe
a buscar um templo e ao entrar-lhe
os penetraes ajoelha e reza, elevam-
se-lhe, do peito estas vozes de um
hymno quasi religioso:

Salve, erguidas cordilheiras,
Brenhas, rochas altaneiras,
De onde as alvas cachoeiras
Se arrojam, troando os ares!
Folhas que rangem cahindo,
Feras que passam rugindo,
Genios que dormem sorrindo
No fresco chão dos palmares!

Salve, florestas sombrias,
Onde as rijas ventanias
Accordam mil harmonias
Na doce quadra estival!
Rôlas gentis que suspiram,
Louras abelhas que giram
Sobre as flores que transpiram
No seio do taquaral!

Salve, esplendida espessura,
Mares de sombra e verdura,
De onde a brisa etherea e pura
Faz brotar a inspiração,
Quando á luz dos vagalumes,
Da mariposa aos cardumes
Se casam molles queixumes
Dos filhos da solidão.

E' o deserto bravio e augusto, a
solenne e virgem solidão das flores-
tas. Ahi seu genio e soffrimentos
podem ser entendidos, o coração con-
fia a penedos e arvores o que receava
segredar a ouvidos humanos. Nestas
notas de lyrismo selvagem travadas
muitas vezes de amargura e misan-
thropia, penso estar a feição predo-
minante de Fagundes Varella ou o

que mais lhe resalta a individuali-
dade entre os nossos poetas roman-
ticos.

A misanthropia de Varella, ou o
seu não direi desprezo, mas afasta-
mento dos homens, principalmente os
das cidades ou povoados, preferindo-
lhes a solidão dos campos e matos,
motivam-no os seus biographos no
lance tragico da morte da mulher
e do filho. "Este duplice golpe, diz
J. M. de Macedo, no "Anno biogra-
phico", cortou-lhe o futuro e enne-
greceu-lhe a vida". Varella não quiz
proseguir em seus estudos juridicos;
o amor de seus paes já não lhe bas-
tava. Fugiu á sociedade; passou os
primeiros tempos que seguiram ao
seu infortunio fatal, vagando sózinho
pelos campos, desapparecendo no seio
escuro das florestas, atravessando a
nado caudalosos rios, caminhando le-
guas sem destino, nem idéa, pedindo
a Deus a morte e arruinando a sau-
de, em desespero de felicidade no
mundo." Accordes mais ou menos
neste sentido escrevem Lery Santos,
Sacramento Blake, Teixeira de Mello
e V. Coaracy. Parece, pois, que a
musa da solidão só depois daquelle
golpe fatal sorriu consoladora e ca-
rinhosa ao poeta, inspirando-lhe as
mais bellas ou mais características
produções. Não é isso entretanto o
que é facil vêr do exame de suas
obras. Embora menos intenso, o gos-
to de ermo ou da vida e mysterios
deste já se adivinha e manifesta em
"Nocturnas" e "Vozes da America",
das quaes, senão todas, pelo menos
o maior numero das varias poesias
antecede á data do luctuoso succes-
so. A morte dos dois sêres queridos
parece-nos firmou apenas em Varel-
la o pendor para a vida ao ar livre,
em contacto directo com a natureza.
Essa inclinação é de presumir lhe
nascera desde cedo, quando, haven-
do-lhe o pae sido nomeado juiz de
direito de Catalão, em Goyaz, teve
o poeta, menino ainda de onze annos,
de acompanhar a familia em viagem
feita a cavallo durante longas sema-
nas, através dos sertões espessos e
onde por vezes houveram de atten-
dar em plena mata brava, sob as
copas das arvores. Difficilmente se

nos apagam do espirito estas lembranças de espectaculos grandiosos do mundo physico, vistos na idade em que a imaginação algo tem daquella musa de olhos arregalados que o autor do "D. Casmurro" faz presidir ás insomnias.

O "Cantico do Calvario" assigna-la no lyrismo de Varella, de 1863 em diante, anno em que foi escripto, as notas de profunda e não fingida tristeza, senão amargura, que lhe ensombram os versos. Dahi datam tambem os desatinos ou desregramentos de sua vida. Nas poesias anteriores pôde haver, e ha certamente, o mesmo sentimento de dôr, mas artificial, ou de imitação, segundo o praticava a escola romantica, principalmente na ultima phase. Aqui, não. As selvas tão invocadas pelo poeta desde os primeiros cantos, se a principio podiam ouvir-lhe um idyllio ou uma ecloga ou deixar-lhe entrever entre os ramos nudezes de nymphas fugidias, agora só lhe inspiram accordes elegiacos e povoadas lhe apparecem de sombras e aparições tristes. Ao meu vêr é o "Cantico do Calvario", embora alguns senões, a mais formosa nenias ou epicedio de nossa lingua; nunca, que eu saiba, sem exclusão de Bocage na "Saudade materna" e do nosso Luiz Guimarães Junior em "Mater dolorosa", houve ahi alaude capaz de sons tão altos e tão sentidos.

Nos ultimos tempos accentua-se-lhe a religiosidade do espirito, o que o leva, antes de narrar a vida de Jesus, aos raptos de "Acusmata":

..... Busco-te embalde
Na natureza inteira! O dia, a noite,
O tempo, as estações, mudos succedem-se
E se falo de ti, mudos se escoam!
Mas eu sinto-te o sopro dentro d'alma!
E movo-te por ti, por ti respiro,
Ouço-te a voz que o cerebro me anima,
E em ti me alegre, e choro, e canto, e
[penso!

... ..
Eu creio em ti, eu soffro, e o soffrimento,
Como ligeira nuvem, se esvaece,
Quando repito teu sagrado nome!
Eu creio em ti, e vejo além dos mundos

Minha essencia immortal, brilhante e
[livre,
Longe dos erros, perto da verdade,
Branca dessa brancura immaculada,
Que os genios inspirados nesta vida
Em vão tentaram descobrir nos mar-
[mores.

Quasi toda a obra do poeta fluminense está embalsamada deste perfume de crença, como as naves de um templo da emanção dos thuribulos. "O seu amor, a sua crença, a sua religião — dizia delle seu amigo Ferreira de Menezes — era um pantheismo luminoso, atravessado pela idéa de Deus. Sonhava mergulhar de novo na natureza, para surgir... onde? Longe, na plena luz. Não se considerava mais do que uma onda que tinha de ennovelar-se, perder-se e afundar-se no mar da criação; uma nota desprendida do eterno concerto e que se perdêra no espaço, um atomo, luminoso, sim! que um dia iria ajuntar-se ao grande todo."

Não podia deixar de extinguir-se balbuciando uma prece, alma tão soffredora. Varella acabou, por assim dizer, rezando aquella grande oração, que é o "Anchieta ou o Evangelho nas selvas". Este poema que ninguém hoje lê e poucos leram e devidamente apreciaram, tem contra si a monotona extensão de dez longos cantos, ao gosto classico, e o ser feito em versos soltos ou brancos. A attenção do publico, por ocasião de em 1875 apparecer o "Anchieta", sentia-se exhausta ou enojada da leitura de poemas epicos, lyricos e satiricos moldados nesta sorte de versos. Só de 1844 a 1866 haviam-se aqui impresso em versos soltos o "Tres dias de um noivado", de Teixeira e Souza, "A festa de Baldo", de Alvaro T. de Macedo, as "Cartas chilenas", a "Confederação dos Tamoyos", de Magalhães, o "Colombo", de Porto Alegre, a "Nebulosa", de J. M. de Macedo e os "Tymbiras", de Gonçalves Dias, não incluindo nesta relação obras somenos, como a "Engenheida", de Ferrari, o "Gonzaga", de Pereira da Silva, e "Paraguassú", de Titara, esta um pouco anterior. E, entretanto, não desluz dos melho-

res, no meio destes poemas, o "Evangelho nas selvas" e a alguns transcendendo em inspiração, grandeza de scenas, verdadeira poesia e dons de expressão. São magistraes, entre outros, os quadros do apparecimento da estrella guiadora aos reis magos, no alto de sua torre e a jornada por longos caminhos, que se enfloram, até Belém; o da saturnal no palacio de Herodes, e a dança da bailadeira lasciva; os versos do Sermão da Montanha, os das parabolhas do Nazareno e todos os do apparatus lugubre da Crucificação, no Calvario. As profundezas celestiaes que se abrem entre relampagos, o apparecimento de seres angelicos, as transparencias luminosas do ether, os véus fluidos ou perespirituaes que envolvem a espaços a figura do Salvador, alcançam da penna do poeta, como pincel magico, para exprimir os, levezas de tintas surprehenderes. O verso branco nenhum dos nossos romanticos, excepto Gonçalves Dias, soube manejar-o com tanta pericia como Fagundes Varella. Elle é um artista, um mestre na feitura deste verso. Mas os poemas sem rima, ou ainda com ella, estavam proscriptos e forçoso foi ficar o "Anchieta" em nossa literatura como obra quasi virgem de olhos que a lêssem, ou como a figura do velho missionario deste nome, entre alguns crentes e a solidão... E entretanto, este é o melhor de quantos poemas religiosos se têm composto em portuguez; nem talvez o supera a "Messiada", de Klopstock, senão nos primeiros cantos, quando celebra a rebellião dos anjos e a quêda e arrependimento de Abdiel.

Tão desprendido era de vaidades de autor pelos frutos de seu talento, que onde os produzia em seu peregrinar de bohemio, os ia deixando em mãos destes e aquelles, como certas aves que onde cantam ahi deixam ficar algumas de suas pennas. Assim foi que de mãos de uma senhora, que por sua vez de outrem o recebera, recolhi em 1880 o manuscrito original do "Diario de Lazaro", o qual por intermedio de Arthur Barreiros foi publicado na "Revista Brasileira" e mereceu um excellente

estudo critico de Franklin Tavora. De espiritos destes ninguem vá exigir ordem ou methodo de trabalho. Não o têm no que escrevem nem nas coisas da vida; os versos a mão lh'os traça como elles defluem da alma, corredios e naturaes e dir-se-ia que se unem e entecem nas varias fórmulas de composição ao modo como alguns arachnidios lavram os circulos ou polygonos de suas teias. Não tinha Varella entre os seus tormentos este que os da geração posterior á sua inventamos de rescrever dez e vinte vezes a mesma pagina, buscando febricitantes a fórmula ou expressão perfeita.

Lendo-o hoje, entristece-me deparar-lhe maculas que outróra não via, desadorno-lhe alguns passos inçados de logares communs; desaprazem-me as suas rimas vulgares, enfadam-me varios de seus versos frouxos e hiatos, irritam-me não poucos de seus pronomes mal collocados e nem lhe soffro no prefacio das "Vozes da America" aquelle solecismo com o verbo "haver" que tanto afeleou a critica de Camillo C. Branco (Camillo varias vezes reincidente no mesmo deslize grammatical), mas tambem uma satisfação experimento, ó meu grande, ó meu infeliz Fagundes Varella; a de sentir em mim rediviva, embora sem o alvoroço e o entusiasmo de outróra, aquella mesma e suggestiva impressão que me davas, quando, ha tantos annos! eu te lia pela primeira vez, em sitio aprazivel do meu patrio torrão fluminense. — (De uma conferencia do sr. Alberto de Oliveira na Sociedade de Cultura Artistica, S. Paulo).

O PROBLEMA MILITAR

Faz alguns mezes, um official suiso, o coronel K. Egli, do estado-maior da valorosa Republica de Guilherme Tell, escrevia numa revista excellente artigo sobre "Les Armées de Milices". Explicando os regulamentos suissos, mostrava elle como sua patria havia conseguido formar um exercito efficiente e poderoso com simples milicianos. Então fina-

lisava com este conselho proveitoso, que os nossos theoristas da militarisação prussiana nunca quizeram ouvir nos seus planos inadaptaveis ás condições sociaes e financeiras do Brasil: "Não esqueçamos que sómente corresponde a seu fim um exercito que, permittindo á politica exterior da nação attingir ao que ella se propõe, é adaptado á situação interior do paiz, assim como do character do povo, e não exige um esforço financeiro desmedido. Eis porque não existe organização militar applicavel tal qual a muitos paizes. E, mesmo quando se reconheceu a oportunidade ou necessidade de uma mudança de systema, cumpre que a transição, não seja subita, immediata, porque disso resultaria, não um augmento de força, mas um periodo de fraqueza que poderia ter graves consequencias. Uma evolução lenta e methodica é, mais do que alhures, indispensavel no exercito." Verdades que um official nosso, o major Liberato Bittencourt, tambem enunciou syntheticamente numa apreciavel brochura intitulada "Principios Geraes de Organização dos Exercitos". Mas, infelizmente, não prevaleceram em as nossas ultimas reorganisações militares, feitas em desharmonia com as nossas condições geographicas, a indole do povo, os recursos financeiros e até exigencias da propria arte militar.

Os typos de instituições militares que mais se prestam para modelo nosso são os sul-americanos, sobretudo o da Argentina e do Chile. Encontramos ahi identidade do regimen politico, semelhança das populações e os mesmos caracteristicos da situação economica. Attendendo a tudo isto, os nossos vizinhos do continente criaram um systema militar proprio, onde o exercito permanente se converteu num modesto nucleo de instrucção de numerosas reservas, sem demasiados sacrificios monetarios.

Nosso ultimo recenseamento, o de 1900, offerece alguns esclarecimentos sobre o elemento humano aproveitavel para a defesa nacional. A população total era então de

17.318.556 almas. Os individuos adultos do sexo masculino repartiam-se desta fórma, para o fim que temos em vista:

<i>Homens</i>	<i>Edades</i>
772.783.....	de 20 a 24 annos
713.829.....	de 25 a 29 annos
1.047.484.....	de 30 a 39 annos
710.334.....	de 40 a 49 annos

Dispensando os maiores de 45 annos, os homens obrigados a serviço militar podiam distribuir-se assim pelas duas linhas:

— Exercito activo e sua reserva: 1.486.602 de 20 a 29 annos.

— Guarda Nacional (activa e reserva): 1.047.489 de 30 a 39 annos; 335.167 de 40 a 45 annos.

Os isentos e incapazes deviam diminuir de 20 por cento esses algarismos. Mas, tendo a nossa população se elevado a 24.600.000 almas nestes ultimos quinze annos, não se torna necessario fazer agora o abatimento indicado.

Como preparar militarmente essa massa formidavel de homens validos, sem perturbar nossa vida civil? E' simples. Cada classe de rapazes de 20 annos será de 154.500. De 5.000 a 10.000, não mais, serão incorporados por um anno ao exercito permanente. Os restantes, alistados na "reserva do recrutamento", precisam ser rapidamente instruidos em unidades de deposito, convenientemente localisadas por todo o territorio patrio. Uma vez realizado isto, elles iriam passando de escalão em escalão, convocando-se exclusivamente as classes mais novas para exercicios de repetição, por uma ou duas semanas. Admittamos que nosso exercito disponha de 20 regimentos de infantaria a tres batalhões. Os terceiros batalhões seriam convertidos naquellas unidades de deposito, cujas quatro companhias, só com os quadros, occupariam a séde de quatro secções de recrutamento e mobilisação. Se cada uma destas 80 companhias instruisse mil recrutas por anno em turmas successivas, o total exercitado annualmente montaria a

80.000 homens, para a infantaria. Aggregassemos a isto alguns esquadrões na cavallaria e baterias na artilharia a pé, para identica missão, e teriamos quasi toda a classe de 20 annos com um preparo efficiente, que se tornaria mais solido em vespas de qualquer conflicto. De tal arte, sem prejudicarmos as incumbencias da tropa permanente, concentrada em pontos estrategicos e guarnições habituaes, constituiriamos ao lado della uma especie de "élite" suissa, em condições de marchar com o exercito activo, de augmental-o com muitas formações de reserva e de nutril-o com soldados no decorrer da campanha. A infantaria principalmente apresentaria todas as garantias: tres mezes bastam para adestrar um bom infante, conforme se verifica na Suissa, na Dinamarca e em Portugal. Tanto mais que, em nosso caso, os commandantes seriam officiaes de carreira, com um curso profissional, isto é, sem o maior defeito dos milicianos. Emquanto perdurasse a actual situação financeira, taes reservistas não receberiam soldo e se exercitariam nos seus proprios municipios, aos domingos. Este regimen provisorio já concorreria para a educação militar da juventude sem dispendios avultados. — (P. P. — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

OS FUMADORES DE MACONHA NO BRASIL

Em 13 de Maio de 1888 foi promulgada a lei que aboliu a escravidão no Brasil, mas no paiz já estavam inoculados varios prejuizos e males da execravel instituição. Dentre esses males destaca-se o vicio pernicioso de fumar as sumidades floridas da planta aqui denominada *Fumo d'Angolla*, *Maconha* e *Diamba*, e ainda, por corrupção *Liamba* ou *Riamba*. E' principalmente no Norte do Brasil onde sei achar-se o vicio de fumar a Maconha mais espalhado, produzindo estragos individuaes, e dando por vezes lugar a graves consequencias criminosas. Nes-

sa parte do paiz primeiramente se desenvolveu a lavoura da canna de assucar, e foi grande a importação de escravos, que mais tarde, com o augmento grandemente remunerador do plantio do café nas provincias de S. Paulo e do Rio de Janeiro eram vendidos para o sul. Os indios amansados aprenderam a usar da maconha, entregando-se com paixão a esse vicio. Fumam tambem os mestiços, e é nas camadas mais baixas que predomina o seu uso, pouco ou quasi não conhecido na parte mais educada e civilisada da sociedade brasileira. A Africa já havia recebido a planta da Asia, onde nasce espontaneamente ao pé das montanhas além do lago Baikal, e em outros sitios, e com a qual preparam o *hashich*, cujos effeitos perniciosos são taes que delle deriva a palavra *assassino*, vinda do arabe *hachich* ou pó das folhas do canhamo com que elle é preparado. O cultivo da maconha ou do canhamo entre nós não é largamente espalhado por não ser aqui utilizada a liamba na industria das fibras textis, e sómente empregada como *planta da felicidade*, causando as delicias dos que a fumam pelo extasi em que entram. A maconha é ordinariamente fumada pura e misturada ás vezes ao fumo em cigarros ou em cachimbos. Entre nós a planta é tambem usada em enfusão e entra na composição de certas beberagens empregadas pelos *feiticeiros*. Nos *candomblés* — festas religiosas africanas, ou dos pretos crioulos, a maconha é empregada para produzir allucinações e excitar os movimentos nas dansas. Em Pernambuco a herva é fumada nos *catimós*, lugares onde se fazem os feitiços e são frequentados pelos que vão alli procurar a sorte e a felicidade. Em Alagôas, nos sambas e batuques, e tambem entre os que *porfiam na colcheia*, o que entre o povo rustico consiste em dialogo rimado e cantado em que cada réplica quasi sempre em quadras começa pela deixa ou pelas ultimas palavras do contendor. Dizem que maconha os torna mais espertos e de intelligencia mais prompta e fecunda para encon-

trar a ideia e achar a consonancia. E' fumada nos quarteis, nas prisões, onde penetra ás escondidas, em agrupamentos occasionaes ou em quaesquer reuniões de pretos. Muitos fumam isoladamente, com tabaco. Os symptomas apresentados pela embriaguez da maconha são variaveis com a dose fumada, com a proveniencia da planta, que pode conter maior quantidade dos principios activos, com as suggestões e principalmente com o temperamento individual. Um estado de bem estar, de satisfação, de felicidade, de alegria ruidosa são os effeitos nervosos predominantes. E' esse estado agradável de euphoria que leva a maior parte dos habituados a procurar a planta, a cujo uso se entregam com mais ou menos aferro. As ideias se tornam mais claras e passam com rapidez deante do espirito. Os embriagados falam demasiadamente, dão estrepitosas gargalhadas; agitam-se, dansam, pulam, caminham; mostram-se amaveis com expansões fraternaes; vêm objectos fantasticos, ou de accôrdo com as ideias predominantes no individuo, ou com as suggestões do momento. Dizem que a embriaguez da maconha mostra o instinto do individuo. Algumas vezes ella é dada em beberagem para se obter a revelação de segredos. A esse estado segue-se ás vezes somno calmo, visitado por sonhos deliciosos. Ha na embriaguez da maconha o facto interessante, após a dissipação dos phenomenos, lembrar-se o paciente de tudo o que se passou durante a phase do delirio. O dr. Aristides Fontes, clinico em Aracajú, que conversou com pescadores habituados a usar da maconha, ouviu que quando se encontram no mar em canôas ou jangadas fumam em grupos para se sentirem mais alegres, dispostos ao trabalho, e menos penosamente vencerem o frio e as agruras da vida do mar. Ao dr. Xavier do Monte, medico em Propriá, Sergipe, referiu L. S., homem de 45 annos de idade, que fumou a maconha, como experiencia, sentindo-se alegre, achando graça em tudo, dando estridentes gargalhadas a todo

proposito, como um louco e tinha muita fome. Comeu desmesuradamente, e após cessou o delirio, entrando em somno profundo e calmo. Dizem que o açúcar de canna faz cessar os phenomenos da embriaguez. Alguns misturam-no com as folhas no cachimbo. A maconha produz perturbações mentaes, podendo mesmo causar a loucura. — (Rodrigues Doria — *Revista Americana*, Rio de Janeiro).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

NA PENITENCIARIA DE BUENOS AYRES

Derredor viçam jardins, e entre as lanças de ferro circumdantes, rigidamente alinhadas no parapeito de cantaria, avulta em dois andares a habitação do director. Sobranceando-a com os seus torreões, distende-se por trás uma cinta de pedra, que vem estreitar na immensidade o horizonte aos prisioneiros. Transponho a unica porta desse recinto acastellado, sob a vigilancia das sentinelas que passam e repassam, ao longo da muralha de sete metros de altura. Após o corpo da guarda e a secretaria, chego á passagem flanqueada de jardins, por onde se vai até a rotunda menor: dois pavilhões, situados ahi lateralmente, recebem os presos de 18 a 25 annos. Outro corredor, seguindo-se a este, abrange os locutorios e alcança a rotunda octogonal, centro irradiante de seis pavilhões maiores. Uns e outros são galerias construidas em dois planos, sommando nas duas rotundas 704 cellas. Cada porta de cellula, com a sua bandeirola para ventilação, abaixo um orificio que só permite ao recluso mirar o guarda ou estender o braço, fecha um sepulchro de nove e meio palmos. Dois metros acima do chão, ao fundo, rasga-se outra janela maior, gradeada solidamente de ferro, coando alguma luz. E a frialdade, a nudez, o vasio, a penumbra desse logar de expiação, regem-nos a alma. Todo o mobiliario é com-

posto de tarimba, mesa, banco, e uma simples misula em que o preso dispõe os seus objectos de uso; toda a baixella, pouco mais de um talher e um copo, é de madeira e lata. Sobre a mesa de uma das cellas que posso relancear está um livro aberto: *Poesias*, de Manoel Acuna.

Através de immensas galerias, visito as onze aulas da escola, o enorme salão para ensino com projecções luminosas, a bibliotheca, por ultimo a classe de esculpturas e desenhos, onde ha esboços razoaveis, até mesmo o busto do presidente Campos Salles, moldado em gesso. São trabalhos dos condemnados, entre elles o doce perfil de uma freira, que parece acompanhar pelas grades do seu recolhimento claustral um vôo longinquo de ave, ao pôr do sol... O artista enlouqueceu, e o pedaço de tela esmaecida, inacabada, envolta no seu prestigio fatal, recorda-lhe as horas infindaveis de amargura e sonho, dentro do carcere, misturando lagrimas candentes ás tintas diluidas na palheta. Volvemos depois á rotunda octogonal, subindo á capela, onde a musica sacra, em dias festivos, se espraia melodicamente por todos os raios cellulares. Ante a Virgem do Carmo, padroeira e senhora desse tenebroso reino, ajoelham, orando, centenas de malfeitores constrictos.

Só então considero a mudez, o ermo da Penitenciaria, que a esta hora fremente de sol, com a *urbs* em volta a resplandecer e estrepitar, parece deshabitada.

— Onde páram os condemnados?

— Nas officinas.

Com o seu uniforme azul escuro, sentados estes á banca de trabalho, perfilados aquelles junto aos dynamos que resfolgam, cadenciando a energia mecanica, setecentos reclusos mourejam nas officinas. São turmas de operarios incansaveis, lidando oito horas por dia, a temperar o aço, bater a sola, polir o couro, gravar no marmore e no bronze, acepillar tóros de quebracho, coser o pão destinado ás casas de beneficencia, imprimir volumes de congressos ou institutos penitenciarios. Absorto

na sua faina, o homem distancia-se evidentemente da fêra e só inspira benevolencia. Comtudo, alli estão incendiarios, estupradores e homicidas, goliardos que trucidaram os companheiros na vinolencia habitual das tascas, rufios e alarves que foram despotas de bordel, *atorrantes* colhidos nas festas de Palermo, embusteiros e *lunfardos* de peor casta, ladrões arrombadores, ladrões simuladores, ladrões narcotizadores. Entre alguns reclusos imagino surprehender, no ambito das officinas, certo ar de familia, caracterizado pela sua energia e pela sua impassibilidade. São os dominadores, fadados por toda a parte á suggestão e ao comando, mesmo na penumbra insondavel da vida carceraria...

Arregimentados á sombra da Penitenciaria, como num resumo de Estado collectivista, já conquistaram esses delinquentes operarios o dia de oito horas de trabalho, pelo qual vociferam os operarios livres da Europa. Demais, todos elles são nutridos e alojados carinhosamente por uma hygiene infatigavel, minuciosa, que os lava, barbeia e veste cada manhã, pesa aos sentenciados as rações, acautelando-os contra o excesso de azoto, e os defende contra os males da fadiga, mercê do horario e do genero de trabalho calculado para a sua resistencia individual. Os reclusos têm sessões de biographo, escola, conferencias, o gozo de uma livraria, gymnastica sueca em flexões, que os elastece contra o sedentarismo carcereiro, deleitosos momentos em passeios arborizados e floridos, como os de um sanatorio. Nos domingos, ao cahir da tarde, ha musica de Glück e de Chopin, servida magistralmente ao ar livre por grupos sonoros de violinos e violoncellos.

Cada preso semelha na Penitenciaria um exemplar de museu, devendo a sua localização especifica ao promptuario composto de seis photographias, um libreto annotado pelo tribunal de conducta, um boletim medico-psychologico do Instituto de Criminologia, annexo á Penitenciaria. O Instituto explora sem repouso os segredos da mesologia e

da anthropologia criminaes. Anatomiza fórmãs de criminalidade. Revela typos de criminosos. Orienta a prophylaxia e a repressão do crime. Nesse ambiente scientifico é observado um recluso, desde os caracteres da sua mentalidade aos arabescos da sua tatuagem, como em todos os aneis ou antenas o é um insecto pelo entomologista, no campo do microscopio. Esquadrinham-lhe os antecedentes pessoas e hereditarios, esmeçam-lhe as peculiaridades anatomopathologicas, morphologicas, physio-pathologicas e psychicas; enumeram-lhe as causas predisponentes e determinantes do crime, pesquisam-lhe as anomalias moraes, intellectuaes e volitivas. Só depois de reduzido pelos sabios á classificação do notavel Ingegnieros, vai elle aprender ou praticar um officio. Com o salario pagará o damno civil ao offendido, se o causou, a subsistencia da mulher e dos filhos, se os tiver. No dia em que volta á liberdade, recebe do Estado o seu peculio, e um emissario do Patronato offerece-lhe á porta um emprego.

Eu considerava o trabalho das vinte officinas, algumas instaladas magnificamente, em salões que trinta e seis janelas claream e ventilam.

— Quanto produz tudo isso?

O guia respondeu sem hesitar, sorrindo ao meu assombro:

— Cerca de um milhão e quinhentos mil pesos por anno. E' quanto basta para cobrir as despesas da Penitenciaria. Mas a direcção cogita de ampliar o trabalho. Com a renda maior crearemos outros institutos de preservação e reforma.

Era imprevisto. Sob o azul esmaecido, mas limpo de nevoas, entre as muralhas vigiadas pelos rondantes, caminhámos devagar para as estufas de jardinagem. Brotavam ahi delicadas plantas de carcere, dando flor com tristeza, ainda que os passaros cantassem nos arredores. Vestindo o uniforme dos presos, um homem acurvado e attento regava os arbustos frageis, reerguia as corollas no verde aconchego das folhas tremescentes.

— O jardineiro? indaguei.

— Sim, um joven assassino.

E ao appello do meu companheiro, gentilmente, o assassino voltou-se para o nosso lado, sorriu, veio trazer-nos flores. — (Celso Vieira — *O Paiz*, Rio de Janeiro).

O SERVIÇO SANITARIO NOS ESTADOS UNIDOS

Depois da guerra os Estados Unidos precisarão tomar medidas muito mais rigorosas do que actualmente, para se verem livres de epidemias. As doencas contagiosas não seguem sempre as linhas de navegação conhecida, de sorte que fogem facilmente á vigilancia da quarentena. Mysterosamente, ellas transpõem os oceanos que separam os paizes mais distantes. Foi assim que, logo que os Estados Unidos se apoderaram das Ilhas Filippinas, se desenvolveu uma epidemia de cholera e variola na America do Norte, onde um anno depois chegou a peste bubonica, procedente da China. O Departamento Sanitario norte-americano organisou logo uma campanha activissima contra as perigosas epidemias nos proprios paizes de sua proveniencia, estabelecendo um rigoroso serviço de quarentena. Pouco tempo depois o cholera desapareceu, a variola foi reduzida a poucos casos, e os casos de peste tornaram-se rarissimos. Ha actualmente 56 estações de quarentena nas costas dos Estados Unidos, 26 nas possessões norte-americanas e uma no Isthmo de Panamá. Inspectores sanitarios fazem vigilancia nos portos das Indias Occidentaes, da America do Sul, da Europa e da Asia, para impedir que desses portos partam correntes de infecção para os Estados Unidos. A efficacia de um rigoroso serviço sanitario publico foi demonstrada ha alguns annos em S. Francisco, quando se manifestou alli uma alarmante epidemia de peste bubonica, que do bairro chinez ameaçava irradiar para toda a populosa cidade. O dr. Rupert Blue, actualmente general medico, assumiu a direcção da campanha com singular energia e habilitade scientifica. Aceitando logo,

como unica verdadeira, a theoria então pouco conhecida e muito discutida, de que a peste bubonica era inoculada no homem por uma pulga que sugava o sangue de um rato infectado, o dr. Blue iniciou uma guerra de extermínio contra os ratos conseguindo assim, em pouco tempo, acabar com a epidemia, tanto que, ha oito annos, não ha um só caso de peste bubonica em S. Francisco. Uma campanha semelhante pôz fim á epidemia da febre amarella que em 1905 fez numerosas victimas em Nova Orleans. Verificando-se que o contagio provinha de um anopheles (*Aedes calopus*), todos os esforços do serviço de hygiene tenderam para a destruição do pernicioso insecto, o que se obteve em tempo relativamente curto pondo fim aos terrenos paludosos onde elles se reproduziam.

Em Washington, ha o Laboratorio Central de Hygiene, que dispõe dos mais modernos meios para as investigações scientificas com um estado maior de 37 officiaes sanitarios e assistentes technicos, sob a direcção de oito professores. Esse estabelecimento, de onde saem os inspectores sanitarios do governo, tem cursos especiaes de aperfeiçoamento para os medicos municipaes. Ahi se realisam estudos importantissimos sobre a lepra, a pellagra, o typho, a anchilostomiasse, a escarlatina, a hydrophobia e a paralise infantil, estudos que lançaram nova luz sobre a causa, a prophylaxia e a cura dessas terribes molestias.

Dependem directamente do Laboratorio Central outras quinze repartições semelhantes de hygiene, todas tendo por escopo a defesa da saúde publica. Os estabelecimentos industriaes que exhibem á venda soros, toxinas, virus e analogos productos therapeuticos, estão sujeitos á vigilancia e á fiscalisação directa do Laboratorio de Hygiene a que devem pedir a analyse de toda a substancia que queiram vender como medicamento. São punidas com a maxima severidade as infracções dos regulamentos.

O general medico Blue, num re-

cente discurso sobre a hygiene nos campos, teve occasião de dizer: "Se queremos attingir a um gráu sufficiente de preparação militar, precisamos, antes de tudo, elevar e manter mais alto possivel, o nivel da saúde physica da nossa população rural, que constitue por assim dizer o systema esqueletico e muscular da raça". Tomando a peito essa suggestão, o Departamento da Hygiene dos Estados Unidos iniciou uma série de "cruzadas sanitarias" na população rural, visitando os casebres, distribuindo opusculos em que se expõem de forma facilmente comprehensíveis as normas fundamentais da hygiene domestica, impondo, sob ameaças de multas, o melhoramento das cloacas, isolando estas da agua potavel, e tornando obrigatorio, nas zonas em que havia malaria, o uso de rédes de ferro contra as anopheles. Os resultados praticos não tardavam a manifestar-se: assim, numa só região os casos de typho desceram num anno, de 249 a 40, e analoga diminuição se notou em todas as doenças que se originam da falta de limpeza e da negligencia da hygiene.

Crê-se geralmente que as crianças nascidas nos campos sejam mais robustas do que as das cidades, mas é justamente o contrario que resulta das estatisticas organisadas pelo prof. Spragne. Com effeito, os filhos dos camponeses soffrem muito mais frequentemente de nutrição insufficiente, doenças do coração, do apparelho respiratorio, dos olhos, dos ouvidos e de engurgitamento glandular. A causa disso está em geral nas pessimas condições hygienicas dos edificios escolares ruraes, para melhorar as quaes, o prof. Clark, um especialista de hygiene escolar, dedica ha alguns annos a sua incansavel energia com resultados muito lisongeiros. O ultimo recenseamento effectuado nos Estados Unidos, e que comprehende o decennio de 1900 a 1910, revelou um facto bastante extraordinario: a população indigena do Alaska percia de maneira inexplicavel, tanto que os 29.536 individuos que contava

em 1900, se haviam reduzido a 25.331 em 1910, com uma diminuição de 4.205, ou sejam 14.5 por cento. O governo recorreu ao Departamento de Hygiene para que fizesse cessar os progressos dessa mortalidade que ameaçava de completa destruição os poucos sobreviventes da raça autochthone. Foi organizada uma expedição sob a direcção do dr. Krulish, verificando-se que 15 % dos habitantes eram affectados de tuberculose. Frequentes epidemias de influenza, diphterite e tosse convulsa faziam numerosas victimas na população infantil, e as doenças dos olhos produziam numerosos casos de cegueira. Apesar desse quadro luguubre, a missão sanitaria poz-se a trabalhar com tenacidade e fé, e os resultados não tardaram a manifestar-se. Pude-se constatar que o organismo dos indigenas, assim como facilmente cede aos assaltos do mal, tambem reage de modo surpreendente sob a acção dos cuidados e dos medicamentos, e muitos casos de tuberculose avançadissima deram curas verdadeiramente miraculosas, graças á hypernutrição e aos energicos meios curativos. Tanto quanto lhes foi possivel, o dr. Krulish e os seus companheiros, trataram de melhorar as condições sanitarias das casas e inculcar nos habitantes as mais elementares normas da hygiene, reunindo assim a prophylaxia á cura. E foi assim que a população do Alaska, que diminuia á razão de 14 %, depois de pouco mais de um anno de energica campanha sanitaria, começou a mostrar o seffeitos das providencias da missão sanitaria, decendo aquella porcentagem a 5.3 %, a qual ainda o dr. Krulish esperava reduzir a nada, iniciando a curva ascendente do augmento, commum a todas as populações normaes.

A attribuição mais importante do Departamento de Hygiene consiste em exercer uma severa vigilancia sobre a immigração, para impedir que entrem nos Estados Unidos pessoas que soffrem de doenças contagiosas ou repugnantes ou de doenças mentaes. Com esse fim, foram es-

tabelecidas ao longo das costas e nas fronteiras, 53 postos de observação, com um hospital annexo, laboratorios e pavilhões de isolamento. Em 1914 foram recusados 1274 immigrants porque estavam affectados de loucura ou apenas porque eram mentalmente anormaes. Essa classe de "medesirables" merece attenção especial, porque, uma vez, introduzidos na comunidade, elles podem reproduzir-se indefinidamente, o que não é agradável ao governo norte-americano, que já despende quinhentos milhões de francos por anno para manter manicomios e asylos de anormaes. Uma das doenças que mais frequentemente são introduzidas nos Estados Unidos por meio dos immigrants, a pesar de todas as precauções do Departamento de Hygiene, é o trachoma, terrivel doença dos olhos existente em varios paizes da Europa meridional e do littoral africano e asiatico do Mediterraneo, doença que em dez por cento dos casos deixa a vista permanentemente enfraquecida, e, não sendo tratada, produz a cegueira. Para dirigir a campanha prophylatica e curativa contra o trachoma foi escolhido o dr. John Mac Mullin, sendo construidos cinco hospitales especiaes, nos quaes já o anno passado foram curados doze mil doentes de trachoma.

Em alguns Estados da Confederação ficou obrigatorio nas escolas o ensino dos melhores meios para evitar e curar o trachoma, e o Departamento de Hygiene distribue gratuitamente, centenas de milhares de exemplares de opusculos illustrados que previnem a população contra os perigos do mal, e explica os seus caracteristicos principaes para que possa ser reconhecido e evitado.

Até ha alguns annos acreditava-se que tambem a pellagra fosse importada com os immigrants, mas as pesquisas feitas pelo Departamento de Hygiene mostraram que a pellagra é devida unicamente á insufficiencia de substancias proteicas — no passadio do doente. O dr. Goldberger produziu artificialmente a pellagra em alguns detentos que

se tinham sujeitado á experiencia mediante a promessa de obter a liberdade, e de cujo regimen se excluíram as substancias azotadas e as gorduras. Avalia-se a importancia da lucta contra a pellagra nos Estados Unidos pelo seguinte: em 1914, só no solo do Mississippi, com uma população de 1.900.000 habitantes, houve 12.000 casos do terrível mal, dos quaes 1.200 seguidos de morte. O "Journal of the American Medical Association" affirma que a pellagra está em continuo augmento nos Estados Unidos, fazendo todos os annos mais de 7.500 victimas. Dada a gravidade da situação, não é de espantar que o Departamento de Hygiene esteja estudando todos os meios scientificos e praticos para combater a molestia insidiosa. Com igual energia, coroada porém, de maior successo, tem sido conduzida a campanha contra a malária, que todos os annos ataca cerca de um milhão de pessoas, occasionando prejuizos de cerca de meio bilhão em perdas de trabalho, despesas de tratamento, etc. Sabendo-se que a infecção malarica é devida exclusivamente á punção do anopheles, todos os esforços do Departamento de Hygiene convergiram para o saneamento das zonas pantanosas e defesa dos habitantes atacados pelos perniciosos insectos. Nisso o Departamento de Hygiene tem sido muito auxiliado por varios Estados, um dos quaes, o Tennessee, despende a bella somma de um milhão e duzentos mil francos por anno, na campanha contra a malária.

A lucta contra as doenças que o Departamento de Hygiene conduz sem treguas, deixa claros dolorosos nas fileiras dos soldados da sciencia. Assim, no anno passado oito inspectores sanitarios, no cumprimento do seu dever contrahiram a tuberculose, a qual em dois delles já foi mortal; seis morreram victimas de epidemias; dez foram atacados, mas curaram-se; e dois pereceram de morte violenta. Até ha poucos annos a febre amarella fazia numerosas victimas entre os inspectores sanitarios, e num cemiterio de um Estado do

Sul ha um monumento em honra de um inspector sanitario que ficou sósinho no seu posto durante uma terrível epidemia de febre amarella. Mas o generoso sacrificio que esses humildes heroes, têm feito da sua vida á causa da humanidade e da sciencia — não se perdeu. O Departamento de Hygiene dos Estados Unidos, está em continuo incremento, e ainda ha pouco o Congresso decidiu augmentar o pessoal sanitario de outros duzentos inspectores sanitarios. — (Prof. Ezra Krinball Spragne — *The Outlook*, Nova York).

ANTHERO DE QUENTAL NOS ESTADOS UNIDOS

Em fins de 1867 arribou a Portimão um patacho americano, procedente da Sicilia e trazendo fogo a bordo. Tempos depois vendeu-se o patacho em hasta publica, sendo arrematado por Joaquim Negrão pela quantia irrisoria de cem réis, por não ter havido nenhum outro licitante. O patacho nacionalisara-se passando a chamar-se *Carolina*. Negrão fez exame de piloto, e como não encontrou no porto comprador para o barco, tratou de procurar carga para elle. Fez assim algumas viagens pequenas, e em meados de 1869 recebia no Porto, carga de sal, cebolla, etc., para Halifax, na costa oriental do Canadá. Ora, desde maio ou junho desse anno João de Deus achava-se em Lisboa num estado que hoje se diria de neurasthenia. Negrão convidou-o a mudar de ares, fazendo com elle a viagem aos Estados Unidos, que o poeta sempre desejou visitar. João de Deus acceitou. E approximando-se a data da partida, seguiu de Lisboa para o Porto em companhia de Anthero de Quental. Findo o carregamento, Negrão foi ao governo civil declarar que levava um passageiro a bordo. Não deu, porém o nome. No dia seguinte, de manhã, João de Deus, Anthero do Quental e Joaquim Negrão, com a bagagem do primeiro, iam embarcar. O mar estava calmo. Mas João de

Deus, fitando-o attentamente, perguntou:

— Mas olha lá, o escalér tem de transpôr aquellas ondas?

— De certo, respondeu Negrão, algo surprehendido.

— Pois então, meu amigo, não vou!

O capitão ainda teimou com elle, mas inutilmente. E ia voltar ao Porto a dizer que o passageiro não seguia a bordo, quando Anthero lhe perguntou se elle, no governo civil, dera o nome de João de Deus. E como tivesse resposta negativa, Anthero disse:

— Nesse caso, se você não tem duvida, vou eu em lugar do João.

E pouco depois Anthero voltava com a sua bagagem... e embarcava.

Do Porto a Halifax, gastaram vinte e oito dias, sem um só instante terem vento favoravel. De proposito Anthero nada levava para trabalhar, nem queria escrever coisa alguma. Joaquim Negrão é que possuia alguns livros, comprados em Hamburgo, e destinados ao estudo da lingua alleman: grammatica, selectas, dictionarios. Anthero levou-os para a sua camara e durante toda a viagem estudou-os, tomando notas de quando em quando. Dizia que esse estudo não era fatigante, porque não o obrigava a pensar. Da sua estada na Nova Escossia reteve Anthero de Quental uma recordação que Eça de Queiroz assim descreve no *In Memoriam*: "Percorre a costa da America até a Nova Escossia; e ahi, um domingo, tem uma visão que nunca esquece, a d'uma cidade puritana (Halifax ou Lunenberg) silenciosa, como adormecida no Senhor, toda de tijolo côr de rosa sob um céu côr de perola, com fundas avenidas, mais pensativas que as dos Elyseos, onde os namorados passeiam, numa mudez de sombras, de dedos enlaçados, de palpebras baixas, respirando sem outro desejo a flôr da sua emoção. Quantas vezes Anthero me contava dessa piedosa e suave cidade, e do longo apetite que ella repentinamente lhe dera de quietação eterna!"

Em Halifax o navio carregou gesso para Nova York e alli chegou com uma viagem de sete a nove dias. Anthero sentia-se algum tanto melhor; ficava, porém, quasi sempre a bordo. Passeava por vezes no Central Park, onde havia uma exposição industrial. Uma tarde, na exposição, Joaquim Negrão pensou em adquirir uma machina de fazer café, que o fazia delicioso. Mas a machina era muito cara. Negrão e Anthero provaram a excellente bebida, fornecida gratuitamente ao publico numas chicanas pequeninas. Voltaram no dia seguinte e repetiram a prova. Ao terceiro dia, porém, Anthero imaginou que o homem olhava para elle attentamente. E' porque já devia conhecê-lo. E não tomou mais café. Foi impossivel a Negrão convencer-o de que a supposição era falsa, porque o homem não podia conhecer as innumeradas pessoas que iam alli diariamente. Começaram a rarear então os passeios de Anthero, e Negrão suspeitou que se lhe teria acabado o dinheiro trazido do Porto. Pôz a sua bolsa á disposição do poeta. Mas Anthero negou-se a acceital-a, não sabendo se poderia pagar, suspeitando até que morreria em breve. Só acceitava a hospedagem a bordo, dinheiro por forma alguma. Elle desejara fixar-se na America, trabalhando fosse no que fosse. Pois um dia offereceu-se-lhe a occasião. Um banqueiro riquissimo que tinha importantes negocios no Brasil, querendo dar a dois filhos o completo conhecimento da lingua portugueza, quiz Anthero para professor. O poeta acceitou a principio, mas dias depois, como se sentisse mais doente, declarou que desistia. E pouco depois, já por falta de dinheiro, já por falta de forças, deixou de visitar Nova-York, onde pouco viu. Resignado, ficava a bordo, todo entregue ao allemão. Gastaram cincoenta e dois dias na viagem de volta, viagem que chegou a pôr em perigo a sorte do patacho e dos viajantes, por causa de um tremendo cyclone. Passado o perigo do cyclone, Anthero continuava enjoado na sua camara, a estudar allemão.

A não ser quando tomava banho, só se levantou em Portugal. Chegara a tal magreza, por nunca reter os alimentos, que Negrão temeu um deslance fatal. E a 19 de Novembro de 1869 entrava o *Carolina* barra do Douro, e Anthero seguia para Lisboa. — (Antonio Arroio — *A Águia*, Porto).

A ESCOLA RURAL NOS ESTADOS UNIDOS

O movimento de retorno aos campos, nos Estados Unidos, data já de algum tempo. A mão de obra agrícola é já abundante. Quasi insensivelmente as proprias industrias se vão fazendo campezinas. As grandes fiações de algodão se avizinham dos campos de algodão, as grandes fabricas de papel das florestas, as fabricas de fumo dos logares de produção. Cada vez se manifesta mais a tendencia a deixar os centros urbanos, onde tudo custa caro e a vida é fatigante e malsan, e procurar as villas e aldeias, onde os trabalhadores e suas familias encontram ao menos um pouco de espaço para respirar.

Nessa metamorphose, a escola rural tem tido e tem uma parte importante, pois, já ha alguns annos ella procura crear nos pequenos centros novos habitos e tornar a vida nos campos quasi tão variada e interessante como nas cidades.

Em primeiro lugar, os directores das escolas ruraes nos Estados Unidos aprenderam uma coisa que os commerciantes já ha muito tempo sabiam: que, para haver interesse por um instituto qualquer, é necessario fazer saber que esse instituto existe. Assim, em diversos Estados da União Americana, já foi adoptado o systema de ampla publicidade das escolas ruraes. No Kansas, por exemplo, as escolas se valem de todos os meios de "réclame". Alguns jornaes locais têm consagrado a ellas numeros especiaes. Outros publicam todas as semanas uma columna de noticias dellas, parecendo que o redactor dessa secção será mesmo um dos professores das escolas.

Outro meio de publicidade, de que se faz uso no Ohio e no Kansas, são os "clubs" femininos, alguns dos quaes consentiram em dedicar uma de suas sessões á discussão do thema: "Que se pode fazer para melhorar as condições das nossas escolas ruraes?"

Depois, os representantes dos "clubs" se reúnem, de quando em quando, para discutirem com os directores das escolas e com o representante do governo, as varias propostas. Em algumas escolas do Kansas se publica mesmo um balanço mensal da receita e da despesa, o que produz favoravel effeito no publico, ao qual é sempre agradável saber como é administrado o seu dinheiro.

Mas não basta tornar notorio que a escola existe. E' preciso mais: é preciso que ella seja conhecida, que se habituem a frequental-a, que se lhe associem boas idéas e iniciativas. E a escola rural procura fazer com que todos os habitantes dos arredores a considerem como o centro de todo divertimento. No extremo occidente norte-americano, não ha uma exposição, um baile, uma festa, uma assembléa, que não tenha logar no local da escola. Isso dá um bom resultado. Constitue antes de tudo, uma optima "réclame", porque faz falar muito da escola; familiarisa a população com o interior da escola e a habitúa a ir sempre ahi; e dá a essas reuniões um caracter mais elevado que geralmente têm. O proprio autor do artigo que resumimos, confessa que, visitando uma escola rural superior, ficou muito surprehendido ao encontrar na sala de jogos professores, empregados da via ferrea e operarios, que fumavam e jogavam as cartas juntos; mas, depois de um momento de reflexão teve de reconhecer que isso permittia que se não abrissem alguns restaurants e casas e bebidas da vizinhança. No Dakota do norte surgiu até um theatro rural, theatro no qual todos os homens, mulheres ou creanças dos arredores, tomam parte como actores, operadores de scena, administrador, etc. Esse exemplo já foi imitado por Estados vizinhos no Dakota do sul,

Montana, Iowa. E é assim que vão continuamente aumentando os pedidos de bons dramas e comédias. Em Hadley, no Massachusetts, se instituiu uma feira annual, a que concorrem os productos de todas as escolas vizinhas. E ha premios para o melhor trigo, para a melhor costura, etc. E' facil calcular o interesse que esse certamen annual desperta durante todo o anno. Não é esquecida a obra dos mestres, pois, ha premios para aquelles cujos alumnos fazem melhor figura. A feira não dá "deficit", porque os productos melhores são promptamente vendidos.

Outra iniciativa importante tomada pela escola rural norte-americana é a "resenha dos recursos financeiros locais". No Ohio, no Wisconsin, no Iowa, muitas escolas se dedicaram á obra com enthusiasmo, redigindo estatisticas, publicando resultados e muitas vezes instituindo exposições permanentes nos seus edificios. E' incrível o numero de descobertas realisadas em certos logares pelas creanças. O primeiro exemplo deste ensino pratico foi dado na Inglaterra pela "Berley House School", onde não sómente se realisavam exposições permanentes de carvão, ferro, estanho e outros productos mineraes do paiz, mas certos mineraes eram effectivamente enterrados no campo da escola, nas condições o mais possivel semelhantes áquellas em que geralmente se encontram na natureza. E os estudantes deviam procurar os meios, fazer as sondagens, organizar as obras de escavações, estabelecer projectos de minusculas estradas de ferro e officinas bem installadas, estudar as vias de comunicação maritima e os mercados, aprendendo assim a conhecer a geologia, a geographia industrial e commercial, os problemas do trabalho e dos transportes, a organização bancaria, como nenhum livro lhes poderia ensinar. Nos Estados Unidos o programma não foi desenvolvido até esse ponto. Mas as exposições permanentes e as feiras escolares constituem os primeiros passos nesse caminho.

Por ocasião das exposições, ha ensino pratico mesmo a adultos. Na

escola superior de Sterling, no Colorado, por exemplo, houve recentemente um curso de tres dias sobre trabalhos em cimento, dando oportunidade a que 35 agricultores aprendessem a fazer pavimentos, escadas e reparos.

Em alguns logares se instituiram camaras de commercio escolares. E muitos homens de negocios ficaram surprehendidos ao ver a desinvoltura, a precisão, a facilidade com que meninos e meninas discutiam sobre os possiveis melhoramentos a introduzir nas industrias locais, sobre as condições do mercado e sobre os problemas de transportes e do commercio. Se todos os circulos commerciaes de cidades possuissem semelhante preparação scientifica e intelligente comprehensão das questões de que devem tratar, a productividade dos Estados Unidos teria em breve duplicado. Uma das accusações que se fazem á mocidade norte-americana é a da incapacidade para a economia. Pois bem: na Garrett Conutry do Maryland surgiu uma associação, sob o nome de "Liga Escolar da Economia", cuja influencia se vai propagando rapidamente pela região. Os alumnos que entram a fazer parte da Liga se compromettem a procurar por todos os meios que as despesas feitas pela escola dem o melhor resultado, e que, em geral, não se desperdice o dinheiro da comunidade. Nas escolas ruraes do Ohio estuda-se a anatomia dos animaes que são abatidos, de uma maneira inteiramente nova — isto é, por meio de um mappa, que mostra o valor nutritivo do animal e o preço relativo, e faz vêr os pedaços cortados justamente como os divide o açougueiro. O alumno ou a alumna, depois de ter examinado com attenção o quadro, deve reproduzil-o de memoria. E em cinco ou seis lições geralmente o consegue. Assim, já dona de casa, a alumna não será enganada pelo vendedor, que procurará vender-lhe um pedaço por outro. E isso não é uma economia bem entendida?

Em Canton, no Illinois, por iniciativa dos professores ruraes formaram-se 208 hortas escolares, que só

numa estação do anno produziram legumes e verduras no valor de mais de cinco mil francos. E isso com manifesta vantagem: a) de muitas familias pobres, sobre cuja mesa, a não ser assim, não haveria esses alimentos; b) dos alumnos que empregaram agradavelmente, nos trabalhos de cultivacão muitas horas, que de outro modo correriam no ocio ou peor; c) e da educacão em geral, pois tudo que aviva o interesse da criança pela terra — e pela natureza, que crêa novos vinculos entre a escola e a casa, que educa a mente e o olhar no discernimento da limpeza, da ordem, da belleza, que ensina a perseverança e a economia, — é altamente educativo.

Mas a obra mais importante realisada pelas escolas ruraes e urbanas, sob o ponto de vista economico, é a das caixas economicas. O systema, inaugurado em 1873 por um professor belga, o sr. Laurent di Gent, foi importado em Long Island City por outro belga, e propagado rapidamente por todos os professores norte-americanos — tanto que, do Maine á California, não ha hoje escola que o não adopte. O professor recebe o deposito do alumno, e o conserva até attingir a somma de tres dollars. Depois colloca-o em nome do alumno em um banco que dê pelo menos os juros de 3 %^o. Nessas caixas economicas escolares ha hoje, nos Estados Unidos, mais de 6.500.000 francos, depositados por 217.000 meninos.

Tudo isso não é senão uma pequena parte dos exemplos que se poderiam citar, para mostrar o que é a actividade das escolas ruraes norte-americanas. Na Carolina do Norte, e no Montana, por exemplo, os professores encarregam os alumnos de recolherem as lendas da região interrogando os velhos e realisando assim um trabalho de real importancia literaria. Em Lewinstown, Montana, os alumnos construíram quatro edificios da escola tão bem como o fariam bons operarios. Os admiradores dos antigos systemas talvez viam de tudo isto, achando melhor que os rapazes aprendessem a arithmetica e a orthographia. Os classicistas obser-

varão que a influencia inspiradora do grego e do latim se vão perdendo. Mas isso não impede que a nova geração norte-americana de provincia cresça com maior consciencia e melhor conhecimento das suas responsabilidades e das suas capacidades, com maior sentimento de fraternidade social do que a geração precedente. — (Carl Holliday — *American Review of Reviews*, Nova York).

VARIEDADES

JOGOS FLORAES LUSO-BRASILEIROS

Ha dois annos, em Maio, numa brilhante conferencia sobre letras brasileiras, proferida no Atheneu Commercial do Porto, o sr. Cervaens y Rodriguez lembrou “a primazia da celebração em Portugal, e nesta cidade, de jogos floraes lusobrasileiros, onde a prosa, a poesia, as bellas artes, o commercio, a industria e a agricultura tivessem secções especiaes”. O Atheneu applaudiu calorosamente o alvitre, tomou a peito a effectivação da idéa, e cremos que era seu desejo que as festas se realisassem em 15 de Novembro desse mesmo anno, data certamente gloriosa e muito bem escolhida. Nesse dia historico, que esplendidamente assignala o resurgimento do Brasil, haveria no Porto os primeiros jogos floraes que se faziam em terra portugueza, celebrando a vitalidade literaria e artistica, industrial e commercial desse paiz longinquo, prodigioso de bellezas e de opulencias, incomparavelmente generoso e progressivo. As duas Republicas em communhão de idéas, encontrar-se-iam abraçadas nesse dia pelos representantes de seu avanço intellectual e de seu desenvolvimento economico. O Atheneu chegou a esboçar o plano, a pensar no programma dos jogos, mas a grande guerra impediu-o de ir avante. Em Portugal não ha o habito dos jogos floraes — e é grande pena. Na Hespanha taes festas estão enraizadas nas tradições, fazem-se em

toda a parte. Ha tempo para tudo: para graças de espirito e para ver as estocadas dos *diestros*. Nós assistimos ha annos, em Salamanca, aos jogos floraes luso-hespanhóes, os únicos peninsulares que se fizeram em Hespanha. A's quatro horas deu entrada a "Rainha", que era a senhora infanta D. Isabel de Bourbon. Os clarins dos arautos resoaram; o formigueiro humano que enchia o pátio enorme, ondulou. Todos os convidados se ergueram. De entre as columnas, no pavimento alto, por traz do taburno onde tomaria lugar a côrte floral, pendiam vetustas, admiraveis tapeçarias heraldicas. A "Rainha" vestia de azul, com um bello ramo de flores ao peito — das lindas flores que tinham ido de Portugal. As *señoritas* que a acompanhavam — a côrte de amor — sentadas nos degraus do throno, eram na realidade um verdadeiro encanto. Queria que as vissem! Muitas vestiam de *charras*, e os trajos de bordados lindissimos, alguns a missanga, os peitos relumbrantes de filigranas de ouro, os penteados que levam longas horas a teceber artisticamente, e que as mantilhas de seda branca enquadram em levesas de espuma, tudo fazia daquellas raparigas gentilissimas as mais deliciosas inspiradoras de poetas salamantinos, desde o malogrado Gabriel y Galau até o premiado nesses jogos, o sr. D. Luis Romand. O "mantenedor" era o sr. Lopes Munhoz, hoje ministro da Hespanha em Lisboa, que pronunciou uma oração notavel. De Portugal falou Eugenio de Castro e a sua saudação foi um primor. De quando em quando ouviam-se os clarins dos arautos — signal de nova recitação ou discurso. Salvador Rueda, mais uma vez premiado em jogos floraes da sua patria, não pôde recitar a sua ode a Salamanca. Disse-a com entusiasmo um actor distincto, que alcançou uma ovação delirante. Antonio Sardinha, um dos nossos premiados, leu os seus versos — e os dois poetas abraçaram-se enternecidamente. Sardinha cobriu com a sua capa de estudante de Coimbra a Salvador Rueda, e os applausos encheram o claustro e o céu

por largo espaço, num fremito comovido — para de novo, heroicamente, cantarem os clarins...

Os jogos floraes luso-brasileiros que o Atheneu destina a approximar mais ainda os dois povos fraternaes — vindo aqui certamente algumas das figuras mais representativas nas letras, nas bellas artes, na industria, e no commercio da grande republica transatlantica — tem visivelmente um caracter mais amplo, mais actual do que os festejos congeneres de Hespanha. O Atheneu ha-de com certeza organizar um programma que converta esses jogos num padrão inolvidavel de belleza, de confraternisação e de progresso. — (Julio Brandão — *Atlantida*, Lisboa).

A QUESTÃO DO LATIM

O conhecimento da lingua latina não tem o valor educativo especial e creador que é costume attribuir-lhe. Já o sr. Raoul Frary, no seu bello livro "La Question du Latin" o demonstrou ha mais de quarenta annos. Numa pagina famosa, Jules Lemaitre resumiu, com uma "verve" admiravel, todo o processo do Latim. E Charles Darwin diz, numa carta: "Ninguem pode desprezar mais sinceramente do que eu a velha educação classica, esteriotypada e tola". E Berthelot: "Eu penso que o ensino classico nas nossas sociedades está destinado a ser cada vez mais reservado a minorias. Não vae nisto uma questão de hostilidade pessoal, porque eu fui até um dos discipulos brilhantes do ensino classico, e na minha idade não ha vaidade nenhuma em lembral-o. A educação moderna deveria repousar sobre o estudo do francez, das linguas modernas e das sciencias". Esse deveria ser o programma de todos quantos se libertaram da superstição do latim.

Quanto ao argumento de se dizer que não ha grande escriptor que não tenha sabido ou não saiba o latim, não ha muito fundamento para isso, Não sabiam latim, por exemplo, ou sabiam-n'o muito pouco: Shakespea-

re, Cervantes, Joinville, Froissart, Comines, Blaise de Monluc, La Rochefoucauld, Vauvenargues, Napoleão, Mme. de Gerardin, George Sand, Coppée, Loti, Brioux, etc. — (E. Callamand — *Mercure de France*, Paris).

A HYGIENE DO TRABALHO INTELLECTUAL

Não abusar de nada, evitar todo excesso — eis, resumidos em poucas palavras, todos os conselhos relativos á hygiene e ao regimen dos trabalhadores intellectuaes. “A temperança e o trabalho proclamava Jean Jacques Rousseau, são os dois verdadeiros medicos do homem; o trabalho lhe aguça o apetite, e a temperança impede-o de abusar d'elle”. Ha muito se sabe que todo homem que exerça uma profissão sedentaria não tem necessidade da nutrição abundante e substanciosa necessaria a quem trabalha e se cança ao ar livre. O movimento physico e o ar livre ajudam a digerir uma alimentação pesada, que, de outra forma, se transformaria em rheumatismo, gotta, arterio-sclerose e semelhantes delicias. Sobretudo quando se começa a envelhecer, é preciso limitar a sua alimentação e tornar-se cada vez mais sobrio. Para conservar boa saúde, “continuar joven, isto é, conservar o equilibrio das forças”, Gœthe não encontrou nada melhor do que “supprimir progressivamente uma parte do seu regimen quotidiano”. Alguns têm o habito de fazer a sesta depois do almoço, e sentem-se bem assim. Outros a faziam depois do jantar, como Thiers e Henry Mounier.

Muitos medicos acham que a sesta é util, e que a propria natureza parece aconselhal-a, porque todos os animaes repousam depois de comer.

Do alcool não é preciso falar muito, pois os prejuizos que elle causa são muito conhecidos. Todos sabem a historia de escriptores que, tendo tomado o habito de excitar a sua imaginação por meio de bebidas fortes, se aferraram pouco a pouco a

esse habito, e afinal acabaram por ficar deploravelmente viciados, augmentando sempre a dóse até a catastrophe final. Seria longa a lista desses escriptores, devotos da garrafa: desde Eschylo, que no dizer de Plutarcho, “compunha as suas tragedias depois que se aquecia bem com o vinho”, e Aristophanes, que “não trabalhava senão no delirio do vinho”, até Hoffmann, Edgar Poe, Alfred de Musset, Charles Dickens, Paul Verlaine.

O café tem muitos adoradores, á frente dos quaes Delille se collocou e se collocou Voltaire. Embora contrario a certos temperamentos, ás pessoas de idade, em geral e aos cardiacos, o café é estimado por grande numero de escriptores e trabalhadores intellectuaes.

Michelet teceu o panegyrico delle no seu volume sobre a Regencia, attribuindo-lhe o merito de haver nutrido a idade adulta do seculo, a idade forte da Encyclopedia; de ter dado mais calor ás almas entusiasticas, mais luz á vista penetrante dos prophetas do “Antro de Procopio”, os quaes no fundo da negra bebida viram o futuro raio de 89. Nos seus conselhos aos literatos, Eugéne Mouton louva tambem com entusiasmo as virtudes do café, mas observa que o seu abuso é perigoso como o de qualquer outra coisa, e que muitas vezes provêm dahi desordens nervosas, intellectuaes e digestivas, semelhantes ás do alcoolismo. Com effeito, Balzac, que todas as noites bebia innumeradas chiecaras de café fortissimo, morreu aos cincoenta annos, talvez mais por causa do abuso do café. Henri Mürger, morto tambem prematuramente, era outro apaixonado bebedor de café; Flaubert, sob pretexto de chamar a inspiração, ingeria chavenas inteiras de café sem assucar, o que, como bem se pode suppôr, não lhe podia acalmar os nervos excitabilissimos. Para trabalhar bem não se deve procurar a excitação, porque toda a excitação esgota; é preciso antes procurar o equilibrio, por meio do qual sómente se attinge o maximo das forças intellectuaes.

O tabaco, sob a forma de pó aspirado pelo nariz é de uso menos frequente. E' de lembrar que o papa Urbano VIII e o sultão Amurat IV procuraram combater esse uso pouco limpo, o primeiro excommungando os fieis que tomavam rapé durante as ceremonias sacras, e o outro por um meio bem mais radical: fazendo cortar o nariz a quem usasse rapé. Gœthe não admittia que "um homem de genio pudesse fumar". E além delle contam-se entre os não fumantes famosos: Victor Hugo, Michelet, Sainte-Beuve, Alexandre Dumas pae, Heine, Barbey d'Aureville, Jules Clarétie, Francisque Sarcey e outros. Entre os fumantes, muito mais numerosos, citam-se Milton, Haller, Crébillon, Walter Scott, Byron, Eugene Sue, George Sand, Alfred de Musset, Merimee, Theophile Gautier, Baudelaire, Gustave Flaubert, Caro, Feuillet, Sardou, Alexandre Dumas filho, os dois Goncourt, Taine, Coppée, Zola, Daudet, Lemaitre.

Para a bôa hygiene intellectual, antes de se pôr a gente ao trabalho, pela manhan, é sempre util fazer abundantes abluções. Nada melhor do que na agua fria, para aclarar as idéias e dar bem estar geral, frescura, vigor physico e intellectual, tão necessarios a quem trabalha pelo cerebro. Meia hora de leitura depois, de uma das obras primas preferidas, leitura desinteressada, extranha ao trabalho que se deve fazer, é um excellente preparo para o espirito, e abre, por assim dizer, as fontes da inspiração.

A leitura de uma obra prima produz o mesmo effeito que a contemplação de uma estatua ou de um quadro celebre. "Eu me tornaria melhor, dizia Gœthe, se tivesse deante dos olhos a cabeça de Jupiter Olympico que os antigos tanto admiraram". Muitos leem em voz alta, achando nesse exercicio um excellente estimulante. O poeta e philosopho inglez Pope "não compunha nunca alguns versos, sem declamál-os longo tempo em voz alta e agitar-se de um lado e outro do aposento para dar vivacidade ao seu espirito". E' o que nos conta Xavier de Maistre. O

grande prégador Bourdaloue tocava uma aria de violino antes de escrever um dos seus sermões; e a mesma coisa fazia o naturalista Darwin antes de applicar-se aos seus estudos scientificos. Stendhal conta numa carta a Balzac que enquanto compunha a "Chartreuse de Parme", lia todas as manhans duas ou tres paginas do Codigo Civil para ser sempre natural. "Não quero perturbar a alma do leitor com meios artificiaes", accrescenta elle. — (Albert Cim. — *La Revue*, Paris).

RELIGIÃO E SPORT

Ha alguns annos se vem desenvolvendo na Egreja Protestante, nos Estados Unidos, um movimento para dar divertimentos sãos aos fieis, e impedir assim que elles vão procurar-os em outra parte, longe de toda vigilancia. Os resultados até agora alcançados demonstram a efficacia do systema: a egreja e a moral têm obtido vantagens evidentes.

E' assim que a Associação Christian de Moços possui nos Estados Unidos 707 arenas de corridas, 307 campos athleticos, 400 tanques de natção, 4.645 campos de verão. Na diocese da Pennsylvania, 40 das 80 egrejas têm uma arena annexa; 26 parochias têm um jogo de "basketball"; 29 dão frequentes bailes, ás vezes com musicos pagos; 15 possuem lanternas magicas e dão conferencias com projecções; e 4 têm machinas cinematographicas. Em todas as parochias se organisam representações dramaticas. Nem faltam salas de leitura e salas de jogo, jardins para as crianças, campos de "tennis", etc.

Até as pequenas cidades e as aldeias imitam o exemplo dos maiores centros. Em Litchfield, no Michigan, onde a população attinge apenas a mil almas, se estabeleceu um cinematographo para os fieis, jovens e velhos, das tres egrejas que a comunidade mantém. E ha representações, de caracter popular, nas tardes dos sabbados, e de caracter sacro no domingo á noite. No Detroit 22

egrejas têm arenas próprias; seis têm-n'as alugadas; 18 "teams" de rapazes inscriptos em varias parochias se reuniram para formar uma liga de "basket-ball"; e seis egrejas têm mestres de gymnastica, aos quaes está entregue a direcção de todos os jogos. E o dr. J. B. Modesitt, director da Associação Christan de Moços do Detevit, abriu uma escola normal para os socios da A. C. M. que queiram dedicar-se ao ensino da gymnastica.

COMO SE CRESCE

Todos sabem que os homens são mais altos do que as mulheres, mas nem todos saberão que essa differença tem origem no nascimento, e que o recém-nascido masculino é em media, um centimetro mais comprido do que o do sexo feminino. Na idade madura, a differença attinge a dez centimetros, sendo a media da estatura masculina de cerca de 1,68 centimetros, e a feminina de 1,58 cents.

Interessantes estudos realizados sobre o assumpto demonstram que ha alternativas de crescimento e de repouso, mais ou menos prolongados. Enquanto nos primeiros annos de vida, em condições normaes, as creanças são arredondadas, escreve E. Bartels, no fim do terceiro ou do quarto começam inesperadamente a alongar-se, e ao mesmo tempo a emagrecer e empallidecer.

Este é o periodo do "primeiro crescimento". O segundo, mais breve, tem lugar entre os oito e os dez annos. No tempo intermedio, o corpo mais se engrossa do que se alonga.

Stratz dá uma analyse mais minuciosa do processo de desenvolvimento, que se divide em cinco estadios:

- a) periodo do primeiro engrossamento, dos 2 aos 5 annos;
- b) periodo do primeiro crescimento, dos 6 aos 8;
- c) periodo do segundo engrossamento, dos 9 aos 11;
- d) periodo do segundo crescimento, dos 12 aos 16;

e) periodo do complemento e da maturidade, dos 17 aos 25.

Embora essas notas que Stratz apresenta sejam o resultado de investigações aturadas, os de outros autores não concordam bem com ellas. Segundo von Lange e Weissenberg, o periodo do primeiro crescimento não pode ser bem determinado; e Weissenberg observa que o periodo de que fala Stratz é sómente um periodo de "crescimento apparente", em que cessa o engrossamento, e dá por isso a illusão de que a estatura augmenta. Esse autor divide a vida humana da seguinte forma:

- a) periodo de primeiro engrossamento, dos 2 aos 4 annos;
- b) periodo do primeiro crescimento apparente, dos 5 aos 7;
- c) periodo de desenvolvimento lento, dos 8 aos 12 para o sexo masculino, e dos 8 aos 10 para o feminino;
- d) periodo do segundo crescimento, dos 13 aos 18, e dos 11 aos 15 respectivamente;
- e) periodo de desenvolvimento lento, dos 19 aos 26 e dos 16 aos 19;
- f) periodo de estabilidade e do segundo engrossamento, dos 26 ou dos 19 aos 51;
- g) periodo de deperecimento (em que a propria estatura diminue) dos 52 aos 76.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

BRASIL:

CITHAREDO, versos — Araujo Filho — Parahyba.

IMPRESSIONI DI CARCERE, por Arturo Trippa — S. Paulo.

MISTICAS FLORES A MARIA, pelo Padre Leonardo Mascello — Recife.

AMOR AO ESTUDO, palestra literaria pelo dr. Affonso Carvalho — Bragança.

OS MORTOS (educação civilica), por um professor.

VIDA E OBRA DE VARNHAGEN, por L. Amaral Wagner — Sorocaba.

MERCADO DE TRABALHO, do

MONTE ALEGRE: Arthur Ay-
rosa
MONTES CLAROS: José Dias de
Sá
**MATTO GROSSO DE BATA-
TAES:** Manoel Cesario de
Campos
NAZARETH: Olandim Fumes
OURO PRETO: Edmundo Tar-
quinio Pereira e Manoel Cruz
PARAHYBUNA: Paulo Andrade
PINDAMONHANGABA: Benedi-
cto Ribeiro e José Athayde
Marcondes
PIRASSUNUNGA: José Ferreira
de Albuquerque
PINHEIROS: Paulino Pinto
PALMEIRAS: Borba & Villela
PIRACICABA: Pedro Ferraz do
Amaral e Antonio F. de Mo-
raes
PARNAHYBA: Antonio Corrêa
do Amaral
PYRAMBOIA: Luiz Chaguri
PORTO FELIZ: Eduardo Motta
PEDREGULHO: Alfredo Alonso
Galante
PRESIDENTE ALVES: Carva-
lho & Ferraz
PASSOS: José Scalmani
PITANGUY: Luiz Gonzaga Ju-
nior
POUSO ALTO: Philadelpho de
Souza Nilo
PARANAGUA': Rocha & Pican-
ço
PORTO FERREIRA: Lólio da
Silva Oliveira
PARAHYBA: Gonçalves Penna
& Cia. e Francisco Feliciano
PORTO ALEGRE: L. P. Barcel-
los & Cia.; Carlos Echenique;
e Cunha, Rentzsch & Cia.
PIAUHY: A. Carvalho & Cia.
QUELUZ: José de Paula Fran-
ça
QUIRIRIM: Paulo Andrade
RIO DE JANEIRO: Agencia Cos-
mos, Braz Lauria, Araujo &
Lopes e Livrarias Garnier, Al-
ves, Briguiet e Castilho
RIBEIRÃO BONITO: Jorge Fer-
raz
REDEMPÇÃO: Joaquim Braga
Paula
RIO PRETO: Francisco Mesqui-
ta
RIBEIRÃO PRETO: José Sélles
e Verissimo dos Santos
RECIFE: Ramiro M. Costa & Fi-
lhos e Manoel Nogueira de
Souza
S. CARLOS: Dr Carlos da Sil-
veira

SANTOS: José de Paiva Maga-
lhães e André Soares Couto
S. JOÃO DO CURRALINHO: Na-
bor Silva
SANTA ISABEL: Virgilio Wey
SANTA ADELIA: Esmeraldo Fi-
gueiredo
S. MANUEL: Francisco Marto-
relli
S. ROQUE: José Hyppolito da
Silva
S. JOSE' DO RIO PARDO: Any-
sio Baptista de Mello
SANTA CRUZ DO RIO PARDO:
Dr. Alvaro Camera
S. JOAQUIM: Jacomo Cernach
S. SIMÃO: José Luiz de Carva-
lho
SANTAROSA: Americo de Paiva
Pinheiro
SERRA AZUL: José Luiz Carmo
SERRA NEGRA: José Gomes Ju-
nior
S. SEBASTIÃO: Antonio Argino
da Silva
SOCORRO: Aurelio Martins
S. JOÃO D'EL-REI: Bel. Custó-
dio Baptista de Castro
S. THOMAZ DE AQUINO: Alva-
ro de Almeida Coelho
S. SEBASTIÃO DO PARAIZO:
J. Aristheu de Castro e Carlos
Orsi Parenzi
SABARA': José Alves Nogueira
S. LUIZ DO MARANHÃO: Ra-
mos d'Almeida & Cia.
SANTA MARIA: L. T. Barcellos
& Cia.
TAUBATE': Gabriel Nogueira de
Toledo
TREMEMBE': Paulo Andrade
TAQUARY: Joaquim Rodrigues
TATUHY: Antenor Dias da Sil-
va
THEREZINA: A. Carvalho &
Cia.
TAQUARITINGA: Simeão Perei-
ra dos Santos
TARU-ASSU: Nicolau Sinegoa
UBERABINHA: Prof. Honorio
Guimarães
UBERABA: João Ribeiro Bello
VALLINHOS: Hygino Carlos
Stellin
VILLA NOVA DE REZENDE:
José Poli
VILLA ADOLPHO: Augusto Ro-
que
VARGINHA: Joaquim Getulio
Ferreira
VILLA NOVA DE LIMA: José de
Avila Oliveira
VILLA OLYMPIA: Jovelino An-
tonio de Oliveira

As Machinas **LIDGERWOOD**

**Para CAFÉ
ARROZ**

**MANDIOCA
MILHO**

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

**GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua
Turbinas e accessorios para a lavoura**

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

***GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado
e pertences***

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

**Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.**

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua de São Bento N. 29-^C

SÃO PAULO